

ATLANTIDA

CATASTROFE OU EVOLUÇÃO? por Graça
Aranha.

WALT WHITMAN, por Edmond Jaloux.

O PATRIMONIO HISTORICO DO BRASIL,
por Carlos Malheiro Dias.

ANTICIPAZIONI, por Francesco Blanco.

O EXÉRCITO FRANCEZ, por Leite de Castro.

**LE DÉVELOPPEMENT MARITIME ET
L'AVENIT TRANSATLANTIQUE DU
BRÉSIL**, por R. Gaillard.

**OS HORIZONTES FINANCEIROS DE POR-
TUGAL**, por Domingos Menezes.

**LA FRATERNITÉ DE PORTUGAL ET DE
FRANCE**, por Philéas Labesgue.

CRONICA ARTISTICA, por Manuel de Sousa
Pinto.

etc., etc.



ATLANTIDA

Directores: Para o Brasil: JOÃO DO RIO
Para a França: GRAÇA ARANHA
Para Portugal: JOÃO DE BARROS
Director Gerente: NUNO SIMÕES

N.º 38

SUMÁRIO

1919

<i>Allântida</i>	R.
<i>Catástrofe cu Evolução</i>	Graça Aranha
<i>Lettres étrangères</i>	Edmond Jaloux
<i>Paisagens de Portugal</i>	Camara Keys
<i>Asas Inúteis</i>	João de Barros
<i>Le développement maritime et l'avenir transatlantique du Brésil</i>	J. Gaillard
<i>Antecipazione</i>	Francesco Blanco
<i>O Património Histórico</i>	C. Malheiro Dias
<i>O exército francês em tempo de guerra</i>	Leite de Castro
<i>Le vieux monde et les deux Amériques</i>	Comte M. Prozor
<i>Das «Élites»</i>	Joaquim Manso
<i>Fraternité</i>	Philéas Lebesgue
<i>Os horisontes financeiros de Portugal</i>	Domingos Meozes de Jesus

REVISTA DO MÊS

<i>Dr. Miguel Calmou</i>	R.
<i>Crónica artística</i>	Manoel de Sousa Pinto
<i>Mês literário</i>	J. M.
<i>Notas do Mês</i>	J. de F.

NOTÍCIAS & COMENTÁRIOS.

<i>Estoril</i>	
<i>Banco Português e Brasil</i>	

Desenhos de: Saavedra Machado, Raul Lino, Alberto de Sousa, etc.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

PORTUGAL, ILHAS E COLÓNIAS

Um ano (12 numeros) 6\$00

PAÍSES DA UNIÃO POSTAL

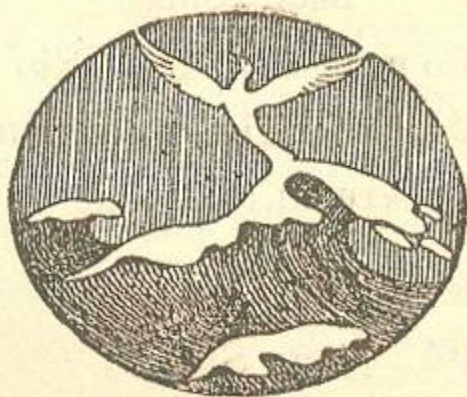
Um ano (12 numeros) Frs. 25

Número avulso em Portugal \$60

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ATLANTIDA

ORGÃO DO
PENSAMENTO LATINO
NO BRASIL E EM PORTUGAL



VOLUME X

ANO IV

N.º 38

ATLANTIDA

ORGAO DO

PENSAMENTO LATINO

NO BRASIL E EM PORTUGAL

ATLANTIDA

DIRECTORES:

PARA O BRASIL: João do Rio

PARA FRANÇA: Graça Aranha

PARA PORTUGAL: João de Barros

DIRECTOR GERENTE:

Nuno Simões

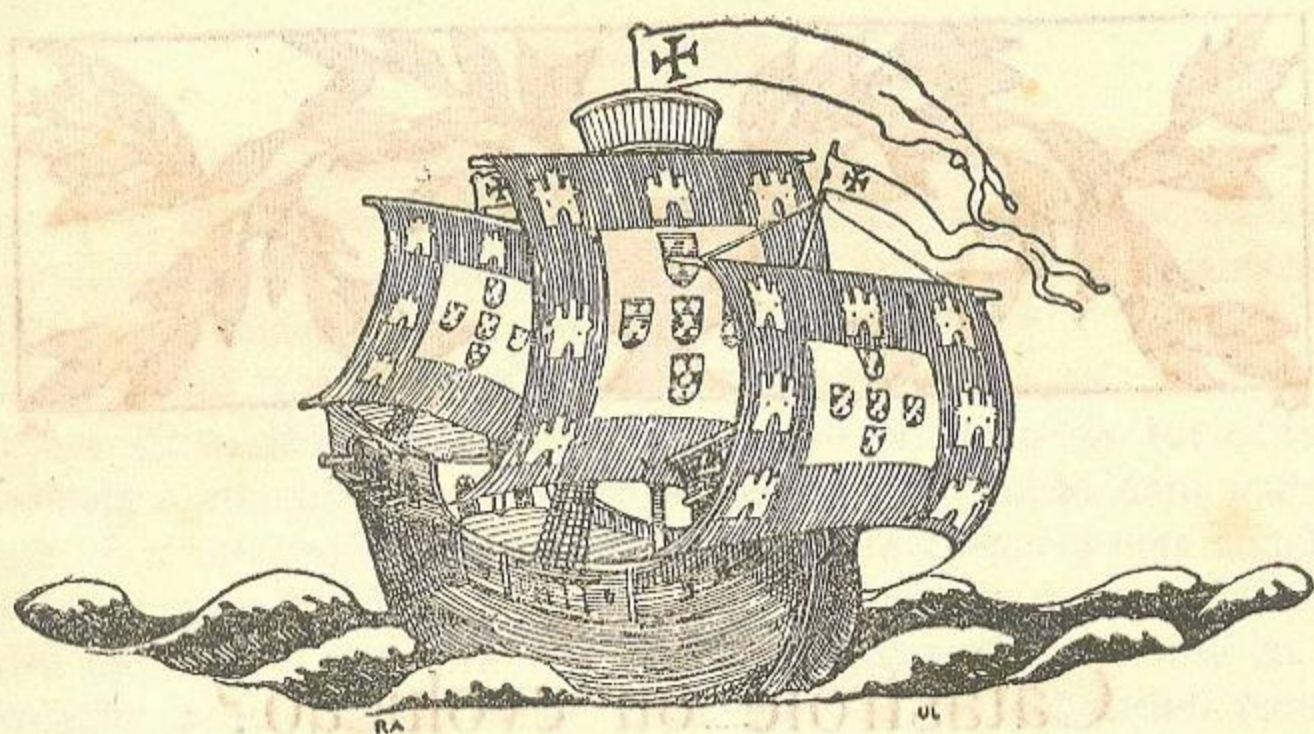
EDITOR: Sebastião Mesquita

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

LIVRARIA BERTRAND

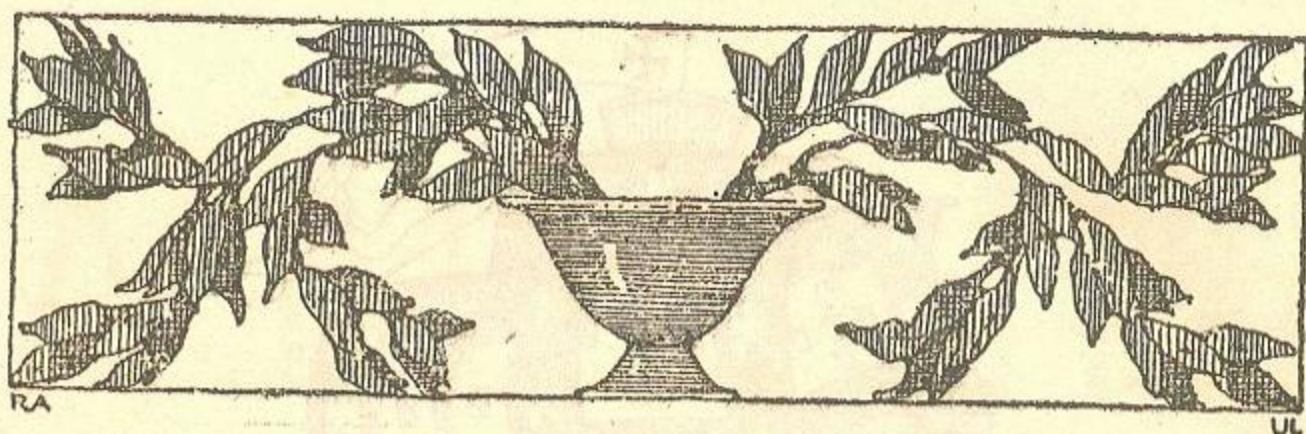
73, Rua Garrett, 75

88 77
IMPRESA LIBANIO DA SILVA, Travessa do Fala-Só, 24 — LISBOA



“ATLANTIDA”

Com a recente viagem do nosso director, João de Barros, a França à Itália e a Espanha, a *Atlântida* conseguiu alargar mais o seu círculo de acção, podendo hoje afirmar que os maiores espíritos de todas as nações latinas trabalham nesta revista para defesa e honra da cultura mediterrânica. É assim que à lista de colaboradores, publicada no nosso último número, podemos acrescentar os nomes de Gabriel d'Annunzio, de Guilherme Ferrero, de Tribusa, o poeta tão popular na Itália, de Francesco Blanco, o jornalista ilustre da *Tribuna* de Roma; o do grande crítico e historiador de arte Salomon Reinach e de Louix Vauxcelles; o de D. Manoel Cocio, universalmente admirado pelos seus estudos sobre o *Greco* e pelos seus trabalhos pedagógicos; o de D. Pedro Blanco, Director do Museo Pedagógico de Madrid; etc. Não vale a pena insistir no valor desta colaboração, e na importância excepcional que ela confere, não à *Atlântida*, mas ao país onde ela se publica, e que assim fica sendo, por seu intermédio, um foco de cultura latina, absolutamente único em toda a Europa.



Catástrofe ou evolução?

Talvez na história da humanidade momento algum fôsse mais crítico do que êste do inverosímil mês de Novembro de 1918. O império alemão, que era a simulação da ordem e o baluarte da ditadura militar, se desmoronara, a velha monarquia austríaca, remontando às origens divinas o prestígio do seu reino na terra, se dissolvera, a decomposição da absurda Rússia asiática se consumara, a democracia, na luta definitiva entre a América e a Europa Central, vencera o imperialismo, o génio latino renascera vivaz e altaneiro, o império britânico, poderoso e inumerável, se afirmara nos mares sem fim e nos continentes disparatados. Jamais a história assinalara acontecimentos tão consideráveis, enfeixados em tão resumido espaço e realizados em tão breve tempo. Assim fechou-se o ciclo de toda a era moderna, que se iniciara com a aparição perturbadora da América em face do velho mundo.

No primeiro instante estes descalabros e estas auroras trouxeram aos homens do Ocidente libertado uma dilatação da esperança. Pouco a pouco a complexidade dos problemas políticos e sociais começou a entrar a anelada paz do mundo, e o desequilíbrio em que ficou a civilização não tardou a mostrar o imenso vácuo, que o absolutismo, desaparecendo, abria diante dos nossos olhos atónitos. Há longos séculos o mundo se havia habituado a esta fórmula política, que pela sua resistência excitava o ardor e aguçava a sensibilidade dos temperamentos liberais. Hoje, que a oposição desapareceu e que nos encontramos excessivamente vitoriosos, tudo nos parece obscuro e extremamente inquietante. Que significa a revolução da Rússia? Para onde vai a Alemanha? Como organizar as nacionalidades que se des-

membraram da Áustria? Que destino terá o intrometido império turco? E diante destas interrogações, que se multiplicarão infinitamente, o espírito humano fica perplexo e uma vaga de pessimismo assoberba o mundo.

A tese dos historiadores pessimistas é simples de mais para ser a síntese duma tão grave e complexa transformação da sociedade. Assinala o afundamento do velho mundo sem a criação dum mundo novo. É a catástrofe total da civilização. Para chegar a esta conclusão apressada, a observação pessimista se prende principalmente à crise da Rússia que será o sintoma revelador da catástrofe ou da evolução da civilização neste caos, em que nos debatemos para a morte ou para a vida. Interroga-se: não é exacto que a revolução russa, depois de pretender realizar rápidamente o programa da Revolução Francesa de 48 e de aspirar ao mais generoso humanitarismo político, veio acabar numa tremenda ditadura militar, sob a aparência duma improvisada aplicação de comunismo impraticável? E quanto à revolução na Alemanha tudo aí não se confunde estranhamente, militarismo e socialismo, aristocracia e democracia, e tal foi a força de mistificação da Alemanha nestes últimos cinquenta anos da sua história, que o mundo ainda não se resignou a acreditar na profundidade e na vastidão da sua revolução? O tumulto ganha as nações vencedoras e se torna universal. Uma furia de guerra ainda agita os espíritos, as cóleras nacionais se misturam e se opõem aos ódios de classes, por longos anos a paz definitiva parece impossível. O espectáculo das nações é o duma imensa catástrofe da civilização, crise de que assistimos apenas ao comêço. E a imaginação evoca a agonia do mundo nos séculos que seguiram à queda do império romano...

* * *

O paralelo histórico, que procura uma semelhança entre a transformação do mundo moderno e a dissolução do império romano, não tem fundamento na realidade dos factos. O império romano foi submergido na invasão dos bárbaros, ao passo que a civilização ocidental dos nossos dias, herdeira e reconstrutora da civilização greco-latina, repeliu a ameaça dos novos bárbaros, herdeiros dos demolidores da civilização latina. Os novos bárbaros tentaram impor ao mundo moderno a fórmula da monarquia militar-feudal, que os bárbaros da antiguidade haviam implantado na Europa. A democracia dos nossos séculos veio desferrar vitoriosamente a fórmula das velhas

democracias gregas. Se a Alemanha tivesse saído vencedora d'êste formidável conflito, então se repetiria em grande parte a catástrofe por que passou o mundo antigo.

Não há dúvida, porém, que esta diferença essencial entre as duas crises não elimina as aparências que apresentam as duas épocas de maior revolução sentimental da humanidade, que foram, na antiguidade, os séculos da decadência de Roma, e na história contemporânea, o período que se conta da Revolução Francesa até hoje. Antes da investida formidável dos bárbaros contra Roma, «a imensa paz do império romano» não era sómente a augusta ordenação política, era também uma perfeita harmonia moral. Por êsse tempo o espírito do cristianismo soprou em todos os ângulos da terra, e a sólida argamassa da construção romana começou a se diluir, e uma nova sensibilidade criou um mundo novo. Assim nos tempos modernos a monarquia do direito divino presidia majestaticamente à Europa, quando o espírito da igualdade e da liberdade veio demolir a rialeza feudal. A revolução não se limitou também à ordem política, ela se alastrou por toda a esfera da inteligência humana, pois coincidiu com o facto mais considerável da evolução nestes últimos séculos, a constituição da sciência biológica, que dissolveu a fé nas origens sobrenaturais da vida e destruiu a superstição científica da hierarquia na natureza, fundada no princípio religioso. O conflito entre o paganismo e o cristianismo no século IV e a luta entre a sciência e a religião no século XIX são casos curiosos de paralelismo na história.

Nestas duas épocas a grande preocupação espiritual é a indagação das origens da vida e a explicação dos mistérios da natureza. Quando as religiões desfalecem, o espírito libertado se vivifica na ilimitada descoberta do mundo. O cristianismo substituindo o paganismo determinou a crise religiosa, que proporcionou a emancipação intelectual dos espíritos da antiguidade. Neste magnífico instante, que é o da passagem dum estado religioso a outro, se assinala a importância do século IV, e o seu estudo é o mais fecundo da história antiga, e seguramente um dos maiores gozos intellectuais dos nossos tempos, ávidos de confrontos e paralelos. Uma esplêndida germinação espiritual o identifica ao século XIX. Em ambas as épocas o misticismo mais transcendente se emparelha com o realismo mais restritamente científico. A explicação matemática do cosmos sobre que repousava a filosofia antiga se amplia pela contribuição das sciências naturais. No século IV aparecem os laboratórios, onde o empirismo começa a ser subordinado ao método da investigação po-

sitiva. O surto intelectual é tão vivo e intenso que, por uma conclusão retrospectiva, se pode afirmar que a evolução mental da humanidade teria seguido a sua trajectoria normalmente e o que só foi afinal realizado no século XIX o teria sido no século IV, se a civilização não houvesse sido perturbada nos seus fundamentos pela invasão da massa bárbara ignara, seguramente o maior cataclismo da história.

Ao mesmo tempo que a evolução científica se acentuava, as divagações místicas eram mais ardentes. Foi o tempo áureo do ocultismo oriental, o momento das heresias excessivas e duma geral sobreexcitação religiosa. Não é singular que também no século XIX, paralelamente ao desenvolvimento das sciências naturais e à filosofia positiva ou panteísta, mil seitas religiosas borbulhassem e uma ânsia de mistério suscitasse o aparecimento dessa miríade de adivinhos, de alquimistas, de astrólogos, de confabuladores de espíritos e duma filosofia de negação científica?

Um idêntico sentimento inspira e move a sociedade humana nestas duas crises do pensamento. O que fez o cristianismo no século IV fez a Revolução Francesa no século XIX revolta contra a ordem clássica, reacção contra o passado, afirmação duma nova sociabilidade. Os espíritos ainda identificados com o passado emigraram, não das suas pátrias, mas do tempo presente, e uma literatura de reaccionários lutou por sufocar a nascente literatura de revoltados. A exaltação moral foi excessiva em ambos estes momentos da história, e um desgosto da sociedade e uma ânsia de volta à natureza se apoderou dos homens, inspira o ascetismo religioso dos primitivos cristãos, e as tebaidas têm a sua imagem moderna nos falanstérios, nas colónias anarquistas dos nossos tempos. O desequilíbrio social foi completo; instituições, sentimentos, ideas se chocam numa grande desarmonia. A reacção do passado não podia deixar de se manifestar nestas crises, que foram a gestação dum mundo novo. No século IV a reacção teve como seu máximo representante êsse enigmático, singular e maravilhoso personagem, que foi o imperador Juliano. No século XIX a reacção se manifestou a princípio na Santa Aliança para mais tarde se personificar no extravagante imperador Guilherme.

Juliano é um dos tipos mais sedutores da história. Tudo nele interessa, mesmo a sua monstruosa hipocrisia. Pelo seu génio de sofista, pelo seu temperamento religioso, pela sua capacidade militar, êsse grande e falso espírito morre aos 34 anos a morte admirável dum filósofo desabusado. A sua reacção contra o cristianismo mostra

a incompreensão do seu espírito retrógrado. Restabelecer o antigo império romano, e com êste o paganismo, era uma tentativa romântica, destinada ao mais completo malôgro. Pela interpretação retrospectiva do seu carácter reconhece-se na sua misteriosa personalidade que êle não pertencia mais ao paganismo, de que se fazia o fanático restaurador. O Oriente havia deformado o seu espírito, o cristianismo vitorioso havia soprado na sua alma as suas virtudes ascéticas. Assim o imperador pagão restaura o culto dos deuses e estranhamente funda severos mosteiros filosóficos em honra de Afrodite. E a sua moral é a moral igualitária dos cristãos, que fizeram da caridade a clarva com que modificaram a sensibilidade antiga e revolucionaram o mundo. Em pleno triunfo ascensional do cristianismo a volta ao passado, segundo a fórmula de Juliano, era um contrassenso, e por isso eivado como êle estava, e como todos estavam, dos novos sentimentos, o paganismo de Juliano era o cristianismo politeísta, como mais tarde o catolicismo foi o paganismo monoteísta.

O imperador Guilherme não é uma figura do mesmo plano intelectual de Juliano. A sua tentativa reaccionária, porém, acentua o paralelismo das suas épocas históricas. Como Juliano, êle também foi necessariamente incoerente. Há nos seus actos uma mistura do espírito antigo e do espírito moderno; representava a aspiração industrial e comercial da Haise e incarnava o princípio divino monárquico-feudal. Esta reacção não podia vingar contra a corrente profunda dos sentimentos da nossa época. A lei essencial da história é a indefectibilidade do progresso. Podem haver perturbações mais ou menos graves, verdadeiros cataclismos sociais. Mas ao lado da destruição há sempre a reconstrução. O paganismo desapareceu para dar lugar ao cristianismo fundando a moral, que facilitou o progresso científico e a paz espiritual. Hoje o absolutismo feudal é eliminado pelo surto da democracia. Eis a função criadora da guerra actual.

E por mais crítica que ela seja, não se compara a nossa época com o longo e tenebroso período que sucedeu ao império romano. Êste foi avassalado pelos bárbaros, o mundo moderno repeliu a barbaria, salvando o patriotismo da civilização. Além desta inversão das situações, que é capital, é preciso considerar que o desastre da humanidade no século IV foi ter sido o progresso espiritual interrompido pela dominação de bárbaros totalmente incultos. Foi a ignorância dos vencedores do império romano que espalhou a confusão no mundo e fez a civilização greco-latina se desnaturar na paradoxal idade média. Ora êste perigo nos será poupado. A cultura se

generalizou por tal forma que os bárbaros, que ameaçam dominar o mundo, são instruídos e que se o govêrno das nações passasse à ditadura proletária, como já sucedeu na Rússia, o progresso científico e industrial não seria interrompido. Uma época de obscurantismo será impossível mesmo nas convulsões políticas mais extensas e profundas. Podem certas *élites* ser substituídas por classes menos cultas, pode haver uma grave deslocação de valores económicos, uma radical transformação da propriedade e em consequência uma revolução política, mas a ciência, a arte, a indústria, enfim o progresso total do espírito humano, não serão entravados e isso é o essencial. Todo o património da inteligência, que foi tão laboriosamente reconstituído e acumulado desde a idade média, será respeitado e permanecerá intacto para a dominação da matéria universal que nos cerca e ainda nos apavora. Pela ciência, pela arte, pela filosofia, cujo vôo não será retido, nós seremos um com o Universo.

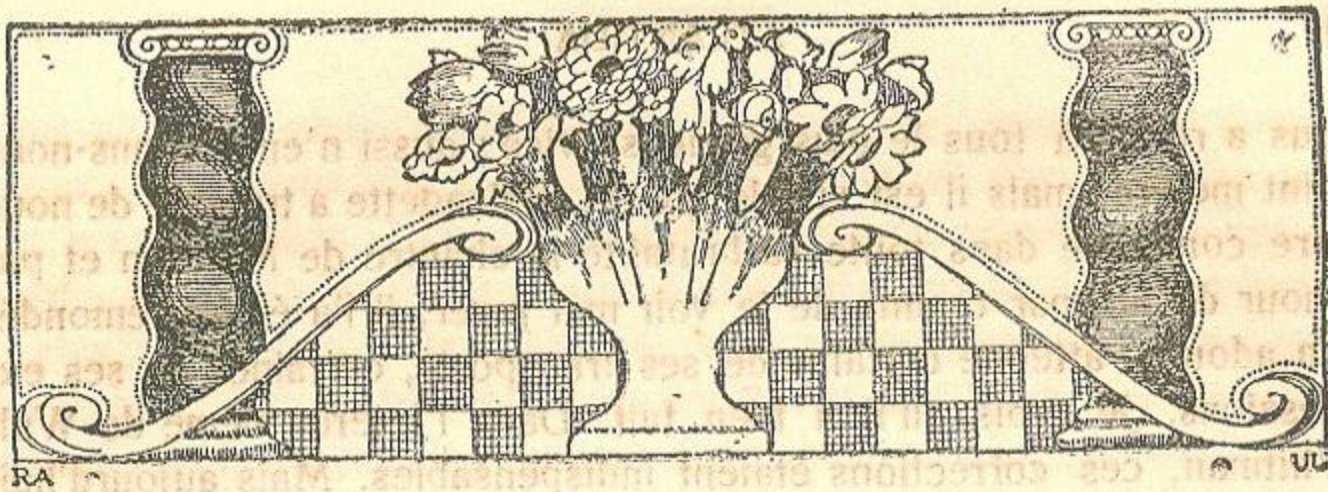
Não havendo uma catástrofe que destrua toda a civilização, haverá fatalmente uma evolução nos acontecimentos que nos envolvem. Por mais tumultuosos que sejam estes tempos, por mais incerta que seja a paz, sente-se que um espírito novo, nascido nesta crise da civilização, vai inspirar a vida humana. O pensamento da Revolução Francesa foi afinal vencedor e se tornou universal. Os povos são livres, senhores dos seus destinos. O historiador deve assinalar no cataclismo, que transmudou a ordem política da Europa, ao mesmo tempo a queda das monarquias de direito divino e a ascendência do princípio igualitário da democracia, que as substituiu. E assim se cumpre a lei da evolução social, que exige ao lado da destruição a reconstrução.

A evolução não será perturbada nos seus desenvolvimentos essenciais pelos perigos do misticismo comunista que procura transformar as bases económicas da sociedade. As questões económicas são de ordem secundária, e, se influem nos movimentos políticos, são principalmente os sentimentos e as idéas gerais que lhes imprimem o ritmo. Resolvido o conflito entre o absolutismo monárquico e o princípio do direito dos povos, resta o formidável embate entre o nacionalismo e o comunismo internacional. A solução dêste enigma máximo da nossa civilização parece todavia indicada nas origens da crise, que determinou a guerra, e no espírito que conduziu esta até o seu desfecho. Combateu-se pela liberdade dos povos, mas combateu-se principalmente pelo sentimento da pátria, que se afirmou victoriosamente. A energia nacional dos povos é tão imperiosa que, in-

saciável e insatisfeita, ameaça a paz do mundo com a instalação da guerra permanente. Não parece que o internacionalismo operário a possa subjugar. Será dentro do quadro nacional que se fará a transformação económica do mundo. Os socialistas, os comunistas da Alemanha se bateram e se baterão contra os seus camaradas franceses ou ingleses. O comunismo russo não fraternizará por muito tempo com os seus correligionários de outras pátrias. Se a ciência e a universalidade da cultura impedem a catástrofe da civilização, as nacionalidades, pela nitidez da sua expressão, pela sua afirmação positiva e luminosa, evitarão nesta crise da história a confusão do caos.

GRAÇA ARANHA.





Lettres étrangères

WALT WHITMAN

L'apparition d'une traduction nouvelle, en français, des œuvres de Walt Whitman, — tout au moins de ses œuvres choisies —, donne un regain d'actualité au grand poète des *Feuilles d'herbe* et nous forçant à l'étudier de nouveau nous offre de lui une image, sinon plus complète, du moins plus complexe, plus humaine, dépouillée en un mot de cette admiration sans lucidité qui n'ajoute rien à l'ampleur d'une figure littéraire, mais retranche beaucoup de la clair voyance de celui qui entend le juger.

Et je note d'abord ici, que cette traduction est la meilleure que l'on puisse lire. Elle est due à MM. André Gide, Francis Vielé-Griffin, Valéry Larbaud, Louis Fabulet, Jean Schlumberger et à Jules Laforgue qui publia en 1887 quelques morceaux de notre poète, alors totalement méconnu en France, dans la *Revue Indépendante* que dirigeait M. Edouard Dujardin. Depuis cette époque lointaine, nous avons eu un grand nombre d'études critiques sur Walt Whitman, la biographie remarquable de M. Léon Bazalgette et sa traduction complète des *Feuilles d'herbe*. Cette traduction qui venait à son heure



nous a rendu à tous le plus grand service ; aussi n'en voulons-nous point médire, mais il est visible que M. Balzagette a tremblé de nous faire connaître dans toute sa brutalité le chantre de Manttan et par amour de lui, par crainte de le voir mal juger, il l'a épuré, émondé, il a adouci, atténué certains de ses transports, certaines de ses expressions. Je crois qu'il a bien fait. Dans l'intérêt même de Walt Whitman, ces corrections étaient indispensables. Mais aujourd'hui, il est nécessaire de juger ce phénomène dans toutes ses manifestations, dans sa vérité absolue. C'est à quoi vient de se vouer la *Nouvelle Revue Française*.

J'ai dit que cette traduction donnait à Walt Whitman une actualité toute nouvelle. Il faut ajouter aussi que ce qui y contribue peut-être plus encore, c'est le rôle joué par les États-Unis pendant la guerre et plus encore depuis l'armistice et dans les préliminaires du traité de paix. Or, la pensée américaine nous est extrêmement fermée, nous avons de nos amis transatlantiques une idée foncièrement artificielle et nous nous penchons vers les écrivains américains avec angoisse, avec curiosité, comme s'ils contenaient déjà une partie de l'énigme qui nous sollicite. En réalité, nous en connaissons très peu. En dehors de Longfellow, de Bret Hart, d'Edgar Poe, d'Emerson et de Walt Whitman, quels noms nous sont familiers ? De ce côté-ci du monde, qui a lu la poésie de Whittier ? Les admirables contes de Nathaniel Hawthorne ont-ils le public qu'ils méritent ? L'œuvre même de l'étonnant Henry James, ce psychologue subtil et ce merveilleux romancier n'a eu aucun retentissement en dehors des pays de langue anglo-saxonne. Enfin il serait intéressant que l'on fît un sort européen à des écrivains comme Georges Cable, Owen Wister, Gertrude Atherton, F. K. Viélé, etc. Cela viendra peut-être. En attendant tenons-nous en à ceux qui se sont mêlés déjà à la vie intellectuelle de notre continent. De ceux-là, pour être le plus récent, Walt Whitman n'est pas le moins considérable.

* * *

La vie de Walt Whitman nous est assez bien connue, sinon dans tous ses détails, du moins dans son ensemble. Il naquit en 1819, à Long Island, dans la ferme de ses parents. Jusqu'à dix ans, il vécut à la campagne, non loin de l'Océan. De là, ce parfum de nature qui devait parfumer toute son œuvre, la netteté et le pittoresque de ses petits tableaux agrestes. Il suivit ensuite sa famille à Brooklyn, qui

était alors en pleine création. A quinze ans, il entra dans l'imprimerie d'un journal local, où il imprima même, et dès cette époque, ses premiers vers. Nous le voyons ensuite journaliste, homme de lettres, conférencier, sans cesser d'être compositeur dans des imprimeries ; il s'occupe de politique, écrit un ouvrage anti-alcoolique, des contes, etc. Il fréquente des reporters, des bohèmes, mais surtout des gens du peuple, cochers d'omnibus, pilotes, pêcheurs, dont il aime la société. Plus tard, il aidera son père comme charpentier à construire à Brooklyn des petites maisons de bois. C'est au milieu de ces travaux, de cette activité que s'élabore le grand poème des *Feuilles d'herbe* qui paraît en 1855, au milieu d'un insuccès complet.

La guerre de Sécession le bouleversa. Un hasard le jette au milieu des hôpitaux militaires de l'Union, il y passe plusieurs années, visitant quotidiennement les blessés, les malades, les soignant, les aimant, écrivant leurs lettres, les entourant de sa sollicitude, les calmant de sa présence, les encourageant de ses paroles. Ce fut la grande mission humaine de Walt Whitman, mais nous verrons plus loin ce qu'il faut en conclure, quelle signification il convient de lui donner. Je ne dis pas qu'on l'ait exagérée, mais on l'a jugée jusqu'ici en dehors des circonstances où elle s'était produite et auxquels les événements récents donnent peut-être une possibilité de plus juste interprétation.

En même temps qu'il se vouait aux épaves des hôpitaux, Walt Whitman acceptait une petite place d'employé au Ministère de l'Intérieur, place qu'il dut quitter à la suite d'une crise de moralisme méthodiste d'un ministre, Harlau, mais dont il retrouva aussitôt l'équivalent au Ministère de la Justice. Il y demeura jusqu'à cette terrible année 1873 où il eut cette première attaque, qui le laissa à moitié paralysé et qui fit de lui un invalide pendant vingt années.

A cet effondrement s'ajouta un grand chagrin : la mort de sa mère survenue peu après. Il devait lui consacrer plus tard les admirables strophes, qui commencent par ce vers :

Aux souvenirs de ma mère à la divine fusion, à la maternité, etc.

Ces vingt années, Walt Whitman les passa à lutter contre la maladie et l'infirmité. Il devait, il est vrai, se rétablir assez pour reprendre quelque chose de son ancienne vie errante, mais de façon bien

précaire et bien diminuée. Et cependant, après de si cruelles heures, la gloire venait peu à peu, l'apothéose qui devait envelopper le poète longtemps solitaire, longtemps abandonné. Les amis de Walt Whitman se chargèrent de lui, lui épargnèrent ce que la misère et la vieillesse réunies ont de trop sinistre. A ce moment l'Europe commençait de s'émouvoir, le sacré grand poète. Cependant, Walt Whitman ajoutait de nombreux livres à ses *Feuilles d'herbe*, écrivait les morceaux si purs, si élevés, si sereins qui en constituent les derniers chants.

Le 26 mars 1892, il mourait après une très longue et douloureuse agonie.

Voilà donc cette pleine vie réduite à son plus simple schéma, voilà le squelette des événements sur lequel s'est formée cette riche incarnation!

Deux courants moraux la parcourent, qui lui donnent son unité; l'amour de la nature, le goût passionné des relations humaines. Ce sont ces deux sentiments que l'on surprend d'abord quand on ouvre les *Feuilles d'herbe*.

De ce livre, la forme est assez connue pour qu'il n'y ait pas à insister sur elle. On sait qu'il se compose de pièces, tantôt très courtes et tantôt longues, le plus souvent moyennes, formées non point de vers réguliers, mais de versets inégaux, pareils à des versets bibliques et qui sont, sous leur apparente simplicité, d'un art habile et subtil et d'une musique raffinée. Mais malgré sa bizarrerie, ce n'est pas toutefois la forme des *Feuilles d'herbe* qui devait leur assurer une telle popularité et un tel rayonnement d'influence. Il y a soixante-dix ans que ce livre a paru et dans le monde entier, et plus particulièrement en France, de jeunes écrivains se laissent gagner plus que jamais par lui et jusqu'à lui emprunter ses formules. Il faut donc qu'il y ait en lui quelque chose d'extraordinaire, de puissant, d'exceptionnellement fécond pour qu'il ait une telle expansion, une telle force de durée. C'est ce quelque chose que nous voudrions analyser ici, que nous voudrions faire comprendre à nos lecteurs en prenant conscience nous-mêmes. Et cela n'est pas aussi aisé qu'on le pense quand on prend soi-même un de ces poèmes et qu'on le lit à haute voix, d'abord surpris, puis très vite gagné par la mystérieuse chaleur, par l'entraînement irrésistible qui se dégagent confusément de ces vers pauvres de réthorique, mais admirablement riches de vie morale et de visions pittoresques.

* * *

Si l'on considère d'abord Walt Whitman comme le poète le plus représentatif de l'Amérique, — un poète qui ne pouvait pas exprimer autre chose qu'une pensée américaine —, il faut voir aussi qu'il est l'avènement de la démocratie dans le lyrisme. Chamfort écrit dans ses maximes politiques : «Moi, c'est un autre, un autre, c'est moi». «Voilà le régime populaire et ses partisans». Et il n'y a pas, en apparence, de définition plus exacte de la poésie des *Feuilles d'herbe*. Et Walt Whitman déclare lui-même :

Je chante le Moi, une personne simple et séparée,
Néanmoins je prononce le mot Démocratique, le mot En Masse.

On ne peut douter, par conséquent, que notre auteur n'ait en un sentiment très juste et très volontaire de ce qu'il voulait célébrer. Qu'il y ait parfaitement réussi ou non, c'est ce que nous verrons plus loin.

Ce qu'il entend chanter, c'est son pays, et non seulement son pays, mais la terre même, le *Cosmos*, comme il dit, en tant toutefois qu'il participe de la nature et de cet état de liberté et de travail passionné, qu'il appelle la Démocratie. Il est lui-même —, ou il se croit profondément démocrate —, il aime le peuple, et non seulement dans son oeuvre, mais dans sa vie. Nous avons vu ses relations étroites avec des pêcheurs, des pilotes, des conducteurs d'omnibus. On a beaucoup épilogué là-dessus, les uns protestant qu'elles étaient innocentes, les autres coupables. Ce sont là des choses qui regardent l'anecdotier, non le psychologue. Le siège de celui-ci est fait d'ailleurs, les actes ne signifiant pas grand'chose à ses yeux. Il est évident que l'origine de l'émotion que Walt Whitman trouvait dans ses amitiés d'homme à homme était physique et sensuelle, il n'y a qu'à le lire pour en être convaincu. Et ce qu'il aimait évidemment dans les beaux gars de peuple, c'était qu'ils étaient plus près que les autres de la nature ; de sorte que s'il a eu des passions de cet ordre, elles n'ont nullement été comme l'on dit anti-naturelles, mais bien au contraire étroitement, forcément naturelles. Elles n'avaient d'ailleurs rien d'exclusif, et il aimait furieusement les femmes. Il se pourrait aussi bien que tant de frémissements d'amour viril fussent demeurés désirs et rêves plutôt que réalités.

Il aime aussi dans la Démocratie sa puissance de travail, ses usines, ses chantiers, ce qui répugne le plus généralement aux poètes. Il a même écrit un chant pour les Emplois :

Un chant pour les Occupations !
 Dans le labour des machines et du trafic et le labour des champs,
 je découvre les développements
 Et découvre les desseins éternels !

Il revient sans cesse à cet amour du travail ; à chaque page de son œuvre, nous le voyons reparaître ; tantôt :

Les forgerons à la poitrine noircie et velue entourent l'enclume,
 Chacun tient en main sa massue, ils sont tous là, le feu donne une chaleur ardente.

tantôt :

Le typographe journalier, à la tête grise et aux joues décharnées, travaille à ses
 casses.

Il retourne sa chique de tabac, tandis que ses yeux se brouillent sur le manuscrit.

On le sent enivré sans cesse de la vision de ce gigantesque pays tout neuf, d'une activité surabondante, où chacun produit à force, où chacun vit et peine avec intensité, et l'on peut bien affirmer qu'à ce point de vue-là, les *Feuilles d'herbe* sont une prodigieuse synthèse de l'Amérique.

Mais c'est dans ses énumérations, que l'on saisit à quel point Walt Whitman avait l'esprit démocratique, et dans ses descriptions aussi et si l'on veut admettre que l'aristocratie suppose l'ordre, le choix, la hiérarchie, on verra à quel point il en est privé. L'absence d'ordre de son esprit a quelque chose de stupéfiant ; tout se vaut à ses yeux ; il se laisse imposer n'importe quoi, et l'inscrit aussitôt, les règnes les plus différents sont mêlés dans sa pensée, les choses les plus diverses s'alignent sous ses doigts avec la même importance. En réalité, au fond du délire qui l'emporte, il y a une sorte d'indifférence pour ce dont il parle, et l'esprit démocratique, le besoin d'*En Masse* se greffant là-dessus, il aboutit aux plus étranges confusions.

Je crois qu'une feuille d'herbe, — écrit-il dans l'admirable *Chant de Moi-Même* —, n'est pas moindre que la journée des étoiles,

Et la fourmi est tout aussi parfaite, et un grain de sable, et l'œuf du roitelet . . .

Et la rose grimpante pourrait orner les salons des cieux . . .

Et la vache qui rumine la tête baissée surpasse n'importe quelle statue.

Dans *les Dormeurs*, cette apathie vis-à-vis de la *qualité* des êtres ou des choses devient plus saisissante encore :

Le bègue, le malade, la créature saine, la laide,
Le criminel qui a comparu au banc des accusés, le juge qui l'a jugé et qui a prononcé la sentence, les avocats abondants, le jury, le public,

Le rieur et le pleureur, la danseuse, la veuve à minuit, la squaw rouge,

Le phtisique, celui qui est atteint d'érysypèle, l'idiot, l'homme à qui on a fait tort.

Les deux pôles et tout ce qui se trouve entre ce point, et eux dans les ténèbres,

Je jure qu'ils sont égalisés maintenant; l'un ne vaut pas plus que l'autre.

La nuit et le sommeil les ont rendus pareils et les ont réparés.

J'affirme qu'ils sont tous beaux.

Mais on voit ici, et pour ainsi dire à nu, le mécanisme de la pensée whitmannienne, et c'est un état d'altruisme lyrique, un élan de communion fraternelle qui donne au poète l'illusion de devenir ce qui excite cet élan et lui fait éprouver, — ou exprimer, ce qui n'est pas tout à fait la même chose —, ce qu'autrui doit éprouver. C'est une nature de Protée; il se transforme en tout ce qu'il voit, et bien souvent, la rapidité de cette intuition est telle qu'il nous semble en effet que cette transformation soit réelle, et non pas seulement un pur jeu de l'esprit.

Dans le *Chant de Moi-Même*, il se représente un esclave poursuivi, assommé de coups, et aussitôt, il fait sienne son émotion, il se voit accroché par les mains aux barres d'une palissade, il remarque que son sang coule, «délavé dans la sueur qui suinte de sa peau», il reçoit sur la tête des coups de manches de fouet. Plus

loin, il dit ce mot terriblement révélateur de son véritable état d'esprit :

Les agonies sont l'un de mes changements de costumes.

Dans *Notre antique feuillage*, il va plus loin encore :

Dans les forêts canadiennes, l'élan, gros comme un boeuf, forcé par les chasseurs, se dresse désespérément sur ses pieds de derrière, et de ses pieds de devant bat l'air, les sabots tranchants comme des couteaux—, et forcé, désespéré devant les chasseurs, je bats l'air.

Ainsi sa poésie n'aura pour ainsi dire qu'une forme unique ; ce sera une énumération ou un tableau, suivis d'une substitution lyrique.

A la première lecture des *Feuilles d'herbe*, on est frappé surtout du caractère évangélique de cette poésie, de sa mission humanitaire, dont le sens mystique paraît accru par ce que m'on sait du dévouement de Walt Whitman pendant la guerre de Sécession. Il semble que le poète se donne à tout et à tous, intarissablement, avec une générosité de cœur, une charité inépuisables. Et l'une des légendes qui entourent Walt Whitman est certainement faite de cette impression. Cependant, si l'on y regarde de plus près, on commence à douter de ce caractère évangélique.

Ce que suis, — avoue-t-il dans le *Chant de Moi-Même*—, se tient à l'écart des tiraillements et des secousses,

Se tient amusé, satisfait, compatissant, oisif,

Regarde en-dessous passer le monde, reste tout droit, ou pose le bras sur un appui certain, quoique impalpable,

Considère d'un œil curieux, en tournant de côté la tête, ce qui viendra ensuite,

A la fois mêlé au jeu et hors du jeu, l'observant et s'émerveillant.

Il ajoute un peu plus loin :

A tout cela, je prête attention, soit au spectacle, soit à la résonnance de ces choses. — Je viens et je m'en vais.

Or, cette attention dont il parle, il vient de la prêter successivement, — également —, au petiot qui dort dans son berceau, au suicidé dont il a examiné le cadavre, à la civière aux rideaux fermés dans laquelle on emporte un malade à l'hôpital, aux gémissements des gens mourant de faim, aux clameurs des accouchées.

Et tous convergent vers moi, et moi je rayonne
vers eux,

Et dans tout ce qui leur advient, je suis eux plus
ou moins,

Et c'est d'eux tous, sans exception, que je tisse
le chant de moi-même.

Saisit-on-ici ce qu'il y a d'artificiel, de littéraire, *d'egoïste*, en un mot, dans cette communion? Voici bien longtemps qu'on se plaît à nous représenter Walt Whitman comme l'homme des temps nouveaux, l'homme qui s'est donné à la vie, à l'humanité, l'homme qui s'est évadé de toute littérature — ou qui ne l'a pas même connue! Or, nous découvrons, en fin de compte, un lyrique de génie dont la source d'inspiration est une sorte de dilettantisme qui lui faisait chercher en toute chose cette réaction de tendresse ou de pitié que lui donnait tout chose vivante, — un frôleur qui glissait au milieu de tout, jouant la comédie de se donner, ne se donnant jamais en réalité —, un magnifique hypocrite de la communion humaine! (Je demande ici aux lecteurs qu'ils prennent ces mots dans leur sens véritable, et en dehors de toute interprétation préjorative).

Notez que Walt Whitman ne s'est pas marié, n'a élevé aucun enfant, qu'il a gardé toute sa vie cette attitude de musard émotionnel et prenez, par exemple, comme type de ce qu'il aurait dû pour réaliser ce qu'on attend confusément de lui Dostoïewsky, par exemple, humain malgré lui, marié deux fois, élevant à grand peine des enfants qui n'étaient pas les siens, Dostoïewsky, qui n'allait pas curieusement d'affection en affection, mais les portait lourdement avec une bonté douloureuse et continue. Aussi, quand il veut exprimer quelque chose d'humain, objectivement, brasse-t-il tout un personnage, le met il debout, l'enrichit-il de toute sa substance, lui donne-t-il le maximum de vie souffrante. Walt Whitman, lui, fait un rapide petit tableau, puis passe à un autre aussi indifférent, — il s'en va, comme il dit lui-même. On m'objectera que Dostoïewsky était un romancier et Walt Whitman un poète.

Je me suis toujours demandé si Walt Whitman n'avait pas une nature de romancier plutôt que de poète. Son processus mental est avant tout d'un romancier, comme sa volonté de devenir un protégé. Peut-être a-t-il été un poète par paresse, par dégoût de l'effort qu'il aurait fallu pour remplacer ces substitutions fulgurantes ; par ces lents, ces patients «changements de costumes» (pour employer une de ses expressions) que nécessite le travail du romancier.

Je n'ai pas employé au hasard le mot de paresse. Walt Whitman était, malgré son activité apparente, extrêmement paresseux. «Il était certainement indolent, écrit à son sujet Valéry Larbaud, prenant la vie comme elle venait, satisfait de donner un minimum d'effort». On objectera le travail dont témoignent les *Feuilles d'herbe*, mais ne confondons pas, on peut appliquer des soins minutieuses à un labeur et avoir une grande paresse d'esprit ; et dans certains cas, même, ce travail minutieux, implacable, apporté à des détails, ne servira qu'à se défendre contre la véritable activité de l'esprit, à masquer sa nécessité. Il n'est pas possible qu'on ne voit pas une grande paresse spirituelle dans l'inachevé, la succession rapide de ces tableaux dont chacun vient apporter un plaisir sensuel à l'imagination de Walt Whitman, dans la manière fugitive dont il traverse toute émotion, et même par un certain côté dans son optimisme.

Cet optimisme, en effet, a quelque chose d'involontaire. Il ne naît point d'une théorie philosophique, comme chez Leibnitz, ni d'une volonté de domination, comme chez Nietzsche, il est naturel, facile, il ressemble à celui d'Emerson, il provient d'abord d'une bonne santé, c'est un optimisme nerveux. Plus tard, il est vrai, Walt Whitman perdra sa santé, mais sans perdre son optimisme, l'habitude en était prise, et le doux et mol abandon de l'homme deviendra peu à peu la haute et fière sérénité du vieillard. Cet optimisme est avant tout un état contemplatif, tout est bien, tout est juste, tout est beau, pense-t-il. Certes, il voit la douleur, — et mieux que quiconque, puis qu'il passe deux ans dans des hôpitaux, — mais il est toujours en dehors d'elle, il demeure en dehors de tout, il est à la fois dans le jeu et hors du jeu. Sans doute, faudrait-il un effort plus grand que le sien pour entrer à fond dans la joie pour s'y donner, pour en souffrir. Il y a de l'égoïsme et de la paresse dans son optimisme, il préfère tout louer que de faire son choix, de blâmer ici ou là. Le bonheur presque oriental d'exister lui suffit, il se penche, sourit et il passe. Voit-on maintenant quel faux démocrate se cachait sans ce poète, quel aristocrate réservé, isolé, à part de tous, il était en réa-

lité, malgré ses affirmations, ses conversations avec ses conducteurs d'omnibus, son amitié pour Peter Doyle, ses visites aux hôpitaux, et saisit-on ce qu'il y a presque d'inhumain, de capricieux, de cruel, dans ce divertissement qui consiste à regarder souffrir l'humanité, à regarder vivre l'humanité, à lui dire : « Je souffre en toi, je vis en toi ! » et à passer.

Je sais bien que la vie de Walt Whitman pendant la guerre de Sécession semble s'inscrire en faux contre cette affirmation et que rien n'a contribué comme elle à créer la légende du Panseur de plaies. Mais nous savons tous maintenant, et par expérience personnelle, que le fait de soigner les blessés et les malades, qui semble exiger un tel effort de dévouement, est en réalité une chose relativement facile à accomplir, surtout dans les périodes troublées, où l'on est, pour ainsi dire, porté soi-même par la force des événements. Le travail de Walt Whitman, d'ailleurs, consistait surtout à visiter les blessés, à causer avec eux, à leur faire la lecture, il ne semble pas leur avoir donné, et sinon fort rarement, ces soins véritables qui sont la partie plus difficile d'une telle tâche. Encore un coup, je ne prétends en rien diminuer le rôle de Walt Whitman, ni douter de la bonté réelle et du dévouement sincère qu'il n'a jamais cessé de montrer, mais je voudrais, en tout ceci, dégager sa physionomie véritable et l'accorder à la musique des *Feuilles d'herbe*. Dans cette circonstance, comme en tant d'autres, il semble que le caractère de Walt Whitman l'ait poussé toujours et partout à ébaucher des sympathies, à faire une entrée rapide dans la vie d'autrui et à en prendre conscience un moment. Il y a une belle formule d'André Gide qui, à notre avis, résume admirablement cet état d'esprit. « Assumer le plus d'humanité possible, écrit-il », Walt Whitman n'a jamais fait autre chose, mais poussé par le démon intérieur qui l'incitait à écrire son livre. Et si nous avons relevé en passant ce qu'il peut y avoir eu de choquant dans cette attitude, elle est complètement expliquée par la grandeur de son but. Et c'est ici que nous touchons au noyau de cet homme en qui on a voulu incarner l'esprit même de la nature, le prophète d'un temps délivré de toute littérature ; c'est-à-dire de toute transcription de la vie écrite seulement en vue de cette transcription. Walt Whitman, citadin dans la plus grande partie de sa vie, homme des foules, typographe, journaliste, était avant et uniquement un homme de lettres. Et nous n'en aurions même pas besoin d'autres preuves que son agitation quand son livre parut (il exécuta tant de démarches pour lui faire un sort qu'il gagna la réputation d'arriviste,

dans un pays qui ne passe pas cependant pour très délicat sur les questions de publicité), et la préoccupation unique de sa vieillesse, qui fut justement le succès, le retentissement des *Femilles d'herbe*. Et notons à cette occasion que ceux que le connurent à cette époque furent frappés de son de son égoïsme, ce qui tend à établir qu'il fut égoïste, au fond, toute sa vie, car nous ne montrons guère dans nos dernières années que l'exagération de ce que nous sommes dans les autres.

Si nous insistons sur cet égoïsme caché, ce n'est certes pas pour diminuer son caractère, mais d'abord pour mieux comprendre le sentiment qui anime son œuvre et ensuite pour admirer davantage le poète, l'homme qui, prétendant se donner à tous avec tant de sollicitude, n'en a pas moins jalousement, farouchement, gardé son indépendance et ne s'est donné qu'à son oeuvre. Et voilà justement ce qui communique à cette œuvre son caractère impersonnel et pour ainsi dire comique. Peu à peu, à mesure que nous avançons dans la forêt formidable de cet ouvrage, nous nous apercevons que l'homme qui l'a dressée devient une sorte d'émanation même de l'esprit de vie.

Ce n'est plus Walt Whitman, un homme de Manhattan, mais une sorte de grandiose témoin de ce monde, ce qu'il appelait un *répondant*, quelqu'un d'aussi fécond et d'aussi indifférent que la nature, celui qui déclarait sans hésiter :

Quelqu'un a-t-il supposé que naître était une chose heureuse ?

Ja m'empresse de lui annoncer que mourir est une chose tout aussi heureuse, et je le sais.

Il est évident que pour mener à bien une œuvre en même temps aussi humaine et aussi dépouillée d'humanité, il fallait devenir autre chose que le consolateur et l'ami facile, tendre et angélique, que l'on a voulu uniquement voir en lui qu'il est plus haut et plus dur, — aussi —, que sa légende.

On en arrive ainsi à considérer dans sa hauteur, dans son dépouillement véritable, dans son indifférence pour ainsi dire centrale ce créateur magnifique. Et quand je dis indifférence, il faut entendre indifférence à l'individu, à l'accident. Tout être ou toute chose pour lui, ne vaut que par l'ensemble de phénomènes dont il est le symbole, et son désir est de voir l'ensemble de ces phénomènes, et tout

en souffrant de l'accident, de le dominer et de se l'assimiler. C'est ainsi qu'il aboutit à ces chants admirables, à ces généralisations d'un si pur lyrisme :

Ce sont là vraiment les pensées de tous les hommes, dans tous les âges et sur toutes les terres, elles ne sont pas particulières à moi !

ou encore :

Je suis aussi vieux que je suis jeune, aussi fou que sage,
Sans me soucier des autres, je ne cesse pas de m'inquiéter,
Je suis paternel autant que maternel. enfant autant q'homme
Rempli de matière grossière et rempli de matière fine.

ou enfin :

Je sais que je suis supérieur au temps et à l'espace et que jen'ai jamais été mesuré et ne le serai jamais.

Magnifique explosion de l'être à sa plus complète, à sa plus fatale puissance, enrichissement et appauvrissement à la fois, glorification de l'homme à l'état pur et pour ainsi dire dénudé de tout ce qui lui donne un caractère individuel !

On comprend quels durent être l'étonnement et l'incompréhension quand parurent les *Feuilles d'herbe*. Un poète se donnait les gants d'innover, — un poète taisait ce qu'on avait coutume de chanter —, chantait soudain ce dont personne ne parlait ! Mais on s'explique aussi cette énorme influence qui grandit toujours et qui fut telle que l'on peut croire un moment que toute une littérature nouvelle allait sortir de lui ; Walt Whitman, cependant, ne peut guère, nous semble-t-il, que forcer des hommes différents de lui à lui ressembler un instant. Il ne suscite rien de continu, n'apportant ni système, ni orientation ; il se contente de nous offrir un exemple, une stabilité éblouie, une stupeur émue, un émerveillement sans progression, ni limites. Il y avait dans cette attitude intellectuelle, dans sa nouveauté, dans le minimum d'effort moral qu'elle représente, dans sa séduction aussi, quelque chose de communicatif qui s'imposa bientôt à bon nombre d'esprits. Pour achever de montrer son empire, ajoutons qu'elle prédispose au bonheur, qu'elle est passive et d'une enivrante exaltation. Aussi dans les divers pays où Walt Whitman pénétra, se répandit-elle e comme un feu qui court sur les feuilles sèches.

En France, cette influence se fit sentir à la fin du symbolisme. Jules Laforgue et Francis Viéélé-Griffin lui donnèrent chez nous droit de cité ! Ce fut comme un grand souffle d'air pur qui entra dans les tapisseries aux tons sourds qui formaient le décor de la poésie symboliste. Au milieu de ces raffinés, Walt Whitman apparut comme un grand barbare qui apportait un sens nouveau, — un sens véhément —, de la vie. Les naturalistes qui suivirent les symbolistes (entre 1896 et 1900) se réclamèrent de Walt Whitman, les cubistes qui forment aujourd'hui un groupe turbulent le traitent comme un de leurs maîtres. (Je nomme l'un d'entre eux, Blaise Cendrars, l'un des mieux doués et aussi un de ceux qui lurent de plus près les *Feuilles d'herbe*, et jusqu'à faire, lui aussi, ces sèches énumérations qui servent souvent au poète de thème lyrique, comme elles servaient à Rabelais d'arabesques bouffonnes).

Mais les maîtres français qui l'ont le mieux subi sont certainement Paul Claudel et André Gide. Claudel lui doit la forme même de son vers, cette laisse inégale, scandée par un rythme différent de l'alexandrin, strict ou libéré, certaines images, un peu de son ingénuité, de sa curiosité puérile devant la vie, Gide, une part de son optimisme, le lyrisme de son retour aux champs et cette étrange et pénétrante poésie qu'il met dans n'importe quelle constatation, dans le fait seul d'exister. *Les Nourritures terrestres* sont en quelque sorte les *Feuilles d'herbe* d'un Français. Mais les *Feuilles d'herbe* étaient le produit spontané d'un Américain très près de la nature et grand lecteur de la Bible ; les *Nourritures*, le travail de libération d'un civilisé trop lettré et qui veut tout oublier de lui-même en lisant la Bible... et les *Feuilles d'herbes* !) Seulement Claudel et Gide, une fois subie l'influence de Walt Whitman, continuent leur route qui les éloignera de lui, et l'homme de Manhattan, toute sa vie, demeurera le prisonnier, d'ailleurs chaque jour plus fier, chaque jour plus serein, de sa formule affirmative. Il est vrai aussi que l'influence de Whitman vint mêler son courant à celui de Nietzsche, à celui d'Ibsen, ce qui fait qu'on ne sait plus bien ce qu'on retrouvera d'elle dans un Émile Verhaerem, en Belgique, dans un Gabriele d'Annunzio, en Italie.

C'est en Allemagne que cette influence, mêlée à celle des plus récents poètes français, suscita le plus d'imitateurs, et entre autres, Ernst Lissauer, Alfonse Paquet, Wilhelm Schmidtbonn, Franz Werfel. (Quelques-unes des pièces de Paquet sont de véritables *décalcomanies* des vers du grand Américain). Joannes Schlaf qui publia un

considérable essai sur Walt Whitman est un de ses disciples les plus ardents, comme Stefan Zweig. On peut dire que presque toute la jeune poésie allemande de 1890 à 1910 fut la postérité de Baudelaire, de Verlaine et de Walt Whitman. Et nous pourrions, si nous en avons le loisir, parcourir de même bien d'autres pays !

Ce qui frappe le plus dans cette énumération, c'est le caractère plus universel de la littérature ; non point qu'elle s'internationalise, Walt Whitman, nous l'avons vu, est essentiellement Américain. Mais il se fait une si rapide évolution des idées et des sentiments que chaque homme représentatif crée aussitôt une action chez les siens et dans le monde entier. Les intellectuels de partout sont de plus en plus avides de s'enrichir de toutes les personnalités, même les plus étrangères, pourvu qu'elles soient riches. C'est ce qui est arrivé à Walt Whitman.

Et cela lui est si bien arrivé, qu'à peine introduit en pleine gloire, il y apparaît déjà tout brouillé de légende et moins soi-même qu'un prophète, — ce prophète que beaucoup réclament parce qu'ils ont besoin de lui. Nous avons essayé de le dégager de cette légende, sans iconoclastie, mais sans aveuglement. Mais qu'elle soit plus ou moins légendaire, sa figure n'en demeure pas moins celle d'un des plus grands poètes du XIX^{ème} siècle, — et en même temps d'une sorte de phénomène humain dont on n'avait jamais vu d'exemple jusqu'ici.

EDMOND JALOUX.



Paisagens de Portugal

III

NA EXTREMADURA PORTUGUESA

Nos arredores de Lisboa, a paisagem dos meados de Setembro é toda de campos já ceifados, em cuja planura rasa as oliveiras arredondam a sua copa cinzenta e triste. No céu límpido e quente desgrenham-se os últimos farrapos de névoas. Os povoados rareiam, de momento a momento. E as colinas baixas, mal cobertas de vegetação pobre, vão-se sumindo em ondulações que morrem por fim nas lezírias extensíssimas do Ribatejo.

Ao sol da manhã, o rio fásca alegremente, enrugado pelas brisas ligeiras. Velas brancas e vermelhas descem a corrente, ao favor das aragens tranqüilas. Montes de sal levantam-se à beira da linha. E, na planura ilimitada, passam, de quando em quando, manadas lentas.

Um campino, de vara erguida, surge ao longe, num cavalo que galopa à desfilada, e logo se some, como embebido na vastidão intermínua da planície.

Começam os olivais mais cerrados, grupos de pinheiros, árvores de pomar à borda de frescos açudes. O terreno, enfeitado de frones viçosas, ora se afunda em azinhagas a que as sebes dão sombra, ora assoma em outeiros coroados de casais brancos.

Santarém já ficou para trás. Pelas encostas, ou aninhadas em vales que toalhas de água refrescam, povoações miódas e pobres adormecem à calma silenciosa do meio-dia. O sol, na maior altura, esbraseia a atmosfera imóvel. E, quando entramos na estrada de Tomar, a poeira espessa paira no ar sufocante e abate-se na folhagem baixa das figueiras e dos vinhedos crestados. Todos os campos em

volta, brancos de pó, queimados de sol, têm uma côr alvacenta, uniforme, de terra flagelada pelos braseiros estivais.

Mas, ao chegar à cidade, no cotovêlo da estrada donde se descobre o vale ridente, a paisagem repentinamente muda e toma um brilho límpido e suave. O céu lavado, as verduras macias sob que o Nabão se vai insinuando, os vinhedos orlados de canaviais esguios, os pinheiros mansos inclinados pelas vertentes das colinas cultivadas e os casais entre pequenos vergéis regados de veios de água avultam no ar brando do entardecer, como uma terra de promessa, de populações felizes e vegetações alegres.

Na subida para o convento, o panorama alarga-se em montes distantes, dum azul intenso sôbre o azul descorado do céu. Dois renques sinuosos de salgueiros, seguindo a curva irregular dos vales mais fundos, marcam o leito do rio. A cidade tem o aspecto banal dos quarteirões pombalinos, no cruzamento das suas ruas perpendiculares, monótonamente alinhadas desde a várzea pequena à várzea grande e da margem do rio ao sopé da colina onde se erguem o castelo e o Convento de Cristo.

Os retoques, as construções e mutilações respeitaram a janela da Casa do Capítulo, sob a qual avulta o tronco humano e os cabos grossos repuxados pelas duras mãos do marinheiro, lembrando a rude faina das naus. Êsse cordame enovela-se na decoração da cercadura, cingindo-se aos troncos de árvores, sumindo-se sob florões sumptuosos, orlando a malha das rêdes, incrustando-se de conchas, abraçando-se aos colunelos onde as alcachofras florescem, perdendo-se em nós, em curvas, em rolos de trança, ao longo dos cintos de salvação, por entre os grossos aros de cortiça, e coleando, sem simetria, num maravilhoso arrôjo decorativo, pelos frisos da muralha, nas bases do frontão e ao longo das tôrres rendilhadas. Com a flora portuguesa, troncos, hastes e flores das prados e dos montes, a enfeitou o artista exuberante. Com insígnias e símbolos esculpiu a recordação das glórias memoráveis, na pedra, negra dos séculos e lavada de musgo. Os aparelhos de náutica celebram as viagens brumosas dos séculos desvanecidos, a caminho do sul, do oriente e do ocidente.

E, ao alto, as velas desfraldadas e iluminadas pelo sol no ocaso, lembram as tardes em que, da Ribeira das Naus, partiam as caravelas aventurosas. O aspecto cruel dessas eras bárbaras e gloriosas quási se desvanece, na distância dos tempos. E a nostalgia do passado — do terrível e magnífico passado de conquistas, de pilhagens

e de sangue — parece querer acordar, numa hora de alucinação e de sonho, amortecendo a apagada tristeza da nossa existência sem aspirações.

Mas é o próprio entardecer evocador que acalma os devaneios estéreis e irreais.

O sol vai-se sumindo atrás duns cerros coroados de pinheiros mansos. No fundo rutilante do céu, as copas redondas são dum verde macio em que se espriam vagos clarões de ouro. O ar está muito calmo e transparente. Sob o parapeito da muralha sussurram águas de rega, alastram-se as folhagens tenras de pomares floridos. E, para o oriente, o dorso ondeado das colinas vai fugindo, vai-se sumindo na treva, ora baixando até os vales verdejantes, ora alteando-se em outeiros vestidos de pinhais. Nas várzeas, a água do rio esconde-se sob o dossel das largas romarias.

Quando desço ao povoado, é quási noite. A corrente do Nabão rumoreja brandamente nos açudes. As noras inundam os canteiros fluorescentes das margens. Vêm raparigas da fonte, em passos lentos. Ouvem-se chamamentos muito claros no silêncio do vale. E, dum lavadouro, ao longe, ergue-se uma voz de mulher, pura e límpida como um canto de cotovio no raiar da alvorada.

Os galos de Tomar acordam-me às seis horas da manhã, quando, na quinta fronteira à minha janela, o nevoeiro ainda veste de musselinas transparentes os troncos das árvores, as hastes dos arbustos e a corola dos gerânios.

Mas, a pouco e pouco, a névoa esgaça-se e o sol dardeja no azul sereno do céu, nos campos verdes, no límpido remanso do Nabão. O rio, sôbre que se debruçam frondes beijando-lhe a corrente, leva a água clara dos dias de verão, espadana nas rodas das noras e nos pés das pontes, e vai sumir-se ao longe, em curvas, pela planície viçosa.

Todo êste vale, de brandas folhagens e suave murmúrio de fontes, é cheio de frescura, de aromas e de ninhos. Mas já ao subir as primeiras encostas, a caminho de Leiria, rareiam as hortas e os pomares. A estrada corta um terreno acidentado, com fundos de montanhas sôbre que se alongam pinhais, e colinas pedregosas onde escassamente medra a urze. As oliveiras cobrem de cinza as faldas incultas dos outeiros. E a serra de Minde, à distância de léguas, resalta, na atmosfera transparente, sôbre o azul desmaiado do horizonte, com uma côr intensa de violeta.

No emtanto a estrada embrenha-se por pinhais de ramaria alta, e

os troncos direitos, lisos, parecem, à nossa passagem, dansar numa sarabanda fantástica e doida, emmaranhando-se numa ronda de vertigem, volteando e juntando as copas tresloucadas.

Para lá de Ourém, atravessamos logarejos com nomes pitorescos: Carregueiros, Chão de Seiça, Escadeirão. No vale de Sume, sôbre que descem duas vertentes abruptas, o sol começa a declinar. E até Leiria, na luz amortecida que ilumina as faldas e os cabeços, pinheiros mansos, pinheiros bravos, pinheirais extensíssimos, cobrindo montes e vales, alongando-se nas planícies e trepando por morros pedregosos, trazem à lembrança o rei lavrador que, segundo conta a tradição, por estes campos e terreolas, além de penisco, semeou muitos amores fecundos.

O entardecer, do alto do castelo de Leiria, é duma serenidade suavíssima. Dir-se-ia que o crepúsculo se vai imobilizar nesta meia luz, avivada pelo sol para as bandas do mar. Na pureza sem névoas do horizonte, avista-se nítidamente, ao longe, o Atlântico, nas alturas da Figueira da Foz. Até lá desenrola-se uma planície levemente ondulada, com povoados modestos. O Lis some-se na sombra dos arvoredos.

Na colina fronteira, avisto o cemitério onde o padre Amaro se distraía das saúdaes de Amélia, lendo os epitáfios em verso. E logo os meus olhos encontram, em baixo, na clareira do adro, a frontaria da Sé Nova, em cuja sacristia êle lhe lançou sôbre os ombros um manto de Nossa Senhora. Evoco os episódios do romance; a casa da S. Joaneira, as tribulações do João Eduardo, o jantar dos padres, o tipógrafo revolucionário e o Carlos da botica, irmão gémeo do Mr. Homais... Justamente, ao descer do Castelo, vou parar ao adro da Sé, deserto a esta hora. Na farmácia, em que, há quarenta anos, Eça de Queiroz estudou o boticário, acabam de acender as luzes e vê-se o fundo da loja, com as prateleiras antigas, a mesa e as cadeiras com mais de meio século de casa. Nos azulejos da fachada, meditam Sócrates e Hipócrates. E, num prédio próximo, está aberta uma janela que é, parece-me, aquela donde o sr. administrador do concelho «depravava a mulher do Teles».

De repente, surgindo duma viela, no momento em que recorro com mais nitidez as scenas do romance, passa uma figura de homem, espevitada e reboluda, com um ar amedrontado e esquivo no crepúsculo escuríssimo. É o Libaninho, com certeza!

Pela fresca da manhã suave e clara, vêm da fonte as raparigas. Leiria parece-me uma terra de lindas mulheres e vou pelo caminho

a lembrar os versos da alvorada, quando Leonor vai para a fonte — *vai fermosa e não segura...*

Como o nevoeiro se desvaneceu, mesmo sôbre as águas do Lis o ar é duma transparência muito pura. Os arvoredos estão imóveis e, nos seus ramos, só se agitam e cantam as asas e as vozes dos ninhos. A cidade vai acordando. Ao alto da casaria acidentada, nas fendas das muralhas, das ameias e dos torreões desmantelados, do castelo, insinuam-se os duros arbustos das ruínas, que avultam no azul vivíssimo do céu, como uma clara visão da idade média, numa esbelta e festiva iluminura.

A paisagem da Estremadura, sem ter a exuberância da paisagem minhota, é muito viçosa e fértil. Neste calmo mês de Setembro, as côres dos campos avivam-se ou desvanecem-se em gradações subtis. Há assim o verde claro dos vinhedos e dos freixos, o verde desbotado dos canaviais, o verde-negro dos pinheiros, o verde cinza dos olivais, a par do azul alvacentado do céu e do azul profundo das montanhas distantes. Nesta variedade de côres, alvejam as tranças dos regatos, os lameiros quási secos, o dorso coleante das estradas, os morros das herdades e as velas dos moinhos.

Os carvalhos antigos levantam as braçadas vigorosas, enfeitadas por uma folhagem miúda.

É o tempo das vindimas. Da orla das estradas, algumas mulheres oferecem-nos, sorrindo, os cachos louros. Junto às celhas altas, onde se deita a uva escolhida, rapazitos, de pé nos carros e encostados aos fueiros, lembram o deus Baco, adolescente e jovial, mostrando, no rosto corado e nos olhos vivíssimos, no gesto e no claro riso, a violenta e acre alegria do vinho.

As vindimas não têm aqui a feição turbulenta de cantos e ranchadas ruidosas. Na paisagem em silêncio, raro se ergue uma voz, cantando na faina delicada da colheita. É uma festa do trabalho, serena, harmoniosa e lenta, vagamente melancólica.

Nos povoados, das adegas abertas, onde o vinho fermenta nas dornas, vem um cheiro forte, a mosto. As galinhas esvoaçam assustadas, ladram os cães à porta das herdades e no rastilho de poeira do trem. Às janelas de casas pobres, as crianças e as senhoras comadres espreitam, ao ouvir tropear os cavalos.

Na Batalha, em frente do convento, há um hotel modesto, que a gente gananciosa de Leiria e Alcobaça não inculca aos «touristes». Nessa hospedaria vim encontrar uma rapariga adorável, que aqui nasceu e se criou como uma maravilhosa e sumida flor rasteira. Não

serei eu quem, romântica e apaixonadamente, atribua à influência do monumento a sua mimosa graça. Nem os gestos sobrenaturais dos santos, nem a augusta solenidade das naves, nem o fino lançado dos arcos e das cúpulas, influíram na formação dessa alma cândida e simples.

Parece-me mais uma obra-prima do sofrimento. O rostinho calmo, branco, em que os olhos negros e largos estranhamente fulgem, a dor o modelou, a dor o purificou. Decerto a grande nave da igreja, quando ela lá vai de tempos a tempos, atravessando as lajes do adro antigo, lhe dá uma beleza maior ao rosto mortificado, acordando-lhe místicos e vagos anseios. Mas os olhos, a boquinha triste de sofredora resignada, são duma doce criatura sacrificada num convívio boçal.

Nem o seu nome fiquei sabendo. É filha da hospedeira e a mãe, enfarruscada e rabugenta guardadora da despensa e da cozinha, trata-a, e a todos os irmãos, com modos desabridos. A linda rapariga habituou-se a ajudar à mesa a criadita, embaraçada, com um ar assustadiço, entre a freguesia numerosa. Vem ela então, senhoril e modesta, servir-nos como uma rainha santa que, em vez de transformar as esmolas em rosas, as mudasse em carne tenra, em vinho claro e em frutos saborosos... E posso vê-la bem de perto, quando os seus olhos castos se erguem naturalmente, a perguntar que queremos mais. São dois olhos negros, negros, muito profundos, muito tristes, muito meigos, com as pupilas muito largas. Sobre a pele macerada, nas fontes, descem dois bandós também muito negros. A bôca, com duas rugas de amargura aos cantos, é puríssima. E o queixo encurva-se suavemente sob os lábios vermelhos.

Não julguem que estou plagiando, ao «Sonho» de Zola, a figurinha da bordadora, tão frágil, tão etérea, que, no dia do noivado, expirou, dando ao príncipe, num beijo, lábios com lábios a sua alma fiel de amorosa. Não inventei a melancólica menina da hospedaria. Se algum dia forem à Batalha, talvez ainda lá a encontrem, tímida e senhoril, na sala de jantar, banal e triste, em que vai desfiando monótonamente o rosário enfadonho de seus dias...

.....

Ao entrar a porta da igreja, há um silêncio augusto nas naves altíssimas. Uma impressão de mistério, de paz, de melancolia e de grandeza, evoca os tempos de fé, de heroísmo e devoção. Como os obreiros da meia idade sabiam realizar, na pedra dura, os seus sonhos, as suas orações e os seus feitos! Neste momnumento, de can-

taria clara como o sol rutilante de Aljubarrota, perpetuam-se glórias e fervorosas rezas. Êle recorda a figura de cavaleiro monge que, nos dias de trabalhos profanos, ajoelhava a implorar a bênção de Deus. Ao olhar os claustros, ao entrar na Casa do Capítulo, onde, a um canto, espreita a figura de Afonso Domingues, ao visitar as capelas imperfeitas, ao alongar a vista pelo panorama que se enxerga dos terraços — prometi a mim mesmo voltar, para uns dias de estada serena, a ler, sob a abóbada destas naves e ao fresco murmúrio das águas no claustro de D. Manuel, a ingénua e formosa «Crónica do Condestabre». Revê-lo-hei, o herói magnâmico, de face ainda imberbe, a sonhar com novelas de cavalaria. Mais tarde, nos campos dos prélios imorredoiros, a sua espada refulgirá como um gládio de arcanjo. Nos derradeiros anos, imaginá-lo-hei, humilde e puro, esmoler e cândido, com as mãos limpas de desejos torpes ou pecadoras ambições, no seu hábito escuro de carmelita...

.....

Uma hora depois, já a tarde vem descendo, atravessámos os campos de Aljubarrota. A paisagem é triste, um pouco árida, e as povoações rareiam. Os pequenitos, num gesto vil de escravos, ajoelham ao aproximar do carro e afadigam-se depois, a correr à portinhola, pedindo esmola. Nos terrenos acidentados os pinhais recuam para as encostas de colinas distantes, deixando a descoberto vertentes e planuras quási incultas. E os campos só voltam a animar-se de côres vivas, quando aparecem os vinhedos alegres de Alcobaça.

O Convento de Alcobaça, com a sua frontaria trabalhada por artífices duns poucos de séculos, tem a grandeza imponente e abacial dos tempos fradescos e esmoleres, em que os monges escreviam crónicas, distribuíam, à portaria, o pão e o caldo dos pobres, e levavam uma plácida, desafogada e quieta vida de oração, de devaneios e preguiça.

Essa existência ainda teria mais encantos nos nossos dias de agitações estèreis e de lutas quasi infecundas. Quantos, dos que mais conheceram o trabalho, a ambição e o prazer, não têm pensado em lançar sôbre o rosto um capuz escuro, envolver o corpo numa samarra de estôpa e acabar os seus dias a folhear manuscritos macegados pelo tempo, ou a ver o lento, o triste correr da água no tanque dum clustro de colunas musgosas e ajardinado com pés de roseiras e renques de buxo?

Dizem que os próprios desejos carnaes morriam e que as figuras formosas, de mulheres conhecidas outrora no tumulto do mundo, se

desvaneciam na memória dos monges, suavemente, sem torturas de tentação, como o fumo vaguoso dum lar se adelgaça no céu, pelo entardecer.

Parece que a perfeição ascética era, por fim, inexcedível, pois os olhos, de amortecidos, se tornaram mais baços que um muro mal caiado, e o coração chegava a bater só por hábito, frouxamente, como um pêndulo enferrujado. E o resvalar da vida para a morte era suave, e lento, lento como um crepúsculo de estio.

Mas os monges de Alcobaça passaram já. Desde a alvorada ao anoitecer, o clangor estridente das cornetas rasga o silêncio das abóbadas.

Êste convento teve sempre um ar de fartura e alegria. Na cozinha enorme escachoa um rio, de lado a lado. O refeitório é formidável. A própria igreja, de formosíssimas naves, não convida às melancolias e ao misticismo, como a da Batalha. Só no claustro românico nos invadem as deliciosas saúdades e os temores subtis do passado.

¿ Sabem a história, misturada de lenda, da fundação do convento, que contam os azulejos da sala onde puseram o caldeirão de Aljubarrota?

Convidou Afonso Henriques a S. Bernardo para fundar o convento e veio o beato varão de Claraval. Colocaram os monges as linhas, segundo as condições do rei, a demarcar o lugar onde se ergueriam as paredes. Mas, de noite, *tacitae per amica silentia lunae*, eis que anjos ligeiros, descidos decerto num raio argentado de luar, as mudaram para o sítio onde se ergue hoje o mosteiro. No dia seguinte o rei e os monges procuraram-nas, atónitos do sumiça milagroso. Não se lembrou Afonso Henriques de atribuir aos frades astuciosos o milagre das linhas.

Os túmulos de Inês e de D. Pedro, mutilados pelas coronhas brutais das espingardas francesas, durante as invasões, são uma pura maravilha no acabamento e na expressão das figuras e dos grupos. Nas faces do túmulo de Inês historia-se a vida de Cristo, no de D. Pedro a de S. Bartolomeu. As figuras dos apóstolos, certa figura da Mater Dolorosa, alguns dos Cristos — cuspidos pelos judeus, vergado sob a cruz, crucificado no madeiro — são duma beleza cheia de serenidade, de mortificação, ou de dor. No tampo do túmulo de Inês, junto à cabeceira onde os seus cabelos formosíssimos se desnastraram, o Juízo Final, esculpido em dois palmos de pedra, ressalta animado e trágico, com os eleitos que sobem para o céu radioso e a coorte

angustiosa dos condenados, que se atropelam sinistramente, sob o gesto implacável do Cristo e o olhar piedoso e inútil de Maria.— Nesse dia, em que a trombeta de Josaphat acordar todos os mortos da terra, os dois amantes, erguendo-se a sorrir, lábios com lábios, olhos nos olhos, as mãos entrelaçadas, desdenharão as alegrias do céu ofertadas por Deus, pelo paraíso inefável e eterno do seu amor, em que há a doida chama do idílio de Romeu e Julieta e o filtro mortal e fantástico com que Isold tornou louco a Tristão e a si se enlouqueceu.

.....
Fundou-se e cresceu Alcobaça num vale fresquíssimo de fartas correntes e espessos arvoredos. À noite, na tréva, ao longo dos caminhos, sussurram águas de ribeiros e de fontes, cuja espuma mal rebrilha na sombra dos valados. E a folhagem alta dos choupos, dos freixos, dos ulmeiros, imóveis na atmosfera límpida e calma, deixa entrever no céu negro o clarão remoto das estrêlas.

De manhã, à luz do sol, toda a paisagem, exuberante, tufada, viçosa, proclama a soberana e fecunda excelência das nascentes. Fios de águas, que mal abrem sulcos tímidos, vão-se espriar em largas toalhas nas verdes pradarias. Lameiros cobertos de ervagens altas alimentam hastes floridas. Rumor de água, murmúrio de água, frescura de águas — fazem, dêste vale espriado e alegre, [um torrão produtivo e magnífico, semeado de culturas esplêndidas. No campo de Maiorca e do Valado, a planura vastíssima abre-separa um horizonte longínquo e raso.

Perto de S. Bartolomeu — cujo ermitão morreu já — os pinhais vestem novamente as colinas. Começa a sentir-se uma aragem sadia e acre, salgada e fresca. E, repentinamente, do alto duma encosta íngreme, até no mar, avista-se a superfície scintilante do Oceano, alegrado de velas, e, em baixo, num alinhamento de ruas que desembocam na praia, a alva casaria de Nazaré. Para a esquerda avulta um fundo de montanhas, cuja côr as névoas do Atlântico esbatem em tons de violeta desmaiado. O areal extensíssimo, muito plano e suave, reluz, franjado de espumas.

Por uma manhã assim límpida, não precisaria o cavaleiro do auxílio da Virgem, para se não despenhar da rocha altíssima.

Mas o diabo, disfarçado em caça inocente, soube escolher uma madrugada de espesso nevoeiro e trazer-lhe o cavalo a galope até a borda do precipício.

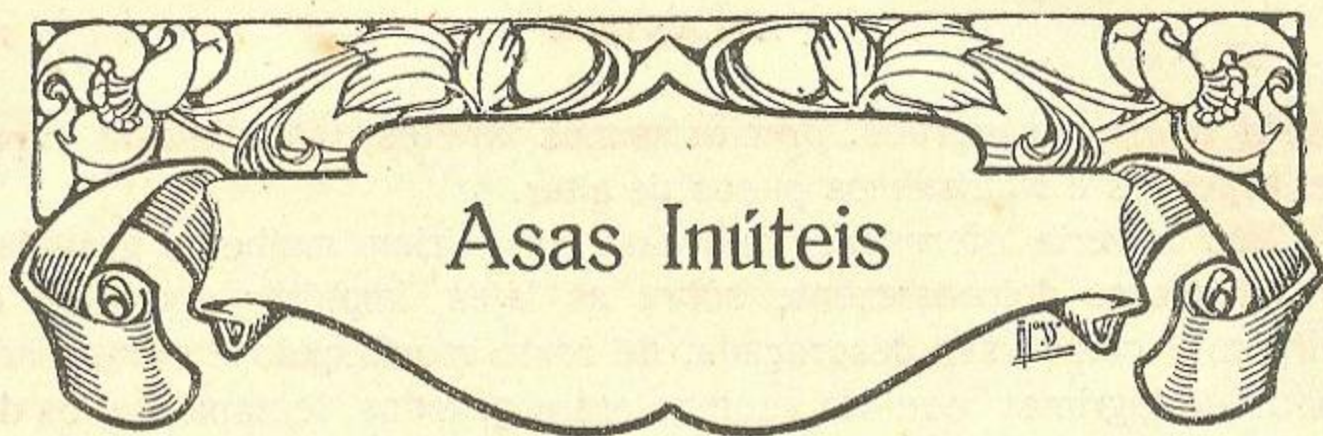
Não fôra êsse milagre de antiga memória, não teria eu visto, na

igreja a êle consagrada, preciosísimos tapetes, maravilhosas capas de asperges e riquíssimos panos de altar.

Não haveria oferendas piedosas. Não viriam mulheres grávidas, arrastando-se dolorosamente sôbre as lajes, implorar a piedade da Virgem — como essa desgraçada, de rosto mortificado e olhos marejados de lágrimas, que vai subindo entre gemidos, lentamente, os degraus do altar-mor. . . A religião do povo será uma esperança dulcíssima, mas tão enganadora, tão mentirosa! E os que obedecem ao seu aceno radioso passam a vida a tropeçar num caminho de amarguras, de âncias estereis e de consolações efémeras. Essa mulher, no cumprimento duma promessa de martírio, julgando colocar sob a protecção de Deus o filho que traz no ventre, talvez lhe esteja a preparar uma vida horrorosa de aleijado grotesco. Se assim fôr, continuará a arrastar-se de joelhos, chorando e gemendo, aos pés duma imagem, pedindo-lhe saúde, alegria, felicidade, ou ao menos momentos consoladores, para ver se acaba, sorrindo, uma vida que passou chorando. E é bem provável que não seja a imagem da Virgem, mas sim a morte, quem lhe enxugue o pranto, ao cerrar-lhe os olhos, na derradeira hora da sua vida de estéreis agonias.

CAMARA REYS.





Á Senhora Duquesa de Sforza-Cesarini.

*Pensei um dia : — Quero o vôo largo
Das águias, a pairar.
Quero esquecer êste sabor amargo
De chorar, de rezar, de rastejar . . .*

*Quero, mais alto de que os altos cumes,
Colher a embriaguez,
Doutra luz, doutro amor, doutros perfumes,
E dos astros a rir de limpidez . . .*

*Quero dizer, cantando em plena altura
O meu fervor divino,
Que só a glória de subir perdura,
Mesmo subindo sem nenhum destino . . .*

*E, perdido de orgulho e de certeza,
Inquieto de ambição,
Não ter medo da morte ou da tristeza,
E arquear a minha alma na amplidão ! . . .*

*Pensei um dia assim... Sonhei... No entanto
Asas — onde encontrá-las?
Asas para subir, e tanto, e tanto
Que nem a luz do sol possa alcança-las?...*

*E pedi ao Amor, timidamente,
Que as suas me emprestasse...
— Era um dia de Maio, um dia ardente,
E eu beijava, tremendo, a tua face...*

*E o Amor sorriu, piedoso... E ainda a sorrir:
Asas que em mim ascendem,
— Respondeu — são desejos a fugir
Dos braços dos mortais, que em vão os prendem...*

*Então, à minha Arte, suplicando,
Pedi asas ligeiras,
Asas batendo certas, palpitando
Para além das mentiras passageiras...*

*E a Arte respondeu: — Venho do pó,
Como posso ter asas?
— Asas que vês em mim, são chamas, só,
E, quando as vens buscar, logo te abrasas!...*

*— Orgulho! Orgulho! que és a força minha
As tuas asas, dá-mas, eu gritei!
Ah! tão calcado fui, sorte mesquinha!...
— Responde o orgulho — que as abandonei.*

*Abandonei as asas que batiam
Pandas, na manhã clara,
E que, por mais possantes, não subiam,
Presas na lama que os teus pés enleara...*

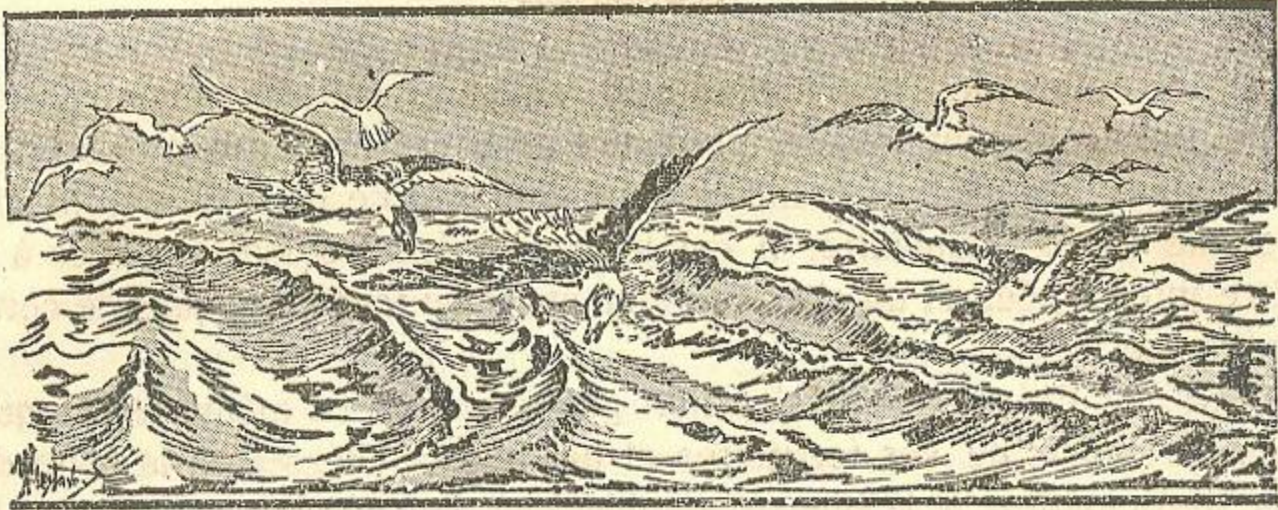
*E o Orgulho, e a Arte, e o Amor partiram tristes,
Tristes, como eu ficava...
— Céu que os poetas sonham, porque existes
Se a esperança maior é sempre escrava?*

*Olho o sereno azul... Anciosa, a vida
Rola, em seu turbilhão...
— Mas humilde, arrulhante e recolhida,
Bate uma asa no meu coração!...*

*Asa de fé? Asa de glória?... Incerta
Eu a oiço pulsar...
— Que me importa a amplidão, se a amplidão é deserta,
Se a minh'alma, acordando, é uma clareira aberta,
E se dentro de mim é que eu posso voar!...*

Roma. Abril de 1919.

JOÃO DE BARROS.



Le développement maritime et l'avenir transatlantique du Brésil

On sait que la situation politique des nations européennes était, depuis la découverte de l'Amérique et surtout depuis le développement économique et industriel pris par l'activité des états modernes, liée, dans une certaine mesure, à leur influence transatlantique, et, qu'une des raisons pour lesquelles l'Allemagne a déchaîné la guerre actuelle a précisément été d'obtenir le large débouché maritime qui lui manquait pour accaparer cette influence à son profit et cela plus spécialement dans l'Amérique du Sud. Elle n'a pas du reste cherché à dissimuler ce projet dont la plupart de ses écrivains politiques se sont appliqués à montrer l'importance, et, on l'a vue, au cours des événements actuels faire tous ses efforts dans ce but pour acquérir un débouché sur l'Atlantique, soit sur les côtes de la Belgique ou du nord de la France soit tout au nord de l'Europe quand la désorganisation de la Russie lui a permis d'y prendre pied.

Primitivement la question de cette influence transatlantique ne se posait que du côté européen, aujourd'hui il semble qu'elle doive s'entendre aussi bien des nations du Nouveau-Monde que de celles de l'Ancien qui ont des débouchés sur cette mer et que se présentant à la fois des deux côtés en partage de cette influence doit se faire entre les nations des deux rives de l'Atlantique. En effet, depuis la participation dans la guerre de grandes nations américaines, car cette considération s'applique aussi bien aux nations de l'Amérique du nord que de celles de l'Amérique du sud, bien que nous ayons surtout en

vue ici celles de l'hémisphère sud, celles-ci ne s'en tenant plus à une politique continentale, purement américaine, et ayant pris position dans les affaires mondiales par leur entrée dans un conflit qui touche toute l'humanité, il est logique qu'elles soient amenées à y être intéressées et qu'elles prétendent tôt ou tard à une part de cette influence.

Or, le Brésil, par sa situation géographique en même temps que par l'étendue de ses territoires et par leurs richesses, à la suite de sa participation à la guerre, semble être dans l'Amérique du sud le plus particulièrement intéressé à un développement maritime, à l'acquisition d'une influence transatlantique et être appelé à rapidement l'acquérir.

* * *

En effet, les côtes du Brésil s'étendent sur environ 800 kilomètres dont de longues parties sont certes difficilement inaccessibles mais dont de nombreux points offrent de bons mouillages et des anses profondes où ont déjà été établis plusieurs ports importants.

Sans doute, malgré leurs dimensions, les fleuves brésiliens ne sont pas tous capables de donner accès aux grands navires jusqu'au cœur des immenses territoires du Brésil ; les chutes de l'Iguassu et des Sete Quedas sur le Parana, celles de la moyenne Madeira, celles de Paulo Afonso sur le S. Francisco, interrompent la continuité de ces lignes fluviales, mais le cours de l'Amazone permet aux grands paquebots de venir, au-delà de Manaus, jusqu'en territoire péruvien, et les affluents de l'Amazone : Madeira, Tocantins, Araguaya sont navigables sur des biefs mesurant plus de mille kilomètres. Le rio Paraguay est accessible aux bâtiments de 3.000 tonnes jusqu'à Corumba, au cœur du Mato Grosso, à 3.000 kilomètres de la mer. On peut donc soutenir non sans raison que le Brésil, par l'étendue de ses côtes comme par son système fluvial est des mieux partagé pour que la navigation y prenne un grand développement sous ses trois formes : navigation fluviale, cabotage et navigation au long cours.

De plus des voies ferrées existent déjà qui permettent de tirer profit de certaines communications fluviales, ne pouvant être entièrement utilisées par la navigation ou ne donnant pas directement accès à la mer, et, le développement de leur réseau permettra de les utiliser encore davantage dans l'avenir ; d'autres enfin relieront même entre eux des ports importants de l'Atlantique et du Pacifique.

C'est ainsi que le grand central S. Paulo-Rio Grande, termin

en 1914, relie Rio de Janeiro et Montevideo et atteint Colonia, port du Plata, en face de Buenos-Aires après un parcours de 3.000 kilomètres. Un chemin de fer transversal allant de l'Atlantique à la rivière Paraguay doit relier prochainement la côte brésilienne à Assunção, capitale du Paraguay. Le Nord-Ouest du Brésil, achevé en 1914, qui part de Santos atteint, à 1.800 kilomètres à l'ouest, un port fluvial du Paraguay, et qui se termine actuellement à quelques kilomètres de la frontière bolivienne, constitue une partie de la future voie transcontinentale qui joindra Santos sur l'Atlantique au port chilien d'Antofagasta sur le Pacifique. La ligne dite Madeira-Marmoré, longue de 364 kilomètres, qui relie deux biefs navigables coupés par la chute St.-Antoine, donne par le cours de l'Amazone à la Bolivie accès à l'Océan.

Enfin, le Brésil, par ses frontières terrestres confinant à toutes les républiques sud-américaines, à l'exception du Chili et de l'Équateur, ainsi qu'aux Guyanes anglaise, hollandaise et française, se trouve être par sa situation même un pays de relations et de transit à la fois par terre et par mer.

Sans doute, et cela en dehors des connexions soit fluviales ou ferrées dont nous venons de parler ou de celles qui seront établies par la suite, d'autres pays de l'Amérique du sud et presque tous, l'Uruguay, l'Argentine d'un côté du continent et de l'autre le Chili avec son long rivage, le Pérou, l'Équateur, la Colombie qui, situés sur la rive occidentale ont accès sur le Pacifique, sont directement intéressés à des degrés divers à un développement maritime et sont eux-mêmes destinés à y prendre part dans une mesure différente. Mais malgré les facilités offertes à ces pays du Pacifique et des régions qui y confinent par l'ouverture du canal de Panama et sans parler de leurs richesses minières ou autres qui par suite de leur situation descendront directement du versant occidental des Andes à la mer, le commerce ne pouvant surtout se développer qu'avec l'Europe, tout le trafic du Brésil, qui drainera une partie de celui de ces derniers dans le voisinage de ses frontières, par l'étendue et la disposition des territoires de ce pays, leur orographie et leur hydrographie, aura tendance à s'effectuer par la côte orientale de l'Atlantique.

*
* *

Du reste, si on examine quel est actuellement la situation du Brésil au point de vue de la navigation on voit que précisément, par suite de son système fluvial et de l'étendue de ses côtes, la naviga-

tion côtière est celle qui s'y est d'abord développé bien que celle existante soit loin de satisfaire aux besoins actuels du pays, et, il est évident qu'elle devra faire un puissant effort pour répondre aux besoins nouveaux que créeront l'exploitation de ses richesses, et le développement de son activité économique.

On peut à l'aide du tableau suivant se rendre compte de la situation dans laquelle se trouvait cette navigation côtière en 1913.

Avant la guerre 17 lignes de navigation brésiliennes se partageaient sur les côtes le trafic qui s'élevait à 1.985.868 tonnes, représentant une valeur de 25.430:079 mil rês, et le transport de 79.127 voyageurs de première classe et 123.713 de seconde classe pour une somme de 10.194:770 mil rês. Ce trafic était réparti de la manière suivante entre ces diverses compagnies.

	NAVIRES		TRAFIC DE MARCHANDISES	
	Nombre	Tonnage	Tonnage	Valeur
Lloyd Brasileiro	70	106.204	486.884	11.252:040
Navegação do Amazonas, Tocantins, Araguaya	1	126	604	24:264
Comp. de Navegação Rio Parnahyba .	5	1.062	6.528	280:644
Comp. de Navegação alto Parnahyba .	4	146	385	37:854
Emprêsa de Nav. Baixo S. Francisco .	3	166	12	175
Emprêsa de Nav. Bahiana	15	3.572	27.145	576:584
Emprêsa de Nav. Viação de S. Francisco	12	267	8.958	340:613
Navegação do Sul do Rio de Janeiro .			8.997	100:313
Navegação do Ibucuhy e Uruguay . . .	4	752	3.337	70:771
Comp. Comércio e Navegação	18	39.357	315.725	5.504:383
Comp. Nacional de Nav. Costeira . . .	14	14.454	238.584	4.384:313
Emprêsa de Nav. Espírito Santo, etc .	1	900	8.977	169:035
Comp. de Nav. S. João da Barra	5	2.250	48 020	999:074
Emprêsa Nav. Hoecke & Mello & C. ^a .	3	1.184	26.095	392:213
José Barbosa da Silva	7	1.808	2.806	798:658
Navegação Mello, Frotas	7	1.750	1.957	456:926
Companhia Pernambucana	4	707	854	242:220
	173	174.705	1.985:868	25.430:079

Extrait du *Diario Oficial*, Rio de Janeiro, 7 Février 1913.

Sur l'Océan, le Brésil n'avait pas encore pris position, mais on voit par le nombre des lignes transatlantiques le reliant à l'Europe, la multiplicité de leurs services, quelles étaient la fréquence et l'importance des rapports et dans quelle infériorité il se trouvait puisqu'il était entièrement sous la dépendance de compagnies maritimes étrangères.

Quatorze lignes transatlantiques assuraient les relations du Brésil avec l'Europe et, deux, celles du Brésil avec l'Amérique du Nord.

On comptait parmi les premières :

4 anglaises .	}	Booth Line.
		Lamport and Holt Line.
		Royal Mail Pacific Company.
		New Zealand Shipping Company and Shaw Savill.
2 espagnoles	}	Pñilos, Isquierdo y C. ^a .
		Transatlantica Company.
2 allemandes	}	Hamburg American Line aund Hamburg South American Line.
		North German Lloyd.
2 françaises.	}	Chargeurs Réunis et Compagnie Sud-Amérique.
		Transports Maritimes.
1 Suédoise	—	Rederie Aktiebolaget.
1 Hollandaise	—	Royal Holland Lloyd.
1 Austro-Hongroise	—	Austrian Lloyd.
1 Italienne	—	Lloyd Italiano and other italian Steamers.
1 Russe	—	Russian Volunteer Fleet.

Une ligne américaine reliait directement le Brésil aux États-Unis : la Prince Line allant de Rio à New-York ou à la Nouvelle-Orléans.

Une ligne brésilienne, la seule existant : le Lloyd Brasileiro reliait Santos à New-York.

En 1913 le mouvement des ports brésiliens d'après le relevé des entrées et des sorties des navires à vapeur et à voile, y compris les voyages répétés, long cours et cabotage, enregistrait l'entrée de 27.782 navires représentant un tonnage total de 29.170.259 tonnes et la sortie de 27.865 navires représentant un tonnage total de 29.204.302 tonnes. Sa répartition par pavillon était la suivante :

PAVILLON	ENTRÉES		SORTIES	
	Nombre	Tonnage	Nombre	Tonnage
Brésilien	20.905	10.343:962	20.970	10.345:624
Anglais	3.089	9.866:817	3.094	9.878:159
Allemand	1.352	4.285:095	1.359	4.301:817
Français	416	1.306:102	416	1.306:097
Italien	372	1.124:148	366	1.120:453
Austro-Hongrois	191	556:958	191	556:958
Hollandais	141	550:390	139	545:283

ATLANTIDA

PAVILLON	ENTRÉES		SORTIES	
	Nombre	Tonnage	Nombre	Tonnage
Argentin	676	238:375	680	242:431
Norvégien	212	219:019	220	231:703
Espagnol	40	132:059	39	131:047
Suédois	75	160:489	74	160:244
Uruguayen	79	67:613	77	66:448
Belge	72	126:480	73	128:321
Danois	50	59:006	53	59:960
Russe	12	9:977	16	10:294
Nord-Américain	13	39:505	10	34:437
Grec	10	24:240	10	24:240
Paraguayen	53	14:732	53	14:732
Japonais	5	17:870	5	17:870
Portugais	12	15:687	13	16:455
Chilien	4	8:688	4	8:688
Pérouvien	1	2:672	1	2:672
Bolivien	1	30	1	30
Mexicain	1	339	1	339
	<u>27.782</u>	<u>29.170:259</u>	<u>27.865</u>	<u>29.204:302</u>

Ce mouvement maritime correspondait pour le Brésil pendant l'année 1913 qui, a été une année de crise pour son exportation, à un commerce extérieur avec les différentes nations européennes réparti entre elles de la façon suivante, la valeur étant comptée en contos de rês or :

Pays d'origine ou de destination	Exportations	Importations
Allemagne	81.193	104.332
Autriche-Hongrie	27.812	9.013
Belgique	?	30.507
Danemark	1.342	1.046
France	70.755	58.418
Grande Bretagne	76.272	146.102
Italie	7.439	22.617
Espagne	3.310	5.700
Hollande	42.529	6.469
Norvège	882	6.277
Portugal	2.906	26.205
Possessions britanniques	3.619	?
Possessions françaises	1.980	?
Russie	664	676
Suède	5.842	2.615
Turquie d'Europe	1.893	117

Avec les États-Unis le mouvement maritime s'élevait à 187.587 contos de rês or pour les exportations de marchandises brésiliennes

et à 93.808 contos de rês or pour les importations de marchandises américaines.

Ce qui faisait que l'exportation totale du Brésil s'élevait ainsi, pour 1913, à 576.433 contos de rês or contre une importation totale de 597.034 contos de rês or.

C'est donc bien avec l'Europe que le trafic du Brésil était le plus important et on constate que pour les importations en valeur, l'Angleterre tenait le premier rang, que l'Allemagne venait immédiatement après, puis la France avec une importation d'une valeur moitié moindre, et la Belgique, le Portugal, l'Italie avec des importations très voisines.

Pour les exportations l'ordre était changé : l'Allemagne venait la première, puis la Grande Bretagne et la France se suivant de très près, la Hollande et l'Autriche avec des tonnages respectifs très importants par rapport à ceux de leurs importations.

Le Brésil, comme le montrent ces chiffres, se trouvait donc pour ses exportations, dont la valeur était légèrement inférieure en 1913 pour tous ces pays réunis à celle de leurs importations totales, tributaire de l'Allemagne d'abord puis de la Hollande par laquelle devaient transiter beaucoup de marchandises à destination de l'Allemagne et de l'Autriche-Hongrie d'une part, et de l'autre, de l'Angleterre et de la France, ses exportations dans les autres pays étant comparative-ment très faibles, et, on voit par conséquent dans quelle situation déplorable il se trouverait placé s'il ne remédiait à cet état de choses lorsque son exportation sera susceptible de dépasser largement l'importation puisqu'il se trouverait complètement dépendre du fret européen et que c'est une situation inverse qui serait la plus favorable pour l'ensemble de son commerce extérieur. Il est donc évident que le Brésil, dont les richesses sont à peine découvertes et dont les exportations doivent considérablement s'accroître au fur et à mesure de leur mise en valeur, aurait tout avantage à entreprendre de suite et le plus rapidement possible de se soustraire de la dépendance maritime complète dans laquelle il se trouve et plus spécialement de celle de l'Allemagne et de l'Autriche-Hongrie dont il a pu juger la politique et qui auront besoin des matières premières dont il est le fournisseur.

Cette nécessité se trouve confirmée si au lieu de considérer la valeur nous comparons les tonnages importés et exportés, car certaines marchandises ou produits bruts, dont le Brésil est exportateur ou dont l'exportation se développera, tels que minerais de manganèse,

sables monagitiques, viandes congelées, etc., étant donné leur poids par rapport à leur valeur ou les conditions requises pour leurs transports, demanderont un tonnage plus considérable que celui nécessaire à certains produits ouvrés importés ayant une valeur plus élevée, sans préjudice du tonnage plus fort requis par l'accroissement de la totalité de ses exportations.

Sans doute ceci ne ressort pas nettement des chiffres totaux actuels, car les principaux articles d'exportation du Brésil ont surtout été jusqu'à présent le café, le caoutchouc, le tabac, le cacao et le maté, alors que d'autres produits doivent entrer dans ses exportations et que chacune de ses dernières est loin d'avoir atteint son maximum. Toutefois si on examine les chiffres représentant le mouvement commercial du Brésil depuis 1913 dans lesquels entrent précisément des exportations nouvelles déterminées et stimulées par la guerre et dont une partie subsisteront sans doute après et bien que la quantité de ces exportations ait diminué au cours des deux dernières années 1916-1917 alors que leur prix s'élevaient comme cela est arrivé pour les peaux, la cire de carnaüba et les fruits de table, on voit le chiffre du tonnage des exportations et des importations se rapprocher à mesure que croît le chiffre de l'excédent de l'exportation sur celui de l'importation, comme le montre le tableau ci-dessous du mouvement général des importations et des exportations comparé pendant les cinq dernières années.

	Importation Tonnes	Exportation Tonnes
1913	5.873.040	1.366.628
1914	3.478.251	1.299.548
1915	2.799.168	1.780.443
1916	2.640.900	1.841.667
1917	1.986.144	1.960.164
<i>Valeur en contos-papier :</i>		
1913	1.007.495	972.231
1914	561.853	750.980
1915	582.999	1.022.634
1916	810.759	1.107.508
1917	837.738	1.136.455
<i>Valeur correspondante en livres sterling :</i>		
1913	67.166.000	64.849.000
1914	35.473.000	46.527.000
1915	30.088.000	52.970.000
1916	40.369.000	55.010.000
1917	44.510.000	59.875.000

Excédent d'exportation :

	En contos-pap.	En liv. sterl
1914.....	189.127	11.054.000
1915.....	439.638	22.882.000
1916.....	296.749	14.641.000
1917.....	298.715	15.365.000

Or, on sait que cet excédent est loin d'approcher du chiffre de celui nécessaire à l'équilibre économique du Brésil, puisqu'on estime que l'exportation devrait atteindre près de 100 millions de livres sterling et on voit par conséquent dans quelle proportion doit augmenter le tonnage qui sera nécessaire à ce pays pour une semblable exportation et combien il est urgent pour lui qu'il se mette en mesure, le plus rapidement possible, de s'en assurer une grande partie par ses propres moyens.

On n'a pas été, au Brésil, sans se rendre compte de cette situation.

Dans le rapport qu'il présentait à l'assemblée des actionnaires de la Banque du Brésil, tenue à Rio le 30 avril 1917, M. Homero Baptista, président de cette société, déplorait que la construction des navires en bois et en fer ne soit pas plus activement poursuivie au Brésil. Il constatait que les chantiers Caneco avaient construit un navire de 800 tonneaux, qu'un autre, un vapeur en fer d'un plus grand tonnage avait été mis en chantier par les armateurs Lage qui avaient tout le matériel nécessaire mais qui étaient dans l'obligation de faire venir les tôles des États-Unis, et, que les chantiers Mabilde, à Porto-Alegre avaient construit un vapeur pour les fleuves du Sud; et, c'était tout. Cependant le Brésil a non seulement les bois nécessaires, mais de nombreux chantiers y sont déjà établis qui ont construit plusieurs unités navales pour le Paraguay pendant la guerre de . Avec juste raison M. Homero Baptista souhaitait que le Brésil construise de nouveaux navires de façon à ne pas arrêter le mouvement d'exportation qui se manifeste au Brésil. Tout en reconnaissant la valeur des mobiles politiques et financières auxquels le Brésil a obéi avec raison en cédant à la France trente des navires allemands internés, il le regrettait à ce point de vue et craignait que la stagnation des exportations du Brésil ne se prolonge de ce fait par suite du manque de navires. Il est certain que si le Brésil avait possédé une flotte il eut pu, par exemple, livrer les stocks de café que le gouvernement français a achetés et qu'il ne peut actuellement faire

venir aussi rapidement qu'il serait souhaitable malgré la cession des navires allemands.

Aussi on mandait de Rio, au début de mai 1918, que le gouvernement brésilien avait décidé de développer la construction de navires en bois et que le consul des États-Unis avait déclaré à la Chambre de Commerce que les capitalistes nord-américains fourniraient les capitaux nécessaires pour l'augmentation des constructions navales.

Des constructeurs français ayant participé à l'établissement de plusieurs ports du Brésil et dernièrement encore des ingénieurs français ayant achevé au mois d'août 1918 l'approfondissement du chenal de la barre du port de Rio-Grande do Sul, qui se trouve ainsi atteindre 19^m20 et permettre d'entrer aux plus grands navires, la France, en dehors des relations déjà existantes et qu'il est souhaitable de voir se resserrer, semble être celle qui devrait coopérer le plus activement à ce développement à côté des nations qui y ont déjà participé ou y participeront.

Des tentatives y ont déjà été faites dans ce sens mais elles n'ont pas abouti, les constructeurs ou les capitalistes français n'y ayant pas donné suite.

Cependant une grande activité se révèle à peu près partout dans le monde sur les chantiers de construction et un grand mouvement maritime s'annonce comme devant suivre les hostilités. Ce développement des constructions navales se présente pour les uns comme une nécessité pour réparer le tonnage détruit pendant la guerre, pour constituer l'outillage réclamé par les énormes transports maritimes qu'ils auront besoin d'effectuer et, pour les autres il est indispensable pour mettre en exploitation les ressources qu'ils possèdent et qui pourront compenser celles que les pays belligérants n'ont pu exploiter ou se procurer par leur propre travail en même temps que pour supplanter le pavillon allemand.

Aux États-Unis les constructions navales ont pris un essor formidable afin d'annihiler de suite les effets de la guerre sous-marine allemande et de permettre le transport rapide de la grande armée américaine avec tout le matériel qu'elle apporte avec elle et des ressources de toutes sortes que les États de l'Union fournissent aux Alliés. Monsieur Hurley, président du Shipping Board, faisait récemment connaître que la construction était prévue de 1.856 navires à passagers, à marchandises, frigorifiques, pétroliers de 5 à 12.000 tonnes et de 245 autres navires commandés par des propriétaires américains ou étrangers pour être terminés par les soins de *l'Emergency Fleet*

Corporation, soit au total 2.101 navires représentant un tonnage de 24.715.000 tonnes qui nécessiteront une dépense de 5 milliards de dollars et devront être construits au cours des années 1918-1920.

Le Shipping Board vient de inaugurer une ligne permanente pour passagers entre New-York et Valparaiso au Chili dont le premier voyage a été fait par le vapeur Santa-Luisa. Cette ligne qui raccourcit le voyage de neuf jours est la première de celles qui vont être établies entre New-York et Rio de Janeiro, Montevideo, Buenos Aires et Caracas, sur la côte de l'Atlantique, et avec la Colombie, l'Équateur et le Pérou sur la côte du Pacifique, de même qu'avec le Mexique et les républiques de l'Amérique centrale.

D'ailleurs les grands transports de 12 à 15.000 tonnes construits par le transport des troupes américaines en Europe et filant 15 nœuds et plus pourront plus tard être aisément convertis en navires transportant des passagers et du fret, et être employées par ces nouvelles lignes de navigation sud-américaines.

Plus récemment, la corporation de la flotte auxiliaire des États-Unis a acquis sur la côte du Pacifique, au prix de 25 millions de dollars, 153 arpents de terrains destinés à l'installation de chantiers de constructions navales qui seront les plus grands du monde.

Une Compagnie cubaine de navigation était fondée à la fin de juillet dernier, sous le patronage officieux du gouvernement : après un accord en vertu duquel aucun sujet appartenant aux nations ennemies des puissances alliées ne pourra ni être actionnaire, ni exercer une fonction de direction ou de contrôle.

Enfin, sans parler de l'activité des chantiers anglais et japonais, le premier navire en acier construit en Chine était lancé le 13 août 1918 aux chantiers de la Whampoo Dock C^o, et plus récemment au milieu de septembre, l'Arsenal de la République Chinoise de Kiang-Nan (Shanghai), sur la commande du gouvernement des États-Unis d'Amérique, mettait en construction quatre bateaux à vapeur de transport de 10.000 tonnes chacun.

En prévision de la nouvelle période d'activité du transit et des échanges qui s'ouvrira après la guerre, il importe donc que le Brésil prenne la place qui lui revient et ne se laisse pas devancer.

La question du développement maritime du Brésil présente encore une grande actualité à un autre point de vue, celui de ses rapports avec la France et d'une façon générale avec son commerce. Un comité franco-brésilien pour la défense de l'idée française à l'étranger, dont le ministre de la marine est le président et qui compte sur le

concours des commerçants et des industriels du sud-ouest qui sont en rapport avec le Brésil, s'est fondé à Bordeaux dont le port est sur une des routes qui joignent le vieux monde au Brésil, pour coopérer à la réalisation de la ligne ferrée Turin-Lyon-Limoges-Bordeaux, dite du 45^{ème} parallèle, qui devrait permettre à la France d'accroître, en les facilitant, ses relations avec l'est de l'Europe par Turin, Milan, Venise et au delà de l'Italie, et, à l'ouest, avec les États-Unis et le Brésil. Ce projet présente actuellement d'autant plus d'intérêt que l'Allemagne s'emploie à créer une voie nord-sud reliant la Baltique à la Méditerranée et à l'Orient pour détourner à son profit une part du trafic qui se faisait par l'Europe occidentale.

Il faut donc souhaiter pour l'avenir de nos relations avec le Brésil que le trafic de ce port devienne ainsi plus intense, qu'il se range, si des initiatives sont prises en temps utile chez nous comme au Brésil, au nombre des escales des futures lignes brésiliennes dont les navires, après avoir relâché au Portugal, viendraient y toucher, par suite des multiples communications que cette nouvelle voie ouvrira avec l'Europe méridionale, et, que dans un port français apparaisse d'abord le pavillon brésilien.

*
* *

Ce développement maritime ne serait pas, par ailleurs, sans avoir des conséquences politiques qu'il nous semble intéressant de dégager et sur lesquelles nous croyons devoir insister.

Cette activité maritime par le développement transatlantique qu'elle donnerait au Brésil aurait pour effet de rapprocher et de tenir resserrés tout un groupe des pays de même langue par les communications fréquentes qu'elle entretiendrait entre eux. En effet, le Brésil se trouve en face de l'Angola portugais et St.-Paul de Loanda est presque sur la même latitude que Bahia; le cap S. Roque est le point du continent sud-américain le plus rapproché de l'Afrique et cinq jours de navigation séparent seulement les îles du Cap Vert de Pernambuco; Lisbonne est à dix jours de Rio de Janeiro et douze jours des ports méridionaux du Brésil dans une mer soumise au régime régulier des alizés, et toutes les escales des lignes joignant le Brésil à l'Europe par le Portugal sont situées en pays de langue portugaise.

On se rend compte par la carte ci-jointe de l'importance du groupe des terres atlantiques de langue portugaise que forment dans l'Océan les Açores et Madère, dans l'Afrique occidentale les îles du Cap Vert, la Guinée portugaise, Saint-Thomas et l'île du Prince,

Langana et Cabinda, puis en face du Brésil le groupe Angola, Benguela et Mossamédès, et du développement maritime qu'appelle un semblable domaine, sans parler des autres possessions de l'ancien empire colonial portugais, les territoires de Mozambique, Sofala, etc., dans l'Afrique orientale, et en Asie les établissements de Dio et Damão dans l'Inde, Macao en Chine, la moitié de Timor dans les îles de la Sande, au service desquels une puissance maritime est nécessaire.

D'autre part les Açores se trouvant sur le croisement de tous les roimes maritimes relient l'Europe à l'Amérique centrale et au nord de l'Amérique du sud, et, l'Amérique du nord avec la Méditerranée ; les îles du Cap Vert, S. Vincent et Fernando Noronha sur les lignes reliant tous les pays de l'Amérique du sud à l'Europe occidentale.

Une puissance maritime brésilienne qui pourrait se développer corrélativement avec un accroissement de la marine portugaise se trouverait ainsi resserrer les liens anciens existant entre le Portugal, ses colonies et le Brésil, et par une union nouvelle serait capable de raffermir et de consolider tout un groupement humain qui risque de se dissocier sous des influences diverses si sa cohésion n'était point entretenue, et, qu'il est intéressant de défendre et de maintenir, étant donné son passé et le rôle qu'il peut continuer à tenir pour l'équilibre du monde et la sauvegarde des éléments de la civilisation européenne.

Le gouvernement du Portugal sentait du reste la nécessité de s'engager dans la voie d'un développement maritime en même temps que dans celle de l'établissement de relations plus étroites avec le Brésil. Au mois d'août dernier il se proposait de mettre en adjudication un service direct de navigation entre le Portugal et le Brésil avec lequel la disparition successive des lignes transatlantiques touchant Lisbonne réduisait de plus en plus les communications et de céder aux adjudicataires trois des anciens navires allemands internés. Le *Comercio do Porto* croyait savoir qu'une grande compagnie se formait avec des capitaux portugais et brésiliens pour prendre part à cette adjudication. D'autre part un projet de loi était déposé au mois de juin 1918 devant le Parlement portugais autorisant le gouvernement à contracter un emprunt extérieur de 6 millions de livres sterling qui devait être placé principalement au Brésil.

Des manifestations politiques se sont du reste déjà produites au Portugal en vue de ce rapprochement, un courant d'opinion s'est formé en faveur du Brésil et ce que nous venons de suggérer ne ferait que lui apporter un des moyens de s'affirmer et d'entrer dans la

voie des réalisations. Au début d'août 1918, le député Avila Lima proposait à la Chambre portugaise une motion tendant à la nomination d'une commission parlementaire pour étudier spécialement les moyens propres à resserrer les relations de toutes sortes existant entre le Portugal et le Brésil et qui devrait se rendre à Rio à cet effet. Le ministre des affaires étrangères après avoir exprimé, à cette occasion, l'affection du Portugal à l'égard de son ancienne colonie devenue une grande république de l'Amérique du Sud et rendu hommage à son développement déclarait que le gouvernement donnait tout son appui à cette motion. M. Aires de Ornelas, leader de la minorité monarchiste exaltait l'œuvre portugaise accomplie au Brésil et annonçait qu'il la appuyerait de son vote. Cette motion qui était également approuvée par le Sénat où les sénateurs Zeferino Falcão et Xavier Cordeiro faisaient une chaude apologie du Brésil, et réunissait ainsi les suffrages des deux Chambres du Parlement portugais, malgré les incidents soulevés par quelques membres des partis politiques appartenant à la minorité, marquait donc bien une orientation dans ce sens et peut-être marquait, comme il faut le souhaiter, le début d'une nouvelle ère historique entre les deux pays.

Du reste, M. Gastão da Cunha, ambassadeur du Brésil, rendait visite le lendemain aux présidents des deux Chambres portugaises pour les remercier de l'hommage rendu à son pays en même temps que des sentiments qu'elles avaient affirmés et les deux Chambres brésiliennes adressaient des télégrammes de remerciements aux Chambres portugaises en réponse aux télégrammes de félicitation et de sympathie qu'elles en avaient reçus.

Ce rapprochement, qui promet d'être des plus heureux, n'est peut-être pas sans relation avec la participation des deux pays à la même cause à côté des Alliés ; il ne peut, en effet être étranger au même sentiment qui a animé à la fois les deux peuples et qu'ils doivent sans doute à leur âme commune.

De plus une grande puissance maritime lusitano-brésilienne serait à la fois une sûreté contre l'établissement d'une influence allemande dans le sud-amérique et ferait dans l'hémisphère austral un juste contrepoids à l'influence nord-américaine toute puissante dans l'hémisphère boréal. D'ailleurs plus grand sera le nombre des pays ou des unions de pays riches et actifs, plus forte sera l'assurance de ces nations de ne pas voir se reproduire les tentatives de domination mondiale comme celle que nous venons de voir aboutir au conflit actuel et qui risquent de compromettre leur existence.

L'Angleterre, à laquelle le Portugal est attaché par l'amitié en même temps que par des liens commerciaux et qui a toujours prêté largement son appui financier au Brésil, ne pourrait, au point de vue maritime pas plus qu'aux autres, prendre ombrage d'un tel rapprochement, car celui-ci ne pourrait se faire, étant donné la coopération du Portugal et l'appui donné par le Brésil dans la guerre, que d'après une politique d'entente et d'union. Ce développement se trouverait ainsi amorcer, au plus grand avantage de l'un et de l'autre pays, une nouvelle politique brésilio-portugaise tout en reprenant les traditions de leur histoire commune.

En effet, des raisons historiques et morales, en dehors des causes matérielles et actuelles dont nous venons de parler, militent en faveur d'un tel rapprochement.

M. Miguel Lemos, un des propagateurs du mouvement positiviste au Brésil mort récemment après avoir été un de ceux qui, à l'occasion de la guerre, ont le plus énergiquement signalé le péril allemand dans son pays, écrivait dans son étude sur Luis de Camoens : « Il faut nous pénétrer de ce fait que, sociologiquement parlant, les Brésiliens sont Portugais : des liens d'amour et de reconnaissance doivent nous rattacher éternellement à la souche historique dont nous provenons. Une nation qui ne se reconnaît pas d'antécédents est exposée à se dissoudre, et les appendices américains de l'Occident ont besoin, pour échapper à ce danger, de relier leur naissante histoire aux traditions de leurs ancêtres et d'instituer, sous l'inspiration de la vraie philosophie, le digne culte du passé national »¹.

Après avoir rappelé « les services de l'élément portugais » quant à la constitution du monde moderne, il se proposait, selon les vues d'Auguste Comte dont il s'affirme le fervent disciple, se montrer « quel rang doit être assigné à la péninsule ibérique dans le classement occidental »².

Or, il prouve précisément que le fait capital qui enchaîne l'histoire du Portugal à celle de l'Occident et la situe dans la longue suite des événements du monde est « l'impulsion décisive et systématique don-

¹ Miguel Lemos, *Luis de Camoens*, 1880, préface, p. iv.

² Id., *ibid.*, p. v.

née par lui aux grandes découvertes maritimes à partir du xv^e siècle» et son étude même sur Luis de Camoens, qui vécut toute cette grande époque de gloire de la navigation portugaise et fut son témoin dans toute les parties du monde, lui permet de fixer ainsi le sens historique que prennent les voyages de découverte des navigateurs portugais au xv^e siècle.

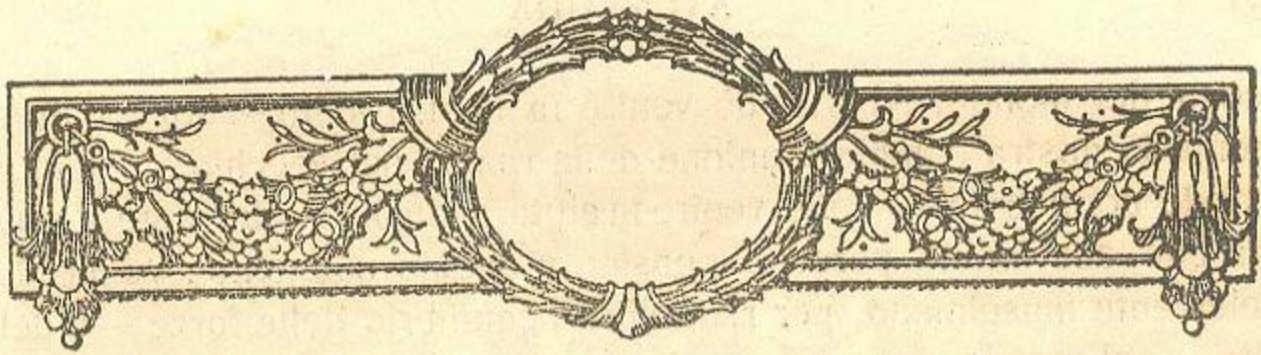
Il montre en effet que le Portugal, né de «la désagrégation politique propre au moyen âge» dut sa persistance en tant que nation nouvelle «au voisinage de la mer sur laquelle il fonda sa puissance et trouva la source de son développement»¹, et il est possible de se demander si, par un renversement des faits et par suite des liens historiques existant entre le Brésil et le Portugal, des causes semblables ne doivent pas maintenir au Brésil ce que nous voyons constituer essentiellement, les caractères portugais, procurer à ce pays une pareille ère de prospérité puisqu'il offre par sa situation des possibilités maritimes analogues, et, si le Brésil ne doit pas également chercher sur mer en même temps que le maintien des traditions portugaises les assurances futures de son développement.

En donnant à sa politique, qui va prendre un essor considérable par suite de son développement économique, une orientation maritime, en acquérant une position transatlantique, le Brésil pour les raisons que nous venons de donner se conformerait donc au rôle auquel il semble être naturellement appelé en même temps qu'aux traditions de son histoire, puisqu'il affirmerait à nouveau les caractères les plus nobles de la race portugaise en suivant la voie des illustres navigateurs qu'elle a fournis à l'époque de la découverte des nouveaux continents et des grandes voies maritimes du monde et dont l'œuvre inaugure le mouvement général qui est à l'origine de l'époque moderne.

J. GAILLARD.

N. B. — O Sr. J. Gaillard é o autor conhecido da *Europa Ocidental e da América Latina*, livro publicado durante a guerra e que obteve um sucesso excepcional.

¹ Miguel Lemos, *Luis de Camoens*, préface 880, 1, p. iv.



Anticipazioni

L'equilibrio del mondo é stato rotto una seconda volta.

L'accordo sempre più stretto tra le due grandi potenze di razza anglo-sassone è l'avenimento centrale del nuovo carro della storia mondiale. Il ciclo della politica delle nazioni malgrado le ideologie delle *Leghe* e delle *Società* è oramai chiuso. O sottomettersi all'egemonia incontrastabile degli anglo-sassoni; o trasformare la politica nazionale, nella politica di razza.

Questa è la fatalità a cui saranno costretti i paesi latini: se non verranno servire e perire.

La latinità ha circa duecento milioni di uomini al suo servizio: ed un immenso continente vergine da mettere in valore. Ha le tradizioni storiche ed artistiche più grandi, ed il genio più sicuro.

Il monde futuro sarà ripartito tra quattro grandi forze: anglo-sassoni (a cui presto o tardi si uniranno i dedeschi); gli slavi; i musulmani; ed i latini; questi, *least hut ust last*; poichè saranno sempre il lacive per la conservazione della civiltà superiore del mondo.

Prossimamente assisteremo all'assalto anglo-sassone contro il Giappone. Il Giappone é diventato un grande pericolo per la tranquillità dell'Impero Britannico nell'Estremo Oriente; ed è fastidioso agli Stati Uniti.

Vedremo perciò il leopardo britannico, sotto la maschera d'un qualche idealismo fêlisteo piombare sul Giappone. Gli Stati Uniti saranno fedelmente al fianco dell'alleata inglese, per vedere distruggere la forza minacciosa di questi altri tedeschi del Sole Levante.

Allora noi latini non avremo più scampo: o saremo gli umili servitori degli anglo-sassoni; o decideremo anche noi a sparire dalla

scena del mondo. Al'ora può venire in nostro aiuto — dopo naturalmente la nostra completa unione della razza, nel vecchio e nel nuovo mondo continentale — può venire in aiuto nostro, un elemento a cui è difficile che molte persone pensino a questo momento: voglie dire l'elemento musulmano, per ristabilire l'equilibrio delle forze — e della vita — nel mondo.

Noi non vogliamo minacciare nessuno: vogliamo solamente difendere l'esistenza della nostra civiltà; il genio della nostra razza. Noi oggi; ed ancora più domani, lo vediamo minacciato.

Dove possiamo trovare questa difesa? o meglio, la garanzia per la tranquillità nostra nel futuro?

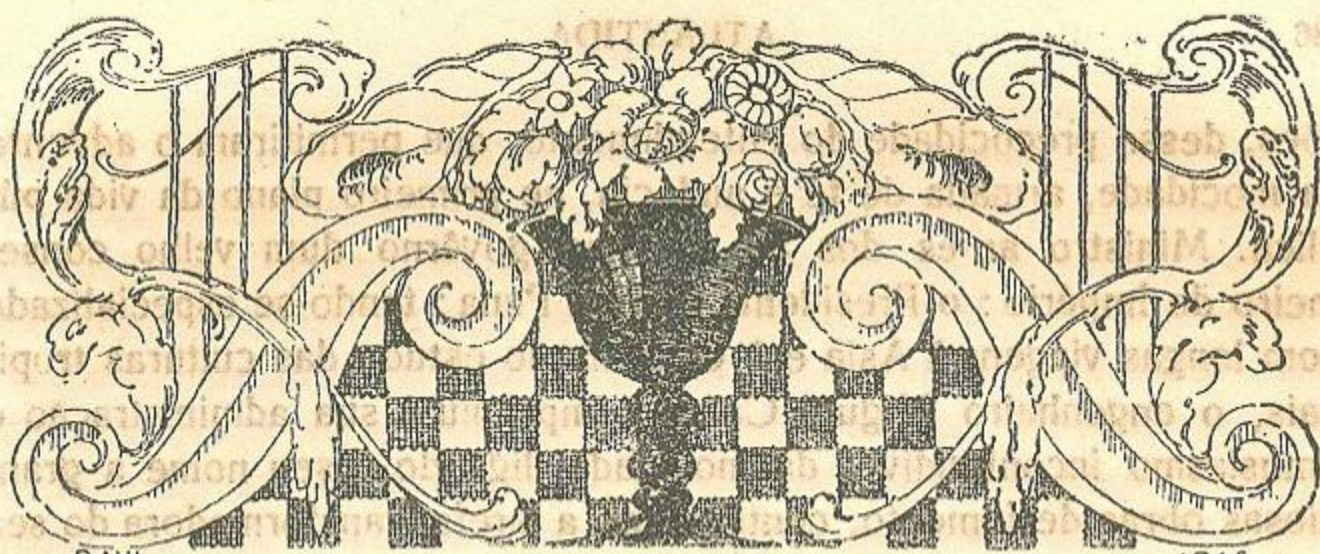
Noi possiamo solo trovarla, persuadendo l'Inghilterra che a difesa nostra noi possiamo, da oggi, cercare contro la sua stragrande potenza imperiale — alleata alla forza degli Stati Uniti — una potenza altrettante e più, formidabile della sua: *l'unione latina*, come dirigente dell'immensa e profonda anima musulmana.

L'equilibrio del mondo futuro sta in questa incalcolabile funzione della razza latina: nel porgere la mano alla redenzione dei musulmani.

Noi vogliamo essere amici degli anglo-sassoni, e dell'Inghilterra in particolare modo; ma desideriamo che inglesi conoscano la coscienza che noi abbiamo del cammino della storia del mondo: e la visione realistica dei ricorsi più adatti per la salvezza della civiltà nostra.

Ma l'unione tra tutti i latini è la prima e la indispensabile condizione per rendere effettivi ed efficace l'ammonimento agli anglo-sassoni.

FRANCESCO BIANCO.



O Património Histórico do Brasil

«Nada excita tanto o esforço do homem para o bem como a recordação das nobres acções dos seus maiores».

ALENCAR ARARIPE.

É certamente inútil encarecer a importância do artigo que hoje publica na *Atlantida* o grande romancista Carlos Malheiro Dias. Importância que lhe vem do assunto e do nome ilustre que assina as páginas que vão ler-se. Malheiro Dias, criou no Brasil uma situação de destaque — e a sua atitude patriótica durante a guerra foi uma lição para todos os portugueses degenerados, e um exemplo que seguiram todos os que amam o seu país. A sua acção foi admirável. Saudamos afectuosamente Malheiro Dias, agradecendo-lhe com desvanecimento a honra da sua colaboração.

Viaja a estas horas para Portugal, aonde vem inaugurar a cadeira de estudos brasileiros da Universidade de Lisboa, o antigo Ministro da Viação e actual vice-presidente da Sociedade Nacional da Agricultura, do Rio de Janeiro, Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida.

Difícilmente, na grande nação americana, tão ilustre nas letras e nas sciências, e que detêm a irrecusável hegemonia intelectual da América do Sul, poderia encontrar-se na pléiada radiante e numerosa dos seus estadistas, dos seus cientistas, historiadores, sociólogos e publicistas, uma individualidade mais representativa dos elos da tradição histórica e, ao mesmo tempo, das diferenciações que já actualmente caracterizam, ao fim dum século de soberania, o povo brasileiro. O Dr. Miguel Calmon é um exemplo frisante dêsse ardente patriotismo americano, dessa vitória da intelligência sôbre as conven-

ções, dessa precocidade do entendimento, que permitiram o advento da mocidade, armada de fé e audácia, ao primeiro plano da vida pública. Ministro antes dos 30 anos no govêrno dum velho conselheiro do Império: o Presidente Afonso Pena; tendo-se especializado com longas viagens à Asia e à Oceânia no estudo das culturas tropicais, o engenheiro Miguel Calmon imprimiu à sua administração o entusiasmo inconfundível da mocidade, ligando o seu nome a grandiosas obras de fomento, continuando a tarefa transformadora do seu eminente antecessor, o ministro e depois chanceler Lauro Müller. Encarado sob êste aspecto, êle representa para nós uma das muitas grandes lições que podemos sem desaire e com proveito receber do Brasil. A sua presença traz-nos um fecundo exemplo, pois que êle foi um dos grandes *homens moços*, contemporâneos de Oswaldo Cruz, de Carlos Peixoto, de Euclides da Cunha, de Carlos Chagas, de Afrânio Peixoto e tantos outros, que influíram com a veemência da sua juventude e a autoridade do seu talento e da sua cultura nas transformações operadas na política da República, onde, aliás, os próprios velhos, provenientes da política austera do Império, — verdadeira aristocracia de jurisconsultos e humanistas —, demonstraram, como o conselheiro Rodrigues Alves, todas as qualidades de entusiasmo que são privilégio feliz dos povos novos, onde a idade parece não envelhecer, mesmo no ancião, o cérebro e a alma. Se outras muitas qualidades não enobrecessem as gerações criadas na República, educadas pelo idealismo de Benjamim Constant e protegidas pelo instinto de estadista dêsse formidável estabilizador que foi o Marechal Floriano, bastaria para nobilitá-las a paixão de progresso, que contagiou e transformou o Brasil, preparando-o para ocupar nesta hora histórica um papel proeminente no conclave internacional de Paris. É essa paixão patriótica, essa fascinação pelo progresso, essa virilidade cívica, essa ânsia cerebral de cultura, essa consciência ativa nos destinos grandiosos da pátria, que constituem o mais atraente aspecto moral do Dr. Miguel Calmon e dêle fazem uma figura eminentemente representativa da sua geração. Saíu duma mocidade laboriosa, toda votada ao estudo, para as responsabilidades do govêrno; e quando, depois dessa precoce consagração, milionário e ainda moço, dono dum nome ilustre e duma reputação imaculada, poderia considerar-se quite dos deveres e sacrifícios para com a pátria, vemo-lo dedicar-se com abnegação absorvente à fecunda obra — em que se applicavam as suas capacidades criadoras e organizadoras de estadista e homem de acção — da Sociedade Nacional de Agri-

cultura, agitando, na companhia de outros grandes patriotas e especialistas consumados, os mais complexos problemas, promovendo congressos e exposições agrárias e de pecuária, estimulando as iniciativas agrícolas, guiando-as para o caminho dos aperfeiçoamentos técnicos, concorrendo para a valorização aceleradamente progressiva do gigantesco património que é o solo brasileiro, duma vastidão de continente, que abrange, desde a zona equatorial às regiões temperadas do sul, desde os litorais atlânticos aos planaltos centrais, todos os climas e todas as culturas do globo.

Mas não é só essa face da sua individualidade (em que poderemos igualá-lo e confundi-lo com muitos outros brasileiros eminentes) que o torna um excepcional representante do Brasil na cadeira de estudos brasileiros da Universidade de Lisboa. Outra circunstância concorre para imprimir a essa escolha uma singular significação, e é que o antigo Ministro da Viação do Presidente Afonso Pena representa pela linha aucestral da sua estirpe nobilíssima um elo da tradição histórica, e o seu sangue intimamente enlaça o descendente dos Marqueses de Abrantes ao nosso passado, às fontes genealógicas da nossa glória e às nascentes étnicas da raça.

O ensejo feliz que se me oferece de assinalar a visita dêste illustre brasileiro assim me conduz, sem necessidade de recorrer a um itinerário sinuoso, ao assunto palpitante da tradição. O momento parece-me propício para lançar em circulação algumas singelas idéas elementares que abranjam na História, a par das grandiosas perspectivas da descoberta e da colonização, a genealogia que, entre todas as grandes nações da América do Sul, excepcionalmente confere ao Brasil participação directa, contínua, ininterrupta, na tradição histórica da civilização peninsular europeia.

Não pode, evidentemente, esta proposição significar quaisquer dúvidas sobre a progenitura das restantes nacionalidades sul-americanas. Todas elas, pela raça colonizadora originária, são outros tantos ramos do tronco comum. Foi o sangue latino, — aceitando esta denominação enfática e generalizada com todos os correctivos com que a esclareceu a etnografia —, que irrigou os territórios centrais e sul-americanos para a cultura das nacionalidades constituídas. Mas se todas, na medida maior ou menor da sua fusão étnica, são herdeiras da mesma ancestralidade consanguínea, nenhuma, com excepção do Brasil, pode pretender em igualdade de direitos e como intensa projecção da metrópole, compartilhar com ela, em íntima e legítima comunhão, das tradições históricas.

Como os Estados Unidos da América do Norte, as nações sul-americanas são obra quasi exclusiva da iniciativa e da rebelião do colono. O Brasil, não. A génese da nacionalidade brasileira é obra da gestão metropolitana. Podemos dizer — e essa é a nossa glória — que edificámos desde os alicerces à cimalha um império soberano; e isto constitui um exemplo único na história do mundo, por mais que se lhe pretenda empanar o esplendor e amesquinhar a grandeza. Na aurora do século XIX, o Brasil constituiu com a metrópole o *Reino Unido*. Mais ainda: no princípio dêsse mesmo século, o Brasil viu invertidas as suas funções como estado social e político. De colónia converteu-se em metrópole, centralizando como sede da côrte a administração política do reino. É o filho primogénito do soberano de Portugal que o Brasil independente aclama imperador. A continuidade dinástica reafirma a continuidade histórica. É na pessoa do herdeiro legítimo da coroa portuguesa que D. João VI, soberano e pai, reconhece a independência do Brasil. E é desde êsse momento que vão desenrolar-se os mais emocionantes sucessos nas relações políticas entre os dois povos irmãos. Se o Brasil era já, de facto, desde os meados do século XVIII, sob o ponto de vista económico, suserano da metrópole, a transferência da côrte, em 1807, deu-lhe, mais do que a autonomia, a ascendência política sôbre o velho reino. Monarca acentuadamente liberal no Brasil, D. João VI faz-se — ou deixa-se — representar em Portugal por um govêrno reaccionário. No Brasil, o inglês Stuart, mentor do rei, é a moderação; em Portugal, o inglês Beresford, logar-tenente do rei, é a prepotência. Durante os catorze anos que D. João VI residiu no Brasil, a colónia teve um soberano condescendente, que fortalecia com a sua presença a aspiração emancipadora. Exactamente como o emigrante do nosso tempo, o rei foi impregnado por êsse misterioso poder de sedução e de assimilação que o ambiente americano exerce sôbre o homem transplantado, porventura consequência de alguma lei biológica que preside à ocupação lenta, mas ininterrompida, do planeta pela espécie humana, e que acusa maior poder de irresistibilidade nas terras ferazes e ainda despovoadas... Êsse período representa o noviciado da independência. Nesses catorze anos, o Brasil, entrando definitivamente na fase evolutiva, adquire uma consciência política, a seu tempo animada, senão precipitada, pelas aspirações insofridas do príncipe D. Pedro.

Se o quadro é, no Brasil, de triunfante prosperidade, em Portugal é de confrangedora decadência. No Brasil é o sol que nasce; em

Portugal é o sol que se põe. A uma radiosa aurora corresponde um sombrio crepúsculo. Quando D. João VI, na efémera côrte da Baía, começa a preparar a emancipação do futuro império com o decreto da abertura dos portos ao comércio mundial, o brilhante e leviano Junot ceia com bailarinas lascivas nos seus paços abandonados. Campo de batalha onde lutam, como num baldio, os exércitos de França, de Espanha e de Inglaterra, Portugal, no seu abandono e na sua miséria, contempla de longe a prosperidade pacífica da colónia elevada a metrópole, onde reina, tranqüilo e feliz, o seu mole e anafado monarca.

A conspiração de 1817, sinistramente liquidada com as execuções iníquas do Campo de Sant'Ana e de S. Julião da Barra, e a revolução triunfante de 1820 chamam de novo, enfim, o rei imigrado ao seu trono: ao seu «canapé da Europa». Não chega D. João VI a tempo de impedir as devastações da guerra, os vexames tutelares de Beresford, nem o enforcamento hediondo do heróico Gomes Freire, nem a penúria e a ruína do seu povo. Mas alguma cousa chegou ainda a tempo de fazer: a restauração do absolutismo com a Vilafrancada.

A influência do Brasil nos destinos políticos de Portugal é de tal modo manifesta, que se torna impossível desassociá-los no decurso turbulento dos primeiros trinta anos do século XIX. Todos os rigores críticos que a extraordinária obra colonizadora possa merecer aos historiadores, têm de capitular perante o espectáculo comovente da augusta metrópole sacrificada em holocausto à colónia. É sobre os destroços da sua majestosa grandeza de descobridora do planeta e navegadora dos oceanos desconhecidos que se edifica a vigorosa supremacia da colónia gigantesca, criada, organizada, mantida intacta pelo heroísmo predestinado da nação pigmeia. Durante os catorze anos que durou o exílio ocioso do monarca, Portugal padeceu todas as vicissitudes que o Brasil sofreu nos tempos coloniais. Teve os governadores inflexíveis, teve as invasões assoladoras, teve os suplícios execrands — e não em pleno e universal domínio do despotismo e do feudalismo colonial, como o Brasil, mas quando já a Europa beneficiava dos frutos, embora ainda ácidos, da Revolução.

Para que mais dramático seja o paralelo, Portugal teve também o seu Tiradentes na figura marcial de Gomes Freire, o amigo dos marechais de França, enforcado como um bandido enquanto D. João VI cochilava em S. Cristóvão e Beresford bebia vinho do Pôrto no palácio do Saldanha, ainda trescalante dos polvilhos da voluptuosa condessa da Ega: a Pompadour de Junot.

Por um fenómeno que só a análise superficial ou irreflectida dos factos pode deixar parecer estranho, ao passo que Portugal, já contaminado pela epidemia de liberdade que a França desencadeou na Europa, jaz succumbido sob a opressão obsoleta do fidalgo e do frade, o Brasil vai preparando a emancipação dentro da moção política da democracia, com tão definidas aspirações constitucionais e uma tal consciência de civismo, que singularmente engrandecem a geração illustre de legisladores, humanistas e magistrados que a inspiram, a propagam e a executam.

Desembaraçado da sombra ancestral, o Brasil segue na vanguarda, deixando para trás, immobilizado num longo conflito com o passado, a sua progenitora gloriosa. E assim de longe, pelo seu exemplo, a antiga glória governa, pois que influencia e dirige, a antiga metrópole. É do Brasil que, finalmente, lhe vem a Carta Constitucional. Era portador dela o mesmo embaixador que Portugal enviara ao Rio de Janeiro com o tratado de 1825. Toda a história contemporânea portuguesa é, assim, a consequência dum diploma redigido sob os auspícios dum imperador do Brasil. É o soberano brasileiro que regula a sucessão do trono português. É o soberano brasileiro que impõe a Portugal, pelo preço da guerra civil, um novo destino, e o faz entrar, decisivamente, no movimento revolucionário das chamadas conquistas da Liberdade.

Basta lançar um olhar desprevenido para a história das nações americanas em suas relações com as metrópoles para abranger de relance a disparidade flagrante da sua evolução e processo emancipadores. Obra da iniciativa do colono, essas nacionalidades reagiram contra a suserania europeia, despedaçando com mãos sôfregas de independência os elos da tradição histórica. O Brasil emancipara-se dentro da tradição histórica e continua-a. Nos seus memoráveis discursos de Lisboa, Bilac reivindicava -- ou antes, proclamava -- êste prolongamento de tradição, esta continuidade de História, tão sagazmente concatenada por Afrânio Peixoto no seu livro *Nova terra, nossa gente*.

A história do Brasil não pode considerar-se como principiada no dia da descoberta. Até a emancipação, como obra social do povo português, o Brasil deve ser considerado, para todos os efeitos, como uma projecção de Portugal na América e participar de todas as honras do seu passado glorioso.

O Portugal dos séculos XVI e XVII combateu no Brasil como o Portugal do século XII combateu na Estremadura, no Alentejo e no

Algarve: pela expansão e grandeza da Pátria. Bem entendido, para a veracidade dêste confronto é necessário abstrair da noção estritamente territorial, não circunscrevendo o Brasil a uma mera realidade geográfica. A História é composta pelas acções dos povos; não com o seu rastro. Por haverem atravessado os mares e desembarcado em Pôrto Seguro, os portugueses não perderam a sua nacionalidade. Expandiram-na. Pretender iniciar a história do Brasil em 1500, sem lhe admitir como prólogo a história de Portugal, afigura-se-me um contrassenso que só tem para desculpá-lo as conveniências duma divisão cronológica do assunto. Evidentemente, o Brasil não aflorou das convulsões geológicas quando Pedro Álvares Cabral manda lançar as âncoras na enseada verde, para onde abicara, no rumo das algas e das aves, a frota venturosa. Em 1500, o Brasil só é uma novidade para as civilizações do Ocidente, que então o descobrem. Não tendo, porém, até essa data, de qualquer maneira influído na civilização universal, como a Europa, a Ásia e a África setentrional, êle é, perante a História, no alvorecer do século XVI, um recém-nascido. Em vão os descobridores e os povoadores se esforçam por lobrigar nesse mundo juvenil os alicerces ancestrais duma civilização rival das civilizações asiática e europeia. Pela espessura das florestas que cobrem o seu território imenso, sulcado de rios acidentados, torrenciais e caudalosos, vagueiam tribos ferozes, em disparidade numérica com o solo ubérrimo e amplíssimo. Nem sequer rudimentos duma civilização; nem sequer população capaz de emprestar verosimilhança à hipótese dum desenvolvimento progressivo da raça autóctone. Numa área de oito milhões e meio de quilómetros quadrados (que tal ia ser a da nação conquistada e defendida pelas nossas armas e pela nossa política), equivalente à da décima quinta parte territorial do globo, a espécie humana era, de todas as espécies biológicas, a mais escassa. Neste mundo virgem, a civilização europeia não encontrou, como a civilização romana nas Gálias e nas Espanhas, as componentes diferenciais duma raça capaz de suplantiar ou absorver os colonizadores. Estes não depararam senão com deminutos factores para diferenciação da sua estrutura étnica e ausência total de elementos perturbadores da sua concepção social. Essas diferenciações iam trazer-lhas, no dilatar dos tempos, a aspiração da independência, a influência poderosa do meio e as imposições fisiológicas dos cruzamentos. Desligar nestas condições a actividade portuguesa no Brasil dos seus antecedentes históricos é

tentar metafisicamente abstrair do povoador a sua procedência e abrir uma solução de continuidade na unidade da História.

Pelo menos até meados do século XVIII, quando ainda não se principiara a compor ou acentuar a diferenciação da raça com sua natural propensão emancipadora, o Brasil foi o palco grandiosíssimo onde Portugal praticou um dos seus mais surpreendentes feitos, aquele que para sempre colocará o português, à direita do romano, na vanguarda dos grandes povos colonizadores do universo.

A energia com que a metrópole exerceu o poderio, os erros, as repressões cruéis, o despotismo inflexível que por vezes macularam essa obra, — tanto mais gigantesca quanto fôra distribuída pelo destino a um pequeno povo de três milhões de almas —, não lhe obscurecem o esplendor fulgurante. Em sua luta com os indígenas, o povoador português foi incomparavelmente mais humanitário do que os outros povos colonizadores. Se a prepotência de algum vice-rei arrogante e de alguns capitães-mores cúpidos e dissolutos por vezes crispou a colônia em reacções anunciadoras da emancipação futura, não é menos certo que em Portugal e por toda a Europa nesse tempo os povos sofreram também o jugo opressor dos tiranos.

Se, pois, os elementos nativos em minúscula percentagem entraram na constituição étnica e social do povo brasileiro, assiste razão aos que pretendem chamá-lo à comunhão fraternal da grandeza pretérita dos seus maiores, associando a sua porção considerável de sangue português nas honras de haver agitado todo o sistema arterial da actividade lusitana através da radiante epopeia da Renascença e das façanhas guerreiras da Média Idade.

Não está em nossa intenção, expendendo ideas assim orientadas, fazer história de Portugal à custa do Brasil, mas ao inverso acrescentar à história do Brasil o melhor que existe na de Portugal. Restituímos ao povo brasileiro o que por legítimo e inalienável direito lhe pertence: essa resplandesciente tradição que lhe dilata as fronteiras da História até o berço clássico da latinidade.

Como o definiu Silvío Romero, com o poder ampliador de visão e a análise percuciente que notabilizaram as concepções do notável pensador brasileiro, «*Portugal, na história e na política europeia é uma como representação da vontade schopenhauriana, o poder creador e organisador da vida, a faculdade por excelência do existir.*» Assimilada pelo Brasil essa faculdade moral da raça, a emancipação política não fez senão desenvolvê-la. Essa mesma energia de afirmação a que Portugal deve, a despeito da fragilidade da

sua configuração geográfica, a manutenção inviolável da independência, descobrimo-la e orgulhosamente a respeitamos no zêlo com que o povo brasileiro reivindica em todas as circunstâncias a sua soberana autonomia. Qualidade intrínseca, mas herdada, não é justo que ela se volva, sem motivo, contra a sua maternidade. A maior garantia de indissolubilidade do organismo social brasileiro reside, precisamente, na supremacia da raça originária, amparada e vivificada pela tradição e pela língua. O nacionalismo está adstrito ao tradicionalismo. Há políticos e agitadores de paixões que, aqui e lá, o não vêem, mas ainda está para aparecer o primeiro grande pensador, o primeiro grande estadista, o primeiro grande sociólogo, o primeiro grande poeta vidente brasileiro que o não haja reconhecido e proclamado. A unidade geográfica é inseparável da unidade da língua, da unidade de tradição, da unidade de raça, e tudo isso é inconciliável com o desamor por Portugal. A alma portuguesa vive animada e confortada pela esperança de manter na História a dignidade gloriosa de progenitora daquela que será uma das mais poderosas nacionalidades da terra. Êsse sentimento só pode lisonjear o Brasil no que tem de enternecedor e só pode convir-lhe no que tem de abnegado, pois que o português é cada vez mais a matéria prima assimilável, que se funde no organismo nacional, na raça que, desde há três séculos, êle vem desenvolvendo por ininterruptas transfusões de sangue, e ainda porque o português é, pela natureza da sua dívida, um dos artifices da integridade brasileira, o elemento humano necessário e insubstituível à liga das outras raças, como fixador dum tipo étnico identificado com a tradição, com o sentimento e com a língua.

Que os portugueses do Brasil têm, mais do que o instinto, a consciência da sua missão, demonstra-o com eloquência a iniciativa de comemorarem a data centenária da Independência do Brasil com a publicação monumental duma *História da Descoberta e Colonização Portuguesa do Brasil*, em que, ao mesmo tempo que se procurará elucidar muitos dos pontos até hoje obscuros da História, se realizará uma interpretação portuguesa da obra pelos portugueses realizada no Brasil no decurso de três séculos, e que represente o depoimento solene, selado pelo sangue, pelo heroísmo, pelo sacrifício de tantos dos nossos antepassados, do amor português pela terra e a nação brasileira, desde o dia da descoberta manifestado no êxtase de Caminha, ao descrever ao rei D. Manuel as belezas paradisíacas da natureza e a candura dos habitantes de Santa Cruz.

Certamente, essa obra histórica não procurará encobrir as jaças da nossa acção estupenda, mas narrar em seus pormenores essa façanha gloriosa que consiste em criar do nada, no decurso breve de 322 anos, uma das maiores nações do mundo, das mais nobremente ciosas da sua soberania e das mais altivamente confiantes nos seus grandes destinos.

Demasiada razão houve sempre para estranhar o relativo desapêgo dos historiadores portuguezes pela tarefa, mais que todas gloriosa, que o destino nos distribuiu no planeta. Não posso pretender analisar neste momento os motivos a que se deve não termos, até hoje, à luz da documentação copiosa dos nossos arquivos, narrado com os modernos processos da crítica histórica e em confronto com a dos outros povos colonizadores, a nossa epopeia do Ocidente. A verdade é que temos vivido obsecados pela fascinação da epopéa do Oriente, edificando monumentos eruditos em volta do monumento inacessível dos *Lusiadas*, e que, ainda hoje, quando da nossa missão histórica da Ásia nada mais restam do que relíquias, não puderam os nossos eruditos de História desembaraçar-se do sortilégio e voltarem-se para o padrão eterno da nossa glória, colaborando com os brasileiros na reconstituição da sua História, que é também nossa, fraternalmente trabalhando com os herdeiros da nossa língua nos domínios altos e serenos da intelectualidade, como com êles trabalhamos no comércio, na agricultura e nas indústrias.

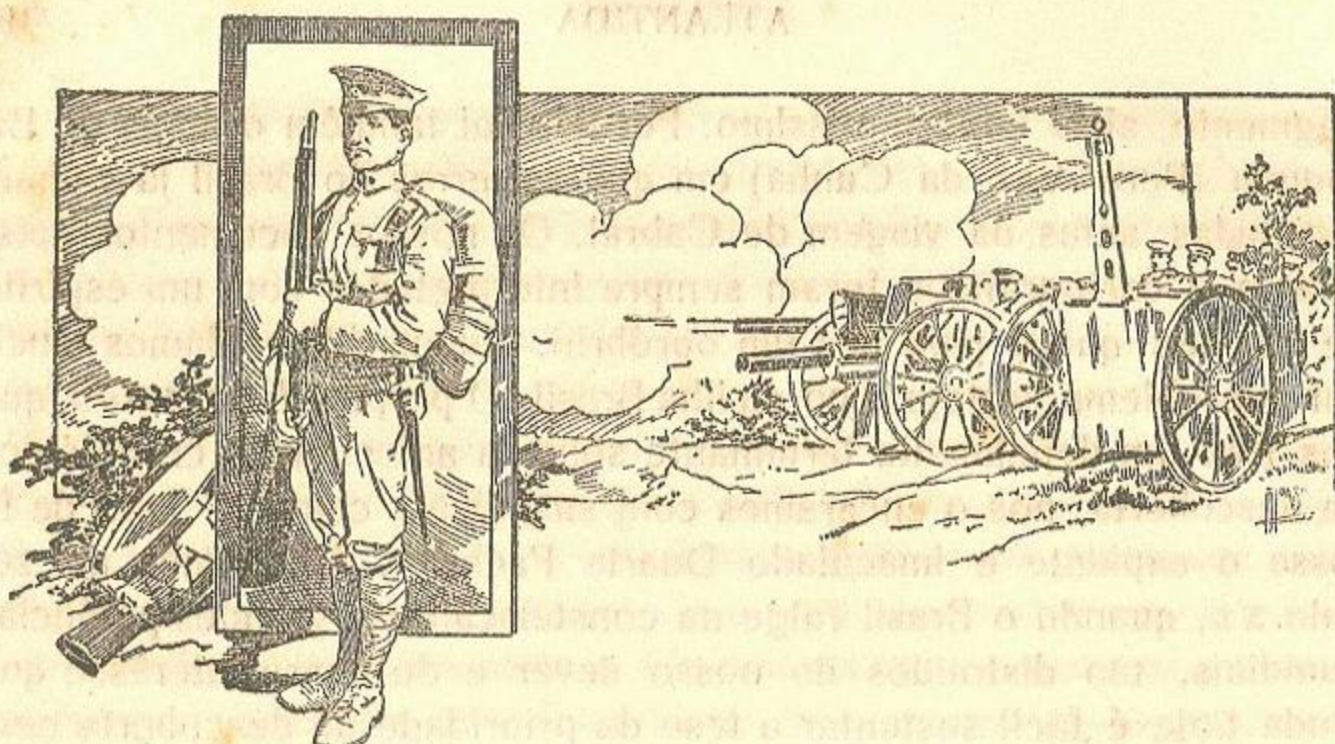
Dir-se-há que a História do Brasil está elucidada e interpretada definitivamente. Erro enorme! De facto, os historiadores brasileiros, desde Pôrto Seguro a Capistrano de Abreu, têm feito mais, muito mais, pela nossa glória nesse palco americano das nossas maiores façanhas, do que todos os historiadores portuguezes. Mas a obra que se nos impõe é ainda de tão consideráveis proporções que abrange a própria reivindicação formal, categórica, do conhecimento da América meridional anteriormente a 1500! São tão graves as lacunas da História do Brasil que se pode concluir que, se não fôra a conservação providencial da carta de Caminha, difficilmente poderíamos documentar a data da descoberta. Ignoramos ainda os nomes de quasi todas as naus da armada de Cabral — «a mais formosa e poderosa armada que até aquele tempo para tão longe dêstes reinos partia» — não sabemos sequer o nome do mensageiro que o almirante mandou a Portugal com a notícia da descoberta. A carta de Cabral a D. Manuel até hoje anda perdida. Da missiva do físico e astrónomo Johannes, também escrita da *Ilha de Santa Cruz* ao rei, só temos um

fragmento, aliás importantíssimo. Perdido foi também o mapa de Bisagudo (Pero Vaz da Cunha) em que as terras do Brasil já vinham registadas antes da viagem de Cabral. Os nossos documentos epistolares e cartográficos foram sempre interpretados com um espírito de timidez que é para nós um opróbrio. Nunca diligenciámos elucidar o problema cartográfico da ilha Brasil. O próprio *Esmeraldo*, que nos traz um depoimento terminante sobre a antecipação cronológica da descoberta, nós o encaramos com suspeição, como se falto de fé fôsse o sapiente e imaculado Duarte Pacheco. Chegámos ao século xx, quando o Brasil fulge na constelação das grandes potências mundiais, tão distraídos do nosso dever e do nosso interêsse que ainda hoje é fácil sustentar a tese da prioridade da descoberta conferida aos espanhóis Hojeda e Pinzon, — que cada ano conquista mais numerosos prosélitos.

A Colónia Portuguesa do Brasil oferece aos historiadores portugueses a oportunidade de colaborarem nesta obra de reparação e de patriotismo, associando-os à homenagem prestada ao Brasil e para a qual o Governo Português já se dignou assegurar o seu alto patrocínio oficial e a cooperação dos funcionários das bibliotecas e arquivos nacionais.

Aparentemente, esta tremenda e honrosíssima tarefa pertence ao signatário dêste artigo, pois que lhe foi confiado pela Colónia Portuguesa do Brasil o encargo da sua organização. Se fôra o caso de invocarmos uma vaidade que só nos envergonharia pelo que revelaria de inconsciência, diríamos que todas as vaidades, mesmo as mais legítimas, se abatem diante duma missão desta magnitude. A execução desta obra pertence aos homens eminentes de Portugal, aos nossos eruditos de História, aos nossos pesquisadores de arquivos, à ilustre pléiada de sábios e de patriotas que continuam a nossa nobilíssima tradição intelectual. É nas suas mãos consagradas que deponho a tarefa honrosíssima que de direito lhes pertence. Nunca melhor do que glorificando-o poderemos exprimir o nosso amor ao Brasil, trazendo ao proscenio da epopéa os antepassados dos Brasileiros.

C. MALHEIRO DIAS.



O exército francês em tempo de guerra

1.º — A ORGANISAÇÃO DAS FORÇAS

A aplicação do princípio da «Nação armada» trouxe como consequência para a guerra recursos enormes em homens, e, por conseguinte, deu às forças mobilizadas efectivos consideráveis.

Para mover e fazer viver essas massas é preciso fraccioná-las e, ao mesmo tempo, colocar um chefe à frente de cada fracção; só assim ter-se há uma organização adaptável a todas as circunstâncias da guerra.

I — O corpo de exército e a divisão

No começo da guerra a fracção base da organização era o *Corpo de Exército*; êle possuía desde o tempo de paz uma existência real, tinha todos os seus órgãos: seu chefe, seu estado maior, suas tropas e seus serviços. Na mobilização estes órgãos conservam-se; sendo entretanto as tropas e os [serviços aumentados dum certo pessoal e material.

Todos os C. E. tinham sensivelmente uma composição uniforme, compreendendo geralmente *duas* divisões de infantaria, um regimento de cavalaria, um regimento de artilharia (regimentos êsses chamados: regimentos de Corpo de Exército), e duas companhias de engenharia. Êles possuíam todos os serviços que lhes permitiam viver e combater isolados; eram verdadeiras unidades de manobra, sempre idênticas, e de composição independente das missões que lhes

fôsem affectas. Abaixo do C. E., na D. I. e na Brigada, procurou-se simplificar a composição das unidades, aliviando-as o mais possível. Os órgãos dos serviços (parques, combóios) não existiam na D. I.

Esta organização não corresponde mais às necessidades da guerra. A experiência mostrou que um C. E., encarregado dum ataque, devia compreender três, quatro, e mesmo cinco D. I. A instrução «sôbre o combate das grandes unidades» nos indica as razões dêste aumento de elementos necessários ao C. E. para o ataque.

«É preciso que o C. E. tenha uma frente de combate, comportando pelo menos duas D. I. —, para agir com a sua artilharia em boas condições.

«É indispensável que êle disponha de fortes reservas para alimentar e conduzir o combate sôbre as posições sucessivas do inimigo.

«Em resumo, o C. E. será dotado dum número de D. I. variável, de acôrdo com as missões que lhe forem confiadas».

Para dar a esta organização toda a mobilidade necessária, foi indispensável dotar-se a divisão de todos os meios que lhes permitam deslocar-se, independente do seu C. E. de origem, e de provê-la de tudo o que lhe fôsse preciso para combater e viver isolada.

A D. I. actual compreende tropas e serviços. Unidade de composição pouco mais ou menos uniforme, ela é permutável. É a fracção da nova organização.

O C. E., de composição variável segundo a sua missão, tende cada vez mais a constituir um grupamento tático, um órgão de comando. Êle tem sempre seus directores e chefes de serviços, porêm a maior parte das tropas de serviço (parques, combóios), outrora anexas ao C. E. e que dependiam directamente do seu general comandante, acham-se agora divididos entre as D. I., das quais fazem parte integrante. O C. E. só conserva os órgãos necessários ao reabastecimento dos seus elementos, não constituídos em divisão.

II — O exército e o grupo de exércitos

O grupamento de ordem imediatamente superior ao C. E. é o Exército. A sua composição é variável de acôrdo com a sua missão; compreende no mínimo três corpos, no máximo cinco. Um exército de menos de três corpos não apresentaria vantagens, e de mais de cinco seria de difficil comando.

As *fôrças francesas* que operaram sôbre a frente ocidental eram divididas em *nove exércitos*.

Quando vários exércitos operam sôbre um mesmo teatro de operações, êles são constituídos em um *grupo de exércitos* debaixo dum comando único.

Da mesma forma que uma descentralização se impõe para o comando, o mesmo acontece relativamente à Direcção dos Serviços, encarregados de prover a todas as necessidades das tropas.

Esta descentralização dos serviços repousa sôbre o princípio seguinte: só incluir no C. E. e na D. I. os órgãos de serviço que lhes são estritamente necessários de modo a aliviar o mais possível essas unidades, conservando-lhes o seu carácter de *unidades de manobra*; dar ao exército os recursos e organismos necessários para que êle possa representar o papel que lhe fôr indicado pelo comando superior.

O exército torna-se assim a *unidade de vida*, tendo à sua disposição vários elementos indispensáveis às tropas que o compõem; êle assegura directamente seus reabastecimentos e suas evacuações.

Porêm, se êle devesse transportar consigo tudo o que precisa (víveres, munições, material, etc.), perderia toda a liberdade de movimento. É conveniente aliviá-lo, assegurar a substituição dos recursos consumidos e as evacuações quotidianas. É o papel dos *serviços de retaguarda*.

Em resumo, na organização actual, a D. I. é a unidade base, ela possui uma composição aproximadamente invariável, é dotada de serviços que lhe permitem viver isolada, porêm durante pouco tempo; ela necessita entretanto do exército, e dêle depende.

O C. E. é um escalão de comando.

O exército é a grande unidade de operações e reabastecimentos.

O grupo de exércitos é um órgão superior de comando.

Emfim, o comando de todos os grupos de exércitos que operaram em França era exercido pelo *comando em chefe*.

III — Quartéis gerais

As grandes unidades são caracterizadas, não sómente pela acção hierárquica do comando *sôbre as tropas*, mas também pela posse de meios e elementos constituindo os seus grandes *serviços*.

O comando destas unidades tem junto a si para agir sôbre as

tropas: o *Estado Maior*; e para assegurar a conservação dessas tropas, o pessoal dos *serviços*.

O conjunto desses dois órgãos constitui o Q. G., sua importância varia com a importância da unidade de comando.

IV. — Trens, Parques, Combóios

Os vários reabastecimentos necessários às tropas são transportados em:

1.º — *Trens de combate*, carros de munições e de material necessários no campo de batalha. Cada elemento (batalhão, regimento de infantaria, grupo de batarias...) constitutivo duma grande unidade, possui seu trem de combate, que o acompanha durante as marchas. Uma grande unidade possui além disso elementos especiais (ambulâncias, parques de artilharia e de engenharia), constituindo seu próprio trem de combate que, em geral, marcha à retaguarda das tropas.

2.º — *Os trens regimentais*, que transportam víveres e bagagens. Eles são particulares a cada elemento constitutivo da grande unidade.

3.º — *Os parques e combóios*, que transportam um complemento de provisões de primeira linha; só as grandes unidades possuem parques e combóios.

2.º — A ORGANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

(Croquis I).

O território da França é dividido em 2 grandes zonas:

A *zona dos exércitos*, sob a autoridade do General em chefe, debaixo do ponto de vista dos recursos, da utilização dos acontecimentos para os exércitos, da policia geral, da circulação; e a *zona do interior* sob a acção do Ministro da Guerra. O limite que separa as duas zonas é fixado pelo Ministro, de acôrdo com o General em chefe.

A parte ocupada nessas zonas pelos corpos de exército e divisões, com os seus parques e combóios, chama-se *zona de vante*. O resto das zonas dos exércitos chama-se *zona de retaguarda*. Porém os exércitos possuem meios e recursos que lhes pertencem, que se acham em depósitos ou constituindo combóios a retaguarda das

tropas. É preciso, pois, que elles tenham acção sôbre a zona onde se acham êsses depósitos ou circulam os seus combóios.

Além disso, há interêsse em deixar à disposição dos exércitos os recursos locais da zona situada imediatamente atrás da zona da frente, recursos êsses que os exércitos poderão directamente explorar: géneros alimentícios, *ateliers* de fabricação de material de engenharia, serrarias, florestas, etc. Assim procedendo, se é levado a constituir na zona de retaguarda, uma zona de território *para cada exército*, chamada *Zona das Etapes*. Esta zona é limitada em todos os sentidos.

O limite da frente, que a separa da zona da frente, é fixado pelo General Comandante do Exército; os limites laterais, separando os exércitos uns dos outros, e os limites de retaguarda, são fixados pelo General em chefe.

3.º — O GRANDE QUARTEL GENERAL

Já dissemos que o comando dos grupos de exércitos operando em França toma o nome de *Comandante em Chefe*. O pessoal à disposição do Comandante em chefe constitui o *Grande Quartel General*.

O elemento essencial do G. Q. G. é o *Estudo Maior*, cujo chefe é o *Major General* auxiliado por sub-chefes chamados *Adjuntos Generais*. O general em chefe deve entre os exércitos a maior parte dos meios e elementos à sua disposição; porém êle conserva certos recursos, que só podem funcionar graças a uma organização de conjunto. São os caminhos de ferro, as vias fluviais e, até um certo ponto, os telégrafos, os órgãos de transporte automóveis, etc. Todos êsses serviços centralizam-se sob as ordens do *Director da Retaguarda*.

Êste director faz parte normalmente do G. Q. G. e é um Adjunto General, sob a direcção do Major General.

4.º O EXÉRCITO

O Exército tem uma composição variável de acôrdo com a missão que lhe é confiada.

Êle compreende:

1.º Um Quartel General.

2.º Um certo número de grandes unidades de todas as armas;

corpos de exército, divisões de infantaria, que constituem em suma o *corpo de batalha*.

3.º Eventualmente, grossas unidades de *cavalaria*, divisões, brigadas.

4.º Eventualmente, elementos de artilharia pesada.

5.º Unidades territoriais encarregadas de reforçar as unidades activas para a ocupação de sectores definitivos, de executar certos trabalhos, de comboiar os trens, parques, combóios e guardar certos pontos e obras.

6.º Unidades aeronáuticas, esquadrilhas de exército.

7.º Unidades especiais: companhias de construção e exploração dos caminhos de ferro de bitola de 0^m,60, companhias de engenharia.

Estes elementos constituem a parte essencial do Exército. A eles juntam-se os *Serviços*, cujo órgão director se encontra no Quartel General do Exército.

a) — O QUARTEL GENERAL DUM EXÉRCITO

Até o comêço do ano de 1917 o Quartel General tinha em todos os exércitos uma composição uniforme. Êle compreendia *dois grupos autónomos*.

1.º *Grupo — Estado Maior*, encarregado da direcção das tropas.

2.º *Grupo — Serviços*, encarregados na direcção dos serviços.

Êste grupo funciona sob a denominação de *Direcção das Etapes e Serviços* (D. E. S.)

1.º *Estado Maior* — Êle é o auxiliar imediato do comandante do exército, em tudo o que diz respeito às operações.

Subdivide-se em três secções:

1.ª *Secção*: Material e pessoal.

2.ª *Secção*: Informações e negócios políticos.

3.ª *Secção*: Operações e instrução.

À primeira secção pertence também o serviço de remonta; á segunda secção, a cartografia, o serviço de segurança, e á terceira secção pertence também a telegrafia de primeira linha.

No Estado Maior funcionam também:

A secção dos correios.

O comando da aeronáutica.

Os *comandos de artilharia e engenharia* e o grupo dos planos de tiro.

2.º) *Comandos de Artilharia e Engenharia.* O General Comandante de Artilharia tem sob as suas ordens directas os elementos de artilharia que não fazem parte orgânicamente das grandes unidades do exército ou que não estão sob as ordens do General Director das Etapes e Serviços. Êle tem as atribuições dum general de divisão, e dispõe dum estado maior composto de: 1 Oficial superior, chefe de Estado Maior, e de 8 Officiais adjuntos.

O General (ou coronel) comandante da engenharia do exército tem, sob a sua autoridade directa, os batalhões M. D. (*) empregados no exército, os batalhões de instrução de sapadores mineiros e todos os elementos de engenharia não incluídos nas grandes unidades.

Êle dispõe dum estado maior composto de 2 Officiais.

Como total, o Estado Maior dum exército compõe-se de 70 Officiais, 600 soldados e 150 cavalos.

3.º *Direcção das Etapes e Serviços.*— O general comandante de exército delega os seus poderes sôbre os serviços a uma autoridade independente: um general de divisão com o titulo de *Director das Etapes e Serviços*.

O General D. E. S. depende do General Comandante do Exército, nas mesmas condições que um comandante do Corpo de Exército. Seu papel é o de grande fornecedor do exército; é êle que deve prover às suas necessidades e satisfazê-las sem criar embaraços às suas operações.

Como *Director das Etapes*, a sua acção se exerce dum modo completo sôbre a zona das Etapes; êle dirige a exploração dos recursos locais nesta zona, faz a sua distribuição entre as grandes unidades do exército, e mantêm o comando do território.

Como *Director dos Serviços*, êle tem acção sôbre todos os serviços do exército, tanto nas formações de vante como no serviço das etapas, com excepção do serviço de telegrafia de 1.ª linha e dos serviços de artilharia e engenharia de vante, que dependem do comandante do Exército, por intermédio dos comandantes da artilharia e da engenharia do Exército.

Para coodernar as acções dos serviços o General D. E. S. tem junto a si um Estado Maior; o conjunto dêste Estado Maior e os directores ou chefes dos serviços constituem o 2.º grupo do Quartel General do Exército.

(*) Mascart-Dessolien—trabalhadores encarregados da construção de abrigos.

Estes diferentes serviços são : o *serviço de artilharia das etapas*, cujo chefe é o director do Grande Parque de Exércitos ;

o *serviço de engenharia das Etapes*, dirigido por um Coronel ou Tenente-Coronel ;

o *serviço da Intendência do Exército*, sob a direcção dum Intendente, com acção sôbre a zona de vante e de retaguarda ;

o *serviço de Saúde do Exército*, sob a direcção dum médico inspector, com função idêntica às zonas limitadas para o Intendente ;

o *serviço veterinário*, com um veterinário principal e com acção idêntica à do médico relativamente às zonas ;

o *serviço de polícia*, o *serviço de fundos*, o *serviço dos correios*, o *serviço de telegrafia de 2.^a linha*, o *serviço automóvel*, o *serviço de estradas*, o *serviço das águas* e o *serviço florestal*.

O General D. E. S. devendo prover, deve prever, por conseguinte êle deve estar a par das instruções e decisões do General Comandante de exército ; as relações entre os dois grupos do Quartel General do exército são constantes. Por isso a D. E. S. funciona na mesma localidade que o Estado Maior do Exército.

O *Quartel General (1.^o e 2.^o grupos)* do exército, é constituído em seu total de

120 *Oficiais*

1.200 *homens de tropa*

250 *cavalos*.

Quartel General dum grupo de exércitos. — O grupo de exércitos sendo simplesmente um órgão de comando, o Q. P, se reduz ao E. M. que compreende um chefe de E. M. e uma secção encarregada das operações.

a) — NOVA ORGANISACÃO DOS Q. G. DE GRUPOS DE EXÉRCITO E DE EXÉRCITO

(Papel e constituições invertidas, os serviços passam do exército ao grupo de exércitos).

O aumento constante dos recursos materiais empregados na guerra actual exige uma ligação cada vez mais íntima entre o comando e os serviços. O comando não pode, com efeito, ordenar uma operação, senão quando os seus serviços estão em condições de corresponder às necessidades que exigem o preparo e a execução

dessa operação. O E. M. de Exército (1.º Grupo) foi por isso levado a ocupar-se das várias questões relativas aos reabastecimentos e a tomar a seu cargo uma parte das atribuições da D. E. S. (2.º Grupo). Idêntica conduta teve que observar relativamente à circulação e aos meios de transporte. Na zona dum exército em operações, a circulação atinge uma intensidade considerável. Os movimentos das tropas e dos combóios devem ser minuciosamente regulados, afim de evitar-se as paradas demoradas ou erros de direcção.

Esta organização comporta em primeiro lugar a criação em cada E. M. de exército de uma 4.ª secção, que se ocupa de todas as questões de reabastecimento, de transporte e circulação além das vias férreas normais e de 1 metro de bitola.

Todos os serviços das D. E. S. estão anexos à 4.ª secção.

No que diz respeito ao *serviço das etapes*, a indicação duma zona de etapes para cada exército, traz em geral alguns inconvenientes para as suas operações.

Na zona escolhida para uma acção ofensiva, os efectivos são reforçados; 2 ou 3 exércitos virão ocupar a frente ocupada primitivamente por um só. Para dar a cada um desses exércitos uma zona de etapes que lhes pertença, e que contenha os recursos que lhe são necessários, os E. M. de grupos de exército durante a campanha foram muitas vezes levados a aumentar a zona das etapes do exército ou dos exércitos em operações, reduzindo as dos exércitos vizinhos.

Para dar-se à organização das Etapes todas as facilidades de acção foi-se levado à criação das *zonas de Etapes de grupos de Exército*.

A nova organização compreende zonas de etapes de grupos de exército e zonas de etapes de exército; todas estas zonas dependem do comandante de grupo de exércitos, que divide os seus recursos entre os diferentes exércitos, de acôrdo com as suas necessidades.

Esta divisão é feita pela 4.ª secção criada no E. M. do grupo de Exércitos.

À frente de cada zona de Etapes acha-se um *director de Etapes* encarregado do comando territorial e do aproveitamento dos recursos locais com o auxílio dos meios materiais postos à sua disposição pela 4.ª secção do Grupo de Exércitos retirados dos Exércitos.

A nova composição dos Q. G. de grupos de exército é a seguinte:

1.º) *E. M. de grupo de exércitos.*

1.ª *Secção.* — Pessoal efectivo de tropas e formações não pertencentes aos exércitos (A. P., A. L. G. P., grupos de Etapes, etc.);

2.ª e 3.ª *Secções.* — Idênticas às do Exército.

4.ª *Secção* — Desdobra-se em duas partes :

1.ª *Parte.* — Fixação da ordem de urgência para os vários reabastecimentos dos Exércitos ;

Divisão dos recursos fornecidos pela D. E. ;

Colocação, à disposição das D. E., dos trabalhadores e dos meios de transporte precisos para a exploração da zona das etapas.

2.ª *Parte.* — Transportes e comunicações. A 1.ª e a 4.ª secções podem fundir-se em uma só.

À 3.ª *Secção* pertencem :

1.º) Um representante da R. G. A. P. (reserva geral de artilharia pesada).

2.º) Um oficial superior da aeronáutica, encarregado de tratar todas as questões relativas a aeronáutica.

À 4.ª *Secção* pertencem :

1.º) O Inspector das Munições e do parque de Equipagem de A. P.

2.º) O chefe da rêde de caminhos de ferro de bitola de 0^m,60.

3.º) O delegado da direcção do Serviço automóvel.

2.º — *Direcção das Etapes.*

Junto ao E. M. do G. E. funciona a D. E., de cujas atribuições já nos ocupámos : — comando territorial, exploração, divisão, de acôrdo com as ordens da 4.ª *Secção*, dos recursos das zonas de etapas.

Os serviços que dependem desta direcção são :

Sub Intendência das Etapes,

Direcção de Engenharia das Etapes,

Serviço de Saúde,

Telegrafia de 2.ª linha.

Serviço florestal,

Serviço de Saúde e Veterinária das Etapes.

Emfim, a D. E. dispõe de tropas de Etapes, das quais nos ocuparemos oportunamente.

3.º — *Quartel General de Exército.*

O Q. G. é constituído por *um só grupo*, o grupo E. M.

O E. M., sob a direcção de um general, coronel ou tenente-coronel, subdivide-se em 4 secções.

1.ª Secção — que se ocupa de tudo o que diz respeito ao pessoal e efectivos (inclusive das tropas de etapes), e em particular do reabastecimento em homens e cavalos; da organização e reorganização das unidades; da instalação das tropas, acantonamentos, campos, prisioneiros.

1.ª 3.ª Secções — Sem alterações.

4.ª Secção — *1.ª parte*: reabastecimentos em víveres, munições, armamento, material. Evacuação dos feridos.

2.ª Parte: transportes e comunicações.

À *1.ª Secção* se acham anexos os serviços de Veterinária e de Remonta.

À *4.ª Secção* os de Fundos e Correios, Águas, Florestas, Estradas, Serviços Automóveis e de Caminhos de Ferro de via 0^m,60.

Na nova organização os serviços de artilharia e de engenharia das Etapes foram suprimidos. O Grande Parque de Artilharia e o Parque de Engenharia foram anexados, debaixo do ponto de vista do seu emprêgo, à *4.ª Secção*, e debaixo do ponto de vista técnico, aos comandos de artilharia e engenharia do exército.

O serviço de Saúde e o serviço de Intendência do Exército, conservando os seus directores dependentes directamente do E. M. do Exército, acham-se ligados à *4.ª Secção*; *a sua acção só se exerce na zona de vante.*

c) — ORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DUM EXÉRCITO

1.º Algumas informações. — A D. E. S., ou a *4.ª Secção* do E. M., deve fornecer ao exército tudo o que lhe é necessário para viver e combater: víveres, munições, material de artilharia, de engenharia, de serviço de saúde, etc.

Estas provisões são reunidas em lugares dominados: *estações armazens* para os víveres, e *depositos* para os materiais e munições.

Estes armazens e depositos encontram-se quer na zona do Interior, quer na zona dos Exércitos. Todos os reabastecimentos são transportados aos exércitos por caminhos de ferro. A rêde de vias ferreas que liga o exército ao território, passando pelas estações armazens e depósitos, comporta uma parte interessante para o exército: é a que fica compreendida entre êle e os armazens e depósitos. Nela acha-se a *gare reguladora*, (G. R.) órgão extremamente

importante que serve de regulador em todas as transacções entre o exército e o interior.

Todas as remessas destinadas ao exército são dirigidas à G. R., e é ela que as encaminha às gares de reabastecimento do exército. E inversamente, toda a remessa do exército passa pelo G. R. que a dirige ao seu destino.

Na gare reguladora, se encontram os representantes dos serviços de artilharia, engenharia, intendência e saúde.

O general D. E. S. dispõe dos recursos e provisões dos centros (estações, armazens e depósitos); por proposta dos chefes de serviço, elle regula o emprego, porém sem se inquietar da sua renovação, que se opera automaticamente sob a autoridade do Ministro.

Na *nova organização*, os recursos desses centros são affectos pelo Comando em chefe, aos comissários reguladores encarregados de prover às necessidades dos exercitos e que lhes são indicadas pelas 4.^a secções.

2.^o *Organização dos serviços.* — Quaesquer que sejam os recursos e os rendimentos das vias ferreas, não é possível enviar-se diariamente aos exercitos, tudo o que elles precisam dos armazens e depósitos; além disso, é indispensável prevêr uma interrupção momentânea das vias ferreas. Nestes condições, cada exército possui um primeiro escalão de recursos. Estes recursos, à disposição da D. E. S. ou da 4.^a secção, podem ser agrupados em 4 categorias, correspondentes aos 4 grandes serviços do Exército: Artilharia, Engenharia, Intendência e Saúde.

Serviços de artilharia. — O órgão principal é o grande parque de artilharia (G. P. A.) que se escalona desde a G. R. até à zona da frente, (incluso). Elle se divide em dois escalões:

a) 1 escalão do exército, que comprehende o E. M. do P. G. A., um destacamento do G. P. A., ateliers de reparação, armazens.

b) 1 escalão de G. R. reduzida à missão de órgão de transito.

Serviços de Engenharia. — Elles comprehendem:

a) o parque de engenharia de exército com a reserva de várias ferramentas;

b) uma secção de autos projectores;

c) uma reserva de ferramentas e materiais para o provisionamento dos depósitos de engenharia, na Zona de vante.

Serviços de Intendência. — Os provisionamentos em viveres que eram transportados pelos comboios administrativos, são reunidos nos depósitos das gares de reabastecimento.

Uma reserva de provisões de viveres, se encontra à disposição do exército na G. R. ou em uma de suas anexas.

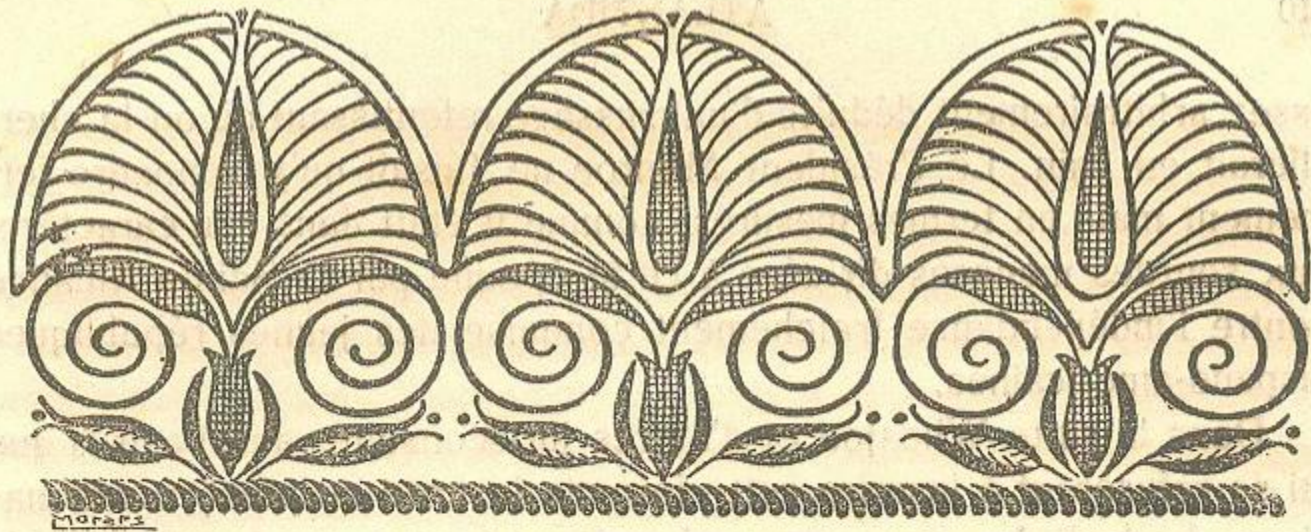
Serviço de Saúde. — O Serviço de Saúde dispõe :

- a) *das ambulâncias e das secções de hospitalização de exércitos*, destinadas a reforçar as formações sanitárias de vante ;
- b) *dos hospitais de evacuação*, triagem e classificação dos doentes, conservando os não transportáveis ;
- c) *dos trens sanitários* que transportam os feridos aos hospitais do interior.

(Continúa).

TENENTE-CORONEL LEITE DE CASTRO,
da Missão Militar Brasileira na frente francesa.





Le vieux monde et les deux Amériques

IMPRESSIONS ET SOUVENIRS

I

Au Congrès Panaméricain de Rio de Janeiro, en 1906, un délégué bolivien, M. Romero, prononça ces paroles à effet : « l'Amérique aux Américains et *chaque Nation Américaine à elle-même* ».

Le Congrès se réunissait dans l'ancien pavillon brésilien de l'Exposition de St.-Louis qui, transporté l'année même à Rio, y avait reçu en vue de sa nouvelle destination le nom significatif de « Palais Monroe ». C'était d'un heureux à propos.

Le complément ajouté à la célèbre doctrine ne l'était pas moins. Le mot eut un vif succès dans la salle du Congrès comme en dehors. Il se rapportait à une crainte souvent exprimée à cette époque en Amérique du Sud : celle de voir la protection promise par la puissante sœur aînée à la grande famille américaine, jalouse de sa liberté, se transformer peu à peu en un protectorat qui menacerait cette liberté elle-même.

Les affaires de Cuba et de Panama venaient d'attirer l'attention sur le danger qu'elles semblaient courir et le trait que je viens de citer donnait une expression adéquate aux sentiments qui régnaient dans l'atmosphère formée par ces événements autour de l'assemblée.

Le Gouvernement de Washington, d'accord en cela avec les meilleurs esprits de l'Union, c'était pourtant montré jusque là très prudent à l'égard de ces susceptibilités. Les autorités américaines les plus reconnues en matière de droit international, à commencer par Henry Wheaton, avaient elles-mêmes envisagé la fausse interprétation, dont était menacée la formule « L'Amérique aux Américains »,

assez arbitrairement déduite d'un message retentissant où on la chercherait en vain. Le Président Monroe ne faisait qu'y répondre fermement mais en termes mesurés, comme il était dans son caractère, aux sourdes menaces dirigées à cette époque par la Sainte-Alliance contre l'indépendance fraîchement conquise des jeunes républiques hispano-américaines.

Dans la suite Wheaton et d'autres jurisconsultes aussi avisés que lui se refusèrent à inscrire cette formule inscrite au nombre des maximes du droit des gens ; ils en donnèrent ouvertement pour motif le danger de la voir mésusée dans le sens des appréhensions dont j'ai parlé plus haut et que leur perspicacité n'avait pas manqué de prévoir. La politique de l'Union se régla sur des vues si sages. Nulle part, dans son développement, elle ne manifesta de tendances à une hégémonie panaméricaine. A-t-elle eu à lutter pour cela contre un courant de quelque importance ? Il n'y a pas de conception, si hardie qu'elle soit, qui ne trouve accueil dans un certain nombre de cerveaux américains toujours faciles à mettre en mouvement. Mais cette mobilité même les empêche de persévérer dans leurs audaces quand celles-ci se heurtent à la résistance du sens droit et du sens pratique, également propres au génie de la race.

Le fait est que jamais des visées impérialistes s'étendant à tout le Nouveau-Monde ne jouirent de quelque faveur que ce soit dans le grand public américain. Quant aux cercles dirigeants, le Panaméricanisme, même dans son sens le plus idéal, analogue à celui qui, à l'heure qu'il est, s'attache par exemple aux plans d'Union Latine, a toujours rencontré à Washington une opposition bien accentuée de la part des hommes pondérés qui conservent ce qu'on a coutume, dans nos chancelleries, d'appeler «les bonnes traditions». Il n'y a pas jusqu'à l'institution, si bénigne pourtant, des Congrès Panaméricains qui ne s'y soit heurtée au début, et c'est, si je ne me trompe, à l'intervention très active de quelques diplomates sud-américains eux-mêmes qu'elle doit d'en avoir triomphé.

Il n'en fut pas autrement du Bureau des Républiques Américaines qui, institué par un Congrès, fonctionne à Washington et constitue une amphictyonie des moins alarmantes.

De même je ne crains pas trop d'être démenti en avançant que si, à certains moments, l'Union s'est départie de sa retenue habituelle, ces infractions eurent la plupart du temps pour point de départ les sollicitations les plus pressantes des représentants de quelques peuples latino-américains souffrant du régime auquel ils étaient soumis.

Ces mécontents et ces révoltés réussirent parfois à provoquer aux États-Unis où ils s'étaient réfugiés un irrésistible mouvement d'opinion en faveur de leur cause, quand celle-ci était juste et touchait aux principes essentiels du droit et de l'humanité. Le Gouvernement fédéral dut, à plusieurs reprises, céder à la pression d'une opinion ainsi mise en émoi. Mais pour croire qu'il ait contribué lui-même ou fomenté en secret dans les pays en cause les troubles qui y avaient donné lieu, il faudrait avoir suivi les événements de l'autre hémisphère avec des yeux habitués à contempler ceux de notre. Ou même il faudrait sans sortir d'Europe avoir oublié la psychologie de nos révolutionnaires de quatre-vingt-neuf et de quarante-huit.

La mission qu'ils s'attribuaient, l'apostolat qu'ils prétendaient à exercer à travers le monde, les principes dont ils se faisaient les champions pacifiques ou armés, le bonheur qu'ils voulaient faire régner sur terre par l'établissement universel du *Droit de l'Homme et du Citoyen*, tout cela n'était-il que mots sonores et convoitises déguisées? Cela n'avait-il pas sa source dans une conscience éveillée et dans une sorte de révélation nouvelle? Et comment s'était opéré ce réveil, d'où venait cette révélation? Qui avait, le premier, prononcé la parole de délivrance? N'étaient-ce pas des hommes libérés eux-mêmes dans leurs âmes religieuses avant de s'être affranchis d'entraves extérieures imposées à leur communauté? N'étaient-ce pas les *Pères Pélerins du Mayflower* ainsi que les compagnons de Penn et leurs descendants affranchis? Or ces descendants et ceux qui s'étaient groupés autour d'eux et avaient participé à l'œuvre d'affranchissement ce sont les pères de la société américaine d'aujourd'hui.

Dans cette grande famille traditions et préceptes se conservent toujours, quoi qu'on en pense. Il suffit pour s'en convaincre, sans même franchir l'Océan, de connaître d'un peu près quelques-unes des petites familles qui la composent et viennent parfois en Europe non pour satisfaire, comme certains et surtout certaines de leurs compatriotes, les convoitises de nos hôteliers et de nos coureurs de dots, mais pour étudier, observer, rapporter chez eux, ou encore pour répandre les bonnes œuvres après la bonne parole. C'est là qu'on doit la chercher la vieille âme, toujours vivante, toujours active, qui a créé l'Union, assuré son indépendance, et qui, depuis lors, a toujours veillé à ce que la flamme du foyer conquis demeure inextinguible. Cette âme a développé en soi l'instinct nécessaire pour accomplir une mission dont elle continue à avoir pleine conscience.

Elle a formé de la sorte l'opinion publique de l'immense démocratie, opinion qui seule y exerce les véritables fonctions de la souveraineté nationale.

Un jour, à bord du petit yacht de la marine chilienne qui nous promenait à travers les merveilleux fiords de la Patagonie, je plaisantais Miss Dora Keen, aujourd'hui Mrs. Standy, la grande alpiniste américaine, sur l'humeur conquérante qui s'était emparée de sa Nation et avait conduit le drapeau étoilé de Cuba et de Porto-Rico aux îles Hawaï et aux Philippines. Notre conversation affectait le ton badin avec lequel on devise si agréablement avec les représentants authentiques de cette culture américaine qui, au lieu d'alourdir l'esprit, lui donne, au contraire, une allure plus vive et plus délibérée. C'était le cas de mon interlocutrice, sa hardiesse naturelle ne s'épuisait pas en ascensions vertigineuses dans l'Alaska, mais la faisait escalader avec le même entrain les obstacles qui hérissent le vaste domaine ouvert aux aspirations de la plus grande Amérique. Peu à peu, cependant, ses regards s'allumèrent d'une sorte de ferveur, colorant son visage bruni à l'air du large et des sommets. Elle se passionnait visiblement pour son sujet et commençait à plaider avec éloquence pour la politique que je m'amusais à incriminer. Seulement cette éloquence ne consistait pas en principes exprimés et soutenus avec feu, comme cela se pratique dans les discussions du même genre auxquelles nous sommes accoutumés en Europe. Elle ne lui inspirait pas de déclamation enflammée mais lui dictait des chiffres, relevés statistiques qui, tout d'un coup, se présentaient à son esprit en quête d'arguments propres à faire triompher sa thèse : celle de la nécessité d'une action qui, partant de son pays, porte à ceux qui en ont besoin les lumières de l'instruction et les bienfaits qui en résultent. Ces chiffres, avancés avec une sorte de fierté impétueuse, impressionnaient, en effet, plus que ne l'auraient fait les plus brillantes périodes. C'était ceux des écoles fondées aux Philippines, des jeunes êtres arrachés à la puissance des ténèbres propice aux désordres et aux vices dont l'administration espagnole n'avait fait que se pénétrer elle-même, tandis que les instructeurs nouveaux venaient enseigner à un peuple enfant les vertus par lesquelles l'homme se maîtrise, discipline sa volonté et arrive à se gouverner avant de gouverner les autres.

Écouter cette américaine dont mes souvenirs retrouvent, un peu au hasard, la figure amie parmi beaucoup d'autres non moins représentatives de sa race, c'était, pour moi, assister, une fois de plus, au

processus qui s'accomplit dans l'esprit de tout citoyen et de toute citoyenne de la libre Amérique appelés à continuer l'œuvre ancestrale en offrant leur appui au Gouvernement de l'Union engagé dans une entreprise patriotique, au sens qu'ils donnent à ce mot.

En entendant l'un d'eux on les entend tous. Si indépendant, si spontané que soit chacun d'eux en particulier, ils constituent dans leur ensemble les éléments homogènes d'une société fondée sur un seul et même principe, véritable être collectif poursuivant la tâche qui lui est assignée par son génie spécial, par son Javeh tout puissant.

L'action que cet être collectif exerce en ce moment sur les destinées de la grande collectivité humaine est d'une si extrême importance que rien ne nous est indifférent de ce qui peut nous en faire saisir les mobiles cachés. Nous devons les chercher dans le feu d'une volonté supérieure, que j'appellerais inconsciente si elle n'émanait pas, au contraire, du plus profond de la conscience nationale.

II

A cet égard un premier problème se pose : comment se fait-il qu'au moment où des esprits exaltés auraient volontiers remplacé la formule « l'Amérique aux Américains » par cette autre « Le Monde aux Américains ». Cette phrase de leur histoire n'a pas eu le début qui semblait le plus naturel et que l'Amérique Latine paraissait redouter comme on l'a vu plus haut ?

Voici la solution que cet énoncé même pourrait nous suggérer : si vraiment la nation américaine est un nouvel Israël appelé à dicter sa loi à toutes les autres, la volonté qui lui impose ce rôle lui défend par là même d'user ses forces pour l'accomplissement d'une mission plus restreinte.

Acquérir le Texas, la Louisiane, la Floride, la Californie pour s'étendre de l'Atlantique au Pacifique ; c'étaient là des annexions pures et simples, qui lui ouvraient vers l'Occident et vers l'Orient les portes de l'avenir. La prise de possession de Porto-Rico, l'établissement de sa suprématie à St-Domingue et, jusqu'à un certain point, à Cuba, l'action exercée en Amérique Centrale et, — je le concède, quoique ce soit discutable —, dans la partie septentrionale de l'Amérique du Sud, ce fut la construction d'un puissant barrage destiné à protéger le canal de Panamá, communication essentielle entre ses deux domaines maritimes.

Mais cette action s'arrête là. Le même motif pratique et immédiat aurait pu, cependant, englober le Mexique qui, aux d'un adversaire de l'Union aurait constitué un péril immédiat, mais une entreprise pour le prévenir efficacement risquerait d'entraîner de précieuses réserves. Les États-Unis, après les agrandissements nécessaires faits aux dépens de la puissance voisine et malgré la protection qu'ils doivent à beaucoup des leurs qui y sont établis ou y ont de très graves intérêts, n'y interviennent qu'avec la plus grande prudence et le dessein bien visible de ménager leurs ressources. Quant aux parties vives du Nouveau-Monde Latin, quant aux organes essentiels de ce grand corps en formation qu'on ne désigne encore que par les trois premières lettres A. B. C. (Argentine, Chili, Brésil) d'un alphabet qui suivra bientôt, j'en parle en témoin. Nulle part je n'ai rencontré, ni parmi mes collègues des États-Unis ni parmi leurs rares compatriotes séjournant dans ces pays, personne qui rappelât, de près ou de loin, un de ces agents qui, dans une situation analogue, l'Europe Occidentale, Centrale ou Slave envoyait naguère en Orient pour y tâter secrètement le terrain et y préparer des voies dans les ténèbres. Aucun œil, si exercé qu'il soit, ne saurait, en tant qu'il s'agit de nord-américains, distinguer ce type dans les régions dont je parle. Je n'en dirai pas autant de quelques européens qu'il m'est arrivé d'y rencontrer.

Même en dehors de cela, le seul fait qu'entre les deux moitiés de l'hémisphère occidentale, les communications maritimes, si abondantes avec le vieux continent, n'étaient assurées de mon temps que par une ligue de passagers anglaise ou écossaise de second ou de troisième ordre (je ne sais si les choses ont changé depuis), justifiait d'une façon frappante le mot que Saëns-Peña, l'éminent homme d'état argentin, mort, président de la République, il y a quelques années, lançait comme une sorte de défi, à un moment où la guerre hispano-américaine éveillait chez les ibères d'Amérique un sentiment de race encore plus accentué que de coutume :

—Notre chemin ne nous conduit pas en Amérique du Nord, il nous mène en Europe.

On peut être sûr qu'en parlant ainsi ce hidalgo *Latin* du corps à l'âme et de la tête aux pieds, ne pensait pas, comme d'autres personnages, à qui sa fin prématurée a malheureusement laissé la place libre, que la voie indiquée par lui eut pour point terminus Berlin.

L'Europe qu'il avait en vue était celle à laquelle la délégation ar-

gentine, qu'il présida à La Haye, s'associa pour défendre le principe d'arbitrage combattu par l'Allemagne,

Il était inévitable qu'appelés pour la première fois à une consultation universelle sur les affaires du monde les latins d'Amérique eussent éprouvé tout d'un coup, en se rencontrant, le sentiment de former un élément à part au milieu des nations. Si les deux Conférences de la Paix furent stériles sous beaucoup d'autres rapports, la seconde porta du moins, ce fruit imprévu. En insistant sur la convocation des républiques sœurs, le gouvernement de M. Roosevelt, s'attendait-il à un autre résultat? Comptait-il établir une solidarité panaméricaine qu'il jetterait dans la balance à un moment donné? Quelques propos qui me furent tenus de part et d'autre m'inclineraient à le croire. En ce cas, il y avait erreur: l'Amérique anglosaxonne ne révéla pas l'Amérique latine à l'Europe qui la connaissait depuis longtemps, elle la révéla à l'Amérique latine elle-même. Il y eut dans l'histoire de cette dernière un moment peut-être décisif: ce fut celui où ses diverses délégations, y comprise celle de l'Argentine, — dont la rivalité avec le Brésil venait cependant de revêtir une forme assez aiguë —, reçurent en secret de leurs gouvernements l'ordre de se ranger derrière le drapeau que l'ambassadeur brésilien, M. Ruy Barbosa, tenait d'une main ferme et auquel il donnait un singulier prestige.

Doué d'une grande éloquence appuyée sur de profondes connaissances juridiques et sur une méthode magistrale, stimulé par un patriotisme ardent, le premier délégué du Brésil était, en outre, soutenu de loin par l'homme d'état de premier ordre qui dirigeait alors la politique de son pays. Le Baron de Rio-Branco n'était pas homme à laisser échapper une occasion dont il eut tôt fait d'apprécier la valeur exacte avec un jugement aussi rapide que l'était son action quand les circonstances l'exigeaient. L'attitude du Brésil fut, dès le premier jour, celle d'une complète indépendance à l'égard des États-Unis et d'une parfaite égalité vis-à-vis des autres puissances. L'autorité de son représentant devint bientôt incontestable. On peut dire qu'il sut la conquérir de vive force, une force que son maintien volontairement modeste et sa taille mince et exiguë ne laissaient guère pressentir. Quelques-uns qui s'y trompèrent n'eurent pas à s'en louer, et parmi eux se trouvait l'ambassadeur Choote, que Washington avait envoyé à La Haye, où son imposante figure dominait la plupart des autres. Son tort initial fut moins de regarder d'assez haut et avec un sourire quelque peu condescendant ceux qu'il considérait comme de dociles clients,

que de s'être prêté, dans une circonstance grave, à une combinaison faite pour amoindrir la situation de cette clientèle. Il s'agissait de la classification à introduire dans le projet d'un Tribunal permanent d'Arbitrage et d'après laquelle un rang infime y était assigné aux États les plus importants de l'Amérique du Sud.

Le plus grand d'entre eux, le Brésil, n'y était-il pas placé derrière la Grèce et la Serbie? Peut-être en souscrivant à ce projet, en acceptant même de collaborer à son élaboration définitive, la délégation américaine tombait-elle dans un piège. La proposition de donner de la permanence à la Cour de la Haye émanait, en effet, de l'Allemagne, qui conserva la haute main dans le travail d'élaboration auquel sa motion donna lieu. Or, les tendances cachées de la politique allemande à semer subrepticement la discorde entre les deux parties du continent américain datent de loin et sont apparues depuis lors à la lumière des événements actuels qui en éclairent tant d'autres du même genre. Toujours est-il que tous ceux qui ont suivi les faits et gestes de la seconde Conférence de La Haye se souviennent de la vigueur avec laquelle M. Ruy Barbosa releva l'offense. Ils n'ont pas oublié non plus l'élégante solution qu'il proposa de substituer au malencontreux système d'une échelle de grandeur appliquée aux états. Sa proposition ayant été rejetée, l'opposition de M. Barbosa devint intransigeante. Chacun d'entre nous, qui en avons été témoin, se rappelle l'impressionnante déclaration du grand orateur, faite à la séance où tomba définitivement le projet tout entier.

Le monde, dit-il avec force dans sa péroraison, vient de voir une redoutable apparition : le Japon entrait par la porte de la guerre pour prendre dans le concert des nations la place qui lui était due. Nous avons voulu, nous, entrer par la porte de la paix, mais, si celle-ci reste fermée, nous saurons frapper à l'autre et il faudra qu'elle s'ouvre.

On sait comment, l'an dernier, l'illustre brésilien fit donner par son pays une glorieuse interprétation à ces paroles prophétiques. Depuis la campagne où il renversa l'édifice dont l'Allemagne avait jeté les fondements et dressé du même coup l'échafaudage d'un autre, celui de la solidarité des nations latines d'Amérique, M. Ruy Barbosa n'a cessé de travailler à l'accomplissement de cette dernière œuvre. Son dessein bien arrêté était d'en faire bénéficier l'humanité tout entière. Dès son passage par Paris, il s'était entendu à ce sujet avec Saëns Peña qui l'y avait précédé. Au contact du vieux monde assemblé, ils avaient pressenti l'un et l'autre des éventualités histo-

riques devant l'imminence desquelles il était de leur devoir d'imposer silence à tout antagonisme entre nations qui, bientôt peut-être, auraient à défendre en commun, et unies à d'autres peuples de même idéal, les principes fondamentaux de leur vie politique.

Au bout de quelque temps une éclatante démonstration organisée à Rio de Janeiro, au passage de la délégation argentine, revenant de La Haye, donna à leur entente une consécration populaire. Depuis, malgré quelques frictions que la vivacité des deux tempéraments rend inévitables, mais qui ont perdu toute leur acuité, le mouvement a progressé, toujours sous la même impulsion. Elle a fortement contribué à la formation de l'A.B.C., dont l'intervention pacificatrice au Mexique n'atteignit pas le résultat directement visé, mais en eut un plus important peut-être : celui de vivifier par une action concrète la forme idéale sous laquelle l'union latine-américaine commençait à se dessiner.

Saën-Peña était alors Président de la République Argentine. Rui Barbosa exerçait déjà au Brésil une influence comparable à celle de M. Roosevelt aux États-Unis, influence que n'a pas diminué l'échec de leurs candidatures présidentielles. Enfin, c'est comme ambassadeur à Buenos-Aires que M. Barbosa prononça le discours mémorable qui préluda à l'entrée du Brésil dans la ligue des nations armées contre l'invasion germanique.

Par quelle suite de circonstances et par quelles particularités des tempéraments nationaux, cette évolution personnelle d'un grand patriote correspondit-elle exactement à celle qui s'était produite dans l'opinion publique au Brésil et dans d'autres républiques sud-américaines ? Comment cette opinion se trouva-t-elle, au moment voulu, en parfait accord avec le sentiment qui guida l'Amérique anglo-saxonne dans la crise la plus grave de son histoire, peut-on dire si l'on considère son sort comme intimement lié à celui de la civilisation ? De quelle façon cette concordance fut-elle due à la vieille Europe, à laquelle l'âme de ses anciennes colonies latines semblait pourtant trop attachée pour communier pleinement avec elle des anciennes communautés puritaines du Nouveau Monde ? De quelle façon l'Europe, qui paraissait les séparer, en vint-elle à les unir dans son sein de mère patrie commune ? Quelle Volonté Souveraine accomplit cette œuvre d'amour fraternel et d'amour filial s'éveillant à la fois ? Enfin, que promet aux hommes l'infailible génie qui, effaçant d'un souffle toute trace des erreurs individuelles, conduit d'un pas sûr l'immense collectivité nord-américaine vers le but à atteindre ? Et

que pouvons-nous espérer de cet autre génie, moins puissant dans son action, mais tout aussi ferme dans ses desseins, de celui de la Démocratie latino-américaine qui, né plus tard du même esprit libérateur, se lève aujourd'hui à côté du premier pour la même lutte d'affranchissement mondial? Quelle impulsion ou quelle menace les ont suscités l'un et l'autre?

Du tableau évoqué par ces questions je tâcherai de faire ressortir quelques détails à la simple lumière de mes propres impressions et de mes souvenirs personnels. Cette lumière serait sans doute insuffisante si l'ensemble n'apparaissait pas au grand jour des événements et si un présent lumineux ne venait éclairer le passé et l'avenir.

III

Quand la guerre éclata, il y avait déjà plusieurs années que la menace dont je parle était suspendue sur le monde et que le monde le sentait. Mais peut-être les nations de l'Amérique du Sud en avaient-elles devancé beaucoup d'autres à cet égard.

J'entends encore M. Corostiaga, le très digne collègue argentin que j'avais au Brésil, me conter dans son langage pittoresque une scène qui s'était passée chez lui la veille au soir : — Poursuivi par le fidèle molosse qui gardait sa villa de Pétropolis, un inconnu de forte carrure traversa rapidement le jardin et se présenta au Ministre, assis devant sa porte et fumant son *papelito* :

— *Un tel*, agent de la maison Krupp, en route pour Buenos-Aires.

Il venait demander des recommandations, fit peut-être quelque insinuation malsonnante et fut vertement éconduit par le galant homme auquel il s'adressait. Mis à la porte, trouva-t-il, au terme de son voyage, quelque fenêtre entrouverte? C'est bien possible et, d'ailleurs, qu'en avait-il besoin pour pénétrer dans la place?

Le vrai représentant d'Essen en Argentine était M. de Waldausen, proche parent et richissime associé de la famille Krupp, et, par surcroît, Ministre d'Allemagne à Buenos-Aires. Allures, mine, table, tout, chez lui était ouvert, ce qui, à son tour, lui ouvrait tout. La commande fut prestement enlevée au Creusot, qui s'était contenté de triompher au concours.

Moins heureux que Krupp à Buenos-Aires furent, à Rio de Janeiro et à Santiago, les usines Ehrhardt, la maison rivale à qui, cependant, Guillaume II avait voulu prouver son auguste impartialité en autorisant le général de Reichenau, frère ou cousin germain de son Minis-

tre au Brésil, à le représenter dans ce pays. Mais le Brésil du Baron Rio Branco manquait de souplesse et le général dut se contenter d'une saison agréable passée à la légation allemande de Pétropolis. Quant au Chili, l'Empereur et Roi n'avait pas dédaigné de recommander verbalement cette même maison Ehrhardt au général chilien Bonen, en mission spéciale à Berlin et surtout à Essen. Celui-ci était trop avisé et trop averti pour se méprendre sur la valeur du geste souverain, qui resta inefficace. Grâce à cette habile résistance, les intérêts de l'actionnaire impérial l'emportèrent sur la simulation du gracieux souverain. Il n'en voulut certainement pas au bras droit du général Koerner en qui la pénétration allemande dans l'Amérique du Sud avait son agent le plus précieux.

Comme en Argentine et au Brésil, le gouvernement allemand n'éprouvait au Chili aucun embarras à revêtir d'un caractère officiel des nationaux en quête, pour eux-mêmes ou pour des co-intéressés, d'avantages particuliers que le Cabinet de Berlin faisait rentrer dans ses plans généraux. Ainsi le général Koerner, organisateur richement rétribué de l'armée chilienne et fondateur d'une École de Guerre où tous les états sud-américains, sauf le Brésil, envoyaient des officiers achever leurs études, avait été maintenu dans les cadres de l'armée allemande et y avait même avancé, en même temps qu'il le faisait dans l'armée chilienne, jusqu'au plus haut grade de la hiérarchie. On ne pouvait montrer plus clairement qu'il était en service commandé et dirigeait une campagne en règle.

Les opérations, comme je viens de le dire, dépassaient les frontières du Chili. L'École de Guerre de Santiago formait partout des talents militaires que l'Allemagne espérait utiliser au profit de ses intérêts en cas de révolutions propres à les favoriser.

Au Paraguay, régi alors militairement comme il l'est presque toujours, je vis, en arrivant, après trois jours de chevauchée, d'Assomption à Conception, une brillante escorte s'avancer au devant de nous. C'était celle du colonel Goiburú, gouverneur de la province. Le colonel Jarra, Ministre de la Guerre, l'ayant chargé de nous en faire les honneurs, il venait s'acquitter de cet ordre à la tête de son état-major. Les uniformes de ce dernier imitaient ceux des dragons bleus de la garde prussienne et le gouverneur, qui avait la face ronde et la chevelure claire, s'était fait la tête de l'empereur Guillaume du temps de la moustache cirée et retroussée.

Jarra et Goiburú comptaient parmi les meilleurs élèves du général Koerner. Quelques mois après mon départ, une révolution éclat-

tait, Jarra devenait Président de la République, Goïburú, nommé Ministre de la Guerre, se faisait universellement connaître par des cruautés dépassant celles des plus féroces *caudillos*, et la Banque Nationale, qui est un établissement allemand, était substituée, comme Banque d'État, à celle du Paraguay, récemment fondée par un vaillant petit groupe français de Buenos-Ayres qui avait obtenu le privilège convoité. Le nouveau gouvernement eut le sort qu'on pouvait prévoir. Une contre-révolution ne tardait pas à le renverser et, après une période d'anarchie, le directeur de la Banque Nationale, M. Scherer, arrivait lui-même au pouvoir présidentiel. Un certain Schlesinger, membre de la colonie allemande de Moscou d'où il avait gagné le Paraguay pour échapper à des poursuites en escroquerie, faisait dans un journal qu'il avait fondé à Assomption, l'éducation du peuple en matière de politique financière et exerçait une certaine influence sur les cercles officiels. Il fut même question de le nommer Ministre des Finances. Je dois reconnaître que les théories développées ouvertement par ce *porteur de culture* s'appuyaient sur les plus sains principes. Quant à son action occulte, on devine ce qu'elle pouvait être.

J'ai vu dans mes voyages d'autres *Kulturtraeger* donner le même genre d'éducation aux jeunes nations qu'ils étaient venus façonner. Tel le neveu de ce bourgmestre de Brême qui, connaissant les capacités du jeune homme lui, avait fait attribuer un poste de confiance — sa confiance à lui — dans une entreprise de transit par la voie des lacs chiliens. Je le trouvai, en effet, installé au Terminus Chiléo-Argentin de cette voie, avec une mission secrète et singulière : celle d'empêcher tout le mécanisme de fonctionner. Il s'agissait de faire tomber le cours des actions de la compagnie dont le bourgmestre et quelques ouvriers allemands possédaient des parts de fondateurs et voulaient acquérir la totalité au dépens des actionnaires chiliens. Après cela l'entreprise, très sérieuse en elle-même, serait menée de façon à réaliser tout ce qu'en promettait le plan fort bien conçu.

Ce genre de spéculation commençait à se répandre au Chili même. Hommes et femmes y sont, comme leur pays, beaux, séduisants, généreux, riches en ressources naturelles, mais pareils aux polonais, à qui ils ressemblent par certains côtés, ils aiment la grande vie, comme le font beaucoup de ces derniers. Cela les rend trop souvent joueurs au Cercle et à la Bourse. La leçon ne prit donc que trop bien. Les allemands, on le sait, excellents partout à adopter ainsi leur action aux goûts et aux mœurs des milieux où ils sont

placés et dont cela ne contribue guère à élever le niveau. Aussi ne suis-je pas de ceux qui souhaitent voir cet art, très curatif, je n'en disconviens pas, pour ceux qui le pratiquent, pénétrer dans les grands foyers de la civilisation occidentale. Celle-ci y perdrait certainement tout ce qu'y gagneraient les intérêts privés au profit desquels il s'exercerait. Je viens de le montrer par quelques exemples que je pourrais multiplier indéfiniment, ce qui serait fastidieux et superflu. J'aime mieux recourir à mes souvenirs pour indiquer une autre voie par laquelle les nations civilisatrices pourraient fort bien, tout en restant dignes de ce nom, favoriser, dans une très large mesure, les gains légitimes de leurs industriels et de leurs commerçants en pays exotiques.

Elles le feraient à l'aide d'une collaboration honnête et productive avec les meilleurs éléments de ces pays mêmes.

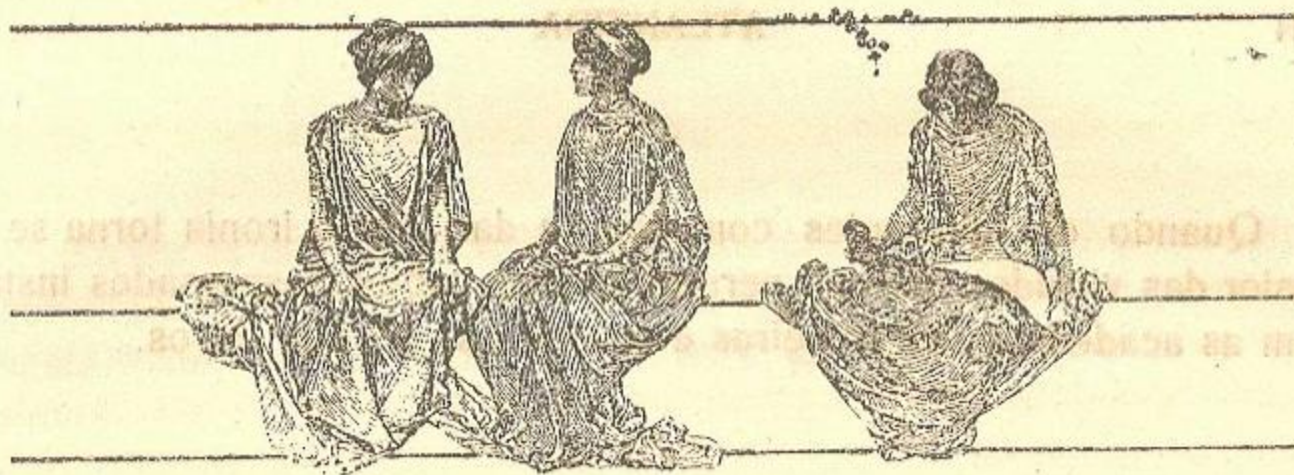
Timidement encore, sans aucun soutien officiel, d'excellents pionniers commençaient déjà, il y a une quinzaine d'années, à opérer dans ce sens, sur quelques points de l'Amérique du Sud qui semblaient jusque là définitivement conquis à l'exploitation germanique. J'ai déjà parlé du succès malheureusement éphémère de la *Banque de Paraguay*, établissement probe et modeste, dû à l'initiative de la colonie française de Buenos-Ayres qui y avait employé sa propre banque, aux ressources restreintes mais administrées avec autant de scrupule que de savoir-faire. Sa création paraguayenne avait pour elle les sympathies actives d'un gouvernement dont l'âme était M. Gondra, idole d'une jeunesse formée par lui à l'Université d'Assomption où il avait enseigné les lettres françaises. Devenu Président de la République, il fut renversé, dans les conditions qu'on vient de voir, par d'anciens élèves d'une école très différente — celle du général Koerner. Mais, au Chili même et dans la province de Valdivia, devenue une vraie petite Allemagne, sauf sur quelques points où les cultivateurs italiens commencent à faire reculer les tudesques, un ingénieur en chef du Creusot, avait fondé, à Coral, un établissement métallurgique aussi intéressant en lui-même que parce qu'il mettait en valeur, outre les minerais des provinces septentrionales, les forêts locales d'où il tirait un excellent combustible utilisé avec méthode. L'œuvre contribuait ainsi à l'exploitation des principales régions du Chili, la région minière du nord et la région agricole et forestière du midi. Aussi s'était-elle attiré la faveur des cercles intéressés, à laquelle celle du public n'avait pas tardé à se joindre. C'est qu'il y avait un sensible contraste entre les procédés du personnel

français, plein d'urbanité naturelle et d'aimable franchise, et la raideur mêlée de gêne ou la cordialité affectée caractérisant les groupes allemands qui, à cette époque, promenaient à travers toutes les contrées de l'Amérique du Sud leurs appétits financiers et physiologiques. A mesure que se vidaient leurs bocks autour de tables rondes chaque jour plus envahissantes, les cafés et les restaurants retentissaient de bruyants propos sur un seul et même thème varié à l'infini. Ceux des voisins qui comprenaient leur langue y saisissaient l'écho des convoitises mégalomanes qui, d'Allemagne, se répandaient sur toute la terre habitée. Des gains inouïs avaient été réalisés par Hambourg et par Brême durant la guerre russo-japonaise. Leur énumération, mêlée à des tartines au cervelas, remplissait la bouche des courtiers et des commis-voyageurs en ébullition. Ils n'oubliaient pas le traité de commerce avec la Russie qui, promettant aux uns de leur livrer ce pays, en engageait d'autres à convoiter dans le reste du monde des compensations similaires. On les entendait se partager la terre avec une désinvolture qui alors paraissait burlesque.

Un instinct, cependant, semble avoir fait pressentir dès ce moment, par les peuples les plus menacés le fléau dont c'étaient là les signes avant coureurs. Ils paraissent même avoir eu dès cette époque l'intuition du point d'où devait venir le salut. Je pense au banquet de Coral, où les administrateurs de l'usine française avaient réuni les membres du congrès scientifique de Santiago, en tournée de plaisir et d'études, organisée par les autorités chiliennes dont la charmante hospitalité nous y avait associés. Un toast y fut porté à la prospérité d'une entreprise française en plein pays de colonisation germanique (les termes étaient un peu plus voilés, mais tous en comprirent le sens). Ce fut avec vif empressement que chacun des délégués du nord et du sud de l'Amérique leva son verre de champagne et les personnages officiels de la localité, tout comme ceux qui nous avaient amenés de la capitale, ne furent certes pas les derniers à participer à cette éloquente manifestation.

(Continua)

COMTE M. PREZOR.



Das "Elites"

II

Não desce à terra fria todo o homem: alguma coisa há que o tempo não destroe nem corrompe— a sua alma que se afirma e cresce todas as vezes que nós respiramos a plena vida do universo. Em dados instantes a nossa consciência torna-se tão compreensiva que todos os orbes se diminuem, perante ela. Então comunicamos com Deus e nasce o Evangelho.

*
*
*

A dignidade humana desfiguraram-na os que do homem só conhecem e admiram a sua incomensurável capacidade de digerir. Mas quem saiba desprender-se da matéria e situar as suas esperanças tão alto que só com a fé as possa ver, sente que o mundo é tão pequeno como a cubiça dum avaro ou a ambição dum político. Há gente obscura e desconhecida da turba que vive tão segura da sua rota como o sol na sua realeza. E não soltam uma palavra, para não ofenderem o pudor da sua humildade nem a tristeza macerada dos funambulos.

*
*
*

Vêm-se caras tão cavadas de rugas que parecem traçadas por longas, intermináveis dúvidas. Sempre o Diabo foi prodigioso na criação de máscaras. Faz nos seus subditos o mesmo que o musgo nos troncos pôdres.

*
* *

Quando os ignorantes começam a dar leis, a ironia torna-se a maior das virtudes, porque permite que os sábios desprezados instalem as academias nas trapeiras e seu riso ao pé dos astros.

*
* *

Um gordo ricaço que, por estupidez, admira uma obra de pura arte, dá assim ideia dum sapo que aguarda a passagem da lua, para ver se ela reflete a sua imagem torpe.

*
* *

Oh mães! que sonhais para os vossos filhos um claro destino, sob as ázas infatigáveis da ventura, ensinai-os a distinguir os templos entre o casario atormentado das cidades! É que há de vir um dia em que êles, como vencedores ou vencidos, hão de querer lançar uma préce ou um grito, em demanda da Eternidade.

*
* *

Certos indivíduos julgam-se sábios, por terem lido muitos livros, quando, ás vezes, a verdadeira sabedoria consiste em reconquistar a plena ignorancia das crianças. Estas vêem os mistérios face a face, familiarmente, ao passo que os estudiosos colocam, diante dos olhos, muralhas de in-folios.

*
* *

Quando o sol nasce, a Naturêsa desperta harmoniosamente como as virgens que chegam ao fim dum sonho belo. Não será este o único exemplo que nós temos a seguir, para acalmar o génio da tragédia que há milhões de anos mancha e destrue as nobres paisagens que o amor anda pintando para um eterno noivado?

*
* *

Um conferente, que se dizia feito homem pelo seu próprio esforço, atirou para o seu auditorio esta conclusiva: — «Sômos, portanto, todos iguais.» — Aplaudiram-no com furor. Conseguiu assim ser asno perfeito pelo esforço dos outros.

*
* *

Todos os dias lemos êste jornalista que presta ao povo um culto— que até parece que êle não tem pai. Não seria melhor suspender tão vasta lisonja, afim de averiguar se o povo vive de pão ou de mentiras?

*
* *

A civilização, em certas épocas, põe dentes postiços como as mulheres que querem prolongar a ilusão da sua graça. O lugar comum uza cosméticos. A psicologia das intenções decifra charadas. Os escritores, não ousando fazer a verdade bela, tornam o embuste amavel. A natureza vingá-se deixando o Ridículo à solta.

*
* *

O valôr duma civilização afere-se pelo respeito que a mulher inspira. Ela mais fraca domina o homem que é mais forte. Eis o triunfo da liberdade em função de beleza!

*
* *

Criaturas inspiradas ouvem, no silencio universal das suas meditações, a voz de Deus. Os surdos riem-se e fazem-se cinicos. São êstes que o Diabo utiliza para os recados vulgares da sua política.

*
* *

Um homem a quem morrera um filho único chorava a sua dôr.— «Que hei-de fazer agora?» — E de pensamento em pensamento, compreendeu que a morte aproxima os sêres, encerrando-os nos corações uns dos outros.

*
* *

Uma bela estátua vale às vezes o patrimonio de toda uma raça. A forma envolve o espirito. O barro aquece-se com a emoção. Após um periodo de dois ou três mil anos, o marmore canta e exalta a vida como a vida canta e exalta a morte. Todas as obras primas só são imortais, porque nelas a morte e a vida se beijam eternamente.

*
* *

Antes da guerra, a Europa definhava-se num excesso de idealismo, agora debate-se na penuria da sua desilusão. Os povos raras vezes equilibram as suas fôrças. Até hoje só existiu o milagre helénico.

*
* *

Na história existe um bater de ásas tão leve como o beijo de duas almas quo se roçam na mesma onda de eter. Que palpitação é essa? Os mortos nunca são tão mortos que não se arripiem com as nossas inquietações.

*
* *

As multidões enchem uma praça e atroam os ares com a sua vozearia. Um simples boato as faz calar e fugir. Nunca conseguem vencer o terror da sua própria fôrça.

*
* *

A mentira é perfeita se não desperta receios — o que lhe acontece, quando vivemos tão fóra de nós que nem sentimos que pisamos a nossa própria alma.

JOAQUIM MANSO.



La Fraternité de Portugal et de France

UNE CHAIRE DE LANGUE PORTUGAISE À PARIS

S'il s'agissait de classer les notions par ordre de graneur, selon les principes dont se réclame la conscience humaine civilisée, sans doute ferions-nous quelques réserves sur les méthodes en faveur à la Conférence de la Paix ; car pour nous l'importance des intérêts matériels ne saurait imposer son hégémonie absolue aux facteurs d'ordre moral sur lesquels au surplus repose toute véritable culture. Sans l'intervention de ces facteurs essentiels, qui gouvernent l'action des « impondérables », la victoire eût-elle été possible ? On en pourrait douter, quand on s'attarde à envisager l'élan de tous les petits peuples vers la France au nom du Droit et de la Liberté, dont elle était considérée comme le champion séculaire.

C'est pourquoi, tout ce qui intéresse la justice dans le monde intéresse la sauvegarde de la France, et le sentiment portugais ne s'y est pas trompé un seul instant, à travers le réseau sournois des intrigues plus ou moins fomentées ou encouragées par l'Allemagne. A ce titre, le geste du Portugal dans la guerre revêt une grandeur unique ; car il se présente comme absolument désintéressé.

Portugal, Belgique, Serbie constituent en Europe une Trinité glorieuse, dont le rôle rédempteur ne saurait être trop fortement mis en lumière. Matériellement parlant, l'Allemagne ambitieuse et débarrassée de tous scrupules avait clairement discerné l'importance de chacun de ces noyaux ethniques, où la loyauté avait élu domicile. Par la Belgique elle abattait la France et s'emparait des portes de l'Occident ; par la Serbie elle mettait la main sur les routes d'Asie ; par

le Portugal elle s'attribuait l'Afrique et surveillait l'Amérique du Sud.

Par un miracle qu'elle ne pouvait soupçonner, ce n'est point la conception mercantile qui ouvrit les yeux aux Portugais. Une voix atavique parlait au cœur de la Lusitanie, la voix de l'honneur celtolatine, la voix des siècles de chevalerie, la voix des efforts tentés en commun par tous les peuples de l'Occident pour l'accession à une vie plus libre et plus haute, et les-ménées les plus insidieuses ne purent réduire cette voix au silence.

Cependant, la propagande française restait à peu près nulle, et l'éclat des triomphes germaniques était apte à jeter le trouble en bien des consciences.

L'âme portugaise assoiffée d'indépendance demeura foncièrement lucide, en dépit des coupables entreprises dont elle fut l'objet, et des défaillances qui purent avoir lieu.

Tel est l'enseignement que je tire des événements les plus récents, et je revis par la pensée mon voyage à Porto, à Lisbonne, à Coïmbre en 1911, au lendemain du renversement de la Royauté, quand tout était à l'espérance, aux sympathies franco-brésiliennes, à l'exaltation du renouveau démocratique.

Quelle surprise heureuse ce fut pour moi de rencontrer tant de gens cultivés parlant français, de trouver tant de publications françaises aux vitrines, de discerner partout tant de gestes spontanément fraternels, une curiosité si avertie des choses de France !

Depuis lors, il y eut bien des déceptions ; l'on s'est aperçu que l'imitation trop étroite de nos modes et de nos mœurs ne conduisait pas nécessairement à la prospérité ; les spécialistes des questions économiques enseignaient que la technique allemande judicieusement appliquée pouvait favoriser certains profits.

La guerre vint. Le Portugal, qui-sentait bouillonner en lui l'amour de la France, c'est-à-dire de toutes les grandes idées que celle-ci représente, se souvient tout à coup qu'il était l'allié de l'Angleterre. D'instinct il comprit que l'intervention lui était dictée par les destins, c'est-à-dire, par ces mystérieux-idéodynamismes qui s'élaborent historiquement dans la conscience des nations et qui veillent à leur conservation, aussi bien qu'à leur développement. Cependant nous l'ignorions presque.

Depuis l'heure déjà lointaine où un prince de Bourgogne alla poser les premières assises de l'État portugais où des croisés de Normandie coopérèrent, aux côtés d'Affonso Henriquez, à la prise de Lis-

bonne sur les Maures, bien des échanges d'ordre matériel, intellectuel ou moral ont marié l'âme française à l'âme lusitanienne.

N'a-t-on pas dit que Vasco da Gama lui-même tirait son nom de la seigneurie de Gamaches aux confins de Normandie et de Picardie. Nombreux, en tout cas, ont été les chevaliers français qui allèrent s'établir en Portugal soit à l'occasion du mariage de Mathilde de Boulogne avec Affonso IV à l'appel de Dom Sanche.

Le grand roi Dom Diniz eut pour maître Aymeric Ebrard, évêque de Cahors, qui devint archevêque de Coïmbre. Un autre français, Messer Maurel, devint l'amiral de la flotte nouvellement créée par le Roi-laboureur.

Entre l'Université de Coïmbre et celle de Paris les relations étaient constantes, et il n'était pas rare que des maîtres réputés passassent de l'une à l'autre.

En 1520 c'est un Portugais, Diogo de Gouvêa, qui dirige notre Collège Sante-Barbe; Montaigne et Rabelais, dix ans plus tard, eurent pour maître un membre de la même famille, André de Gouvêa, le même qui, en 1547, devait être chargé par le Roi D. João III de réformer l'Université de Coïmbre avec l'aide de professeurs français, parmi lesquels figuraient les frères Buchanan. Au témoignage de Montaigne, André de Gouvêa fut l'un des meilleurs éducateurs de France.

Coïmbre, du reste, autant que Paris et Bologne, fut l'un des plus anciens centres de culture classique en Europe et son influence fut énorme. Une pépinière d'hommes illustres en est sortie, tous enclins à chercher dans les productions du-génie français l'enrichissement de leur propre esprit.

Il y avait sans doute à cela des raisons ataviques. Le Portugal s'enorgueillit volontiers de ses parentés celtiques. De fait, son lyrisme amoureux et nuancé ne porte pas seulement la marque de l'influence provençale au temps de Dom Diniz; la *saudade*, qui est son trait distinctif, s'apparie au songe breton, et nulle part mieux qu'en Portugal les Romans de la Table Ronde n'ont trouvé leur terrain d'élection. Cette éducation chevaleresque porta ses fruits; elle incline les âmes vers l'Aventure et procura à la Lusitanie les moyens moraux d'accomplir la mission à laquelle elle était prédestinée: celle de refouler définitivement le Maure et d'ouvrir les océans inexplorés.

L'Europe doit se souvenir aujourd'hui que l'ère véritablement moderne débute avec les Découvertes portugaises. Grâce à elles l'Homme

put prendre conscience intégrale de la planète qu'il habite et préparer la revendication de ses droits. Ainsi l'effort de la Révolution Française s'enchaîne directement à l'initiative héroïque des Navigateurs de Portugal.

Le Portugal est situé face à l'Océan, face à l'inconnu, face au monde; toutes ses communications ont lieu par mer; c'est pourquoi il n'y a aucune relation étroite entre l'Espagne et lui. Cela dérouté nos conceptions terriennes de Français casaniers; mais cela est, et nous devons le retenir. Pour comprendre le Portugal, il faut s'habituer à l'idée que le chemin le plus naturel pour s'y rendre ne passe pas par l'Espagne, mais par l'Atlantique.

Alors tout s'éclaire; nous devinons les raisons profondes de l'alliance avec l'Angleterre et la création de l'immense Brésil, et les directions séculièrement empruntées à la France par la littérature de Portugal. Conséquence: les poètes et romanciers de Lusitanie ont pu inaugurer, dans la dernière moitié du XIX.^e siècle, un mouvement de renaissance intellectuelle, qui marchait de pair avec l'abandon des modèles archaïques dans l'Amérique du Sud, en sorte que l'Espagne littéraire contemporaine subit l'influence française par l'intermédiaire de ses colonies d'autrefois.

Comment se fait, il-donc, après tout cela, que le Portugal soit si mal connu en France? On ne saurait dire que la Guerre Péninsulaire de 1811 y ait été pour quelque chose; car Edgar Quinet et après lui Madame Adam surent exprimer toute leur admiration pour la patrie de Camoëns, de Garrett et de João de Deus; mais nos désastres de 1870 en rendant plus timide notre action mondiale, en reportant le plus clair de notre activité vers les luttes intestines, contribuèrent probablement à aggraver chez nous une disposition héréditaire à ignorer la géographie. En même temps, l'immense prestige conquis par les vainqueurs, l'Angleterre et l'Allemagne, tourna presque entièrement notre jeunesse vers l'étude exclusive de leurs langues, au point que nos vieilles humanités classiques en subirent le contre-coup.

N'allons-nous par réagir contre une sorte de privilège conféré, dans nos examens, à l'anglais et à l'allemand, et par là même, contre l'habitude de jauger la valeur des nations d'après l'importance de leur trafic, du mérite de leurs idiomes, d'après les kilomètres carrés de territoire attribués aux gouvernants qui les parlent?

Il semble, en effet, que l'aide multiple apportée à la cause française par de nombreux petits peuples soit appelée à rectifier bien

des jugements vicieux et que notre sollicitude doive enfin se tourner vers nos frères les plus proches par le sang, par la langue et par l'action historique.

A ce titre, la création d'une chaire de langue et de littérature portugaises à Paris est un événement dont on ne peut encore mesurer toute l'importance.

Deux ou trois siècles durant le portugais, en dehors de la riche littérature à laquelle il serê de véhicule, et un rôle mondial à remplir. Il précéda l'anglais au long des côtes d'Afrique et d'Asie et son usage était si répandu qu'on lui donne le nom de *lingua geral*. Devenu l'idiome officiel de l'immense Brésil, sa vitalité n'est pas moindre que celle de l'espagnol, son voisin, et nul autre langage n'a pu empiéter jusqu'ici sur le vaste domaine qu'il s'est réservé par droit de conquête. La paix prochaine ne peut manquer de confirmer au Portugal la possession de ses colonies d'Afrique, d'Asie, d'Océanie et en Afrique tout du moins, la langue de Camoëns prendra une place éminente.

L'époque n'est pas éloignée où le nombre de ceux qui aurait le portugais comme langue maternelle équivaldra la population entière de la France, et tous ceux qui ont le portugais comme langue maternelle ont une aptitude particulière à recevoir l'empreinte des idées françaises, en sorte que l'on peut soutenir sans paradoxe que la diffusion du portugais prépare la diffusion de notre propre idiome et de notre culture.

Ainsi pourra plus facilement se réaliser d'un bord de l'Atlantique à l'autre l'union étroite des trois Républiques sœurs : Portugal, Brésil et France.

Sans doute la création de cette chaire si longtemps réclamée par tous les lusophiles aura-t-elle pour résultat de favoriser, dans un délai plus ou moins long, l'enseignement du portugais dans quelques uns de nos principaux lycées. Avec son sens averti des réalités, M. Martineuche préconisait récemment une idée séduisante : le portugais et l'espagnol enseignés ensemble, comme l'anglais et l'allemand, jouiraient aux examens des mêmes privilèges que ces derniers. Ce serait parfait, si nous ne redoutions quelque peu de voir invariablement conférer à l'espagnol, en l'occurrence, la première place. Le projet en tout cas mérite d'être sérieusement étudié, et pour les langues latines et les langues slaves, si nous voulons en France nous montrer entièrement dignes du rang qui vient de nous conférer la victoire.

La langue portugaise dispose de trésors littéraires que en font un

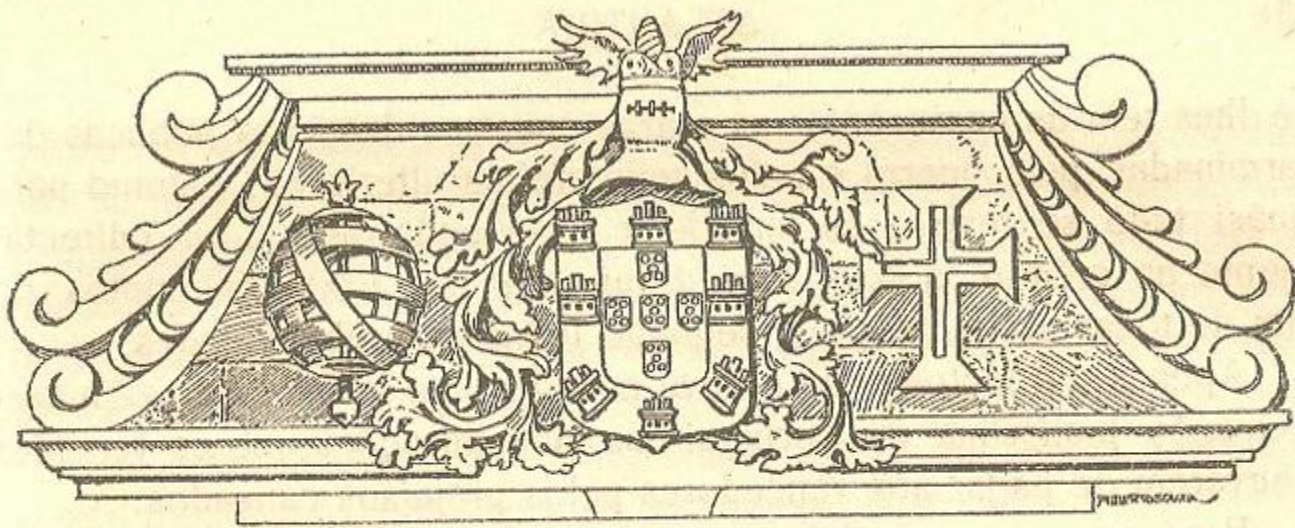
merveilleux instrument de culture ; son bagage lyrique, épique, historique est l'un des plus riches de l'Europe, et nous n'en avons presque rien traduit en français.

Avant la guerre, de généreux esprits s'étaient groupés pour que Camoëns put avoir, quelque part dans la Ville Lumière, son effigie. Il yeut quelques mécomptes. C'est une idée à reprendre en plus grand ; mais d'abord il convient que le public de France apprenne à goûter réellement non seulement les immortelles beautés des *Lusiades*, mais quelques autres chefs-d'œuvre dont s'honore à bon droit la Lusitanie.

Contentons nous de saluer aujourd'hui la naissance de la chaire de langue et littérature portugaise à Paris ! Le Portugal en France acquiert droit de cité, et c'est là une très noble victoire qui complète l'autre.

PHILÉAS LEBESGUE.





Os horiscentes financeiros de Portugal

Segundo as declarações atribuídas por telegramas recentes à Delegação Portuguesa na Conferência da Paz, Portugal haveria tido na guerra prejuízos económicos de cêrca de 225 milhões de libras esterlinas, representando isto quási metade da riqueza nacional, que segundo as mesmas declarações é computada em 500 milhões de libras.

São muito difíceis de fazer os cálculos desta natureza, mas os que ficam indicadas devem corresponder à verdade com apróximação suficiente.

Êles concordam, pouco mais ou menos, atentas a diferenças cambiais presentes, com os daquêles que costumam computar em 3.000:000 a 3.500:000 contos a nossa riqueza nacional e em 1.200:000 a 1.500:000 os prejuízos económicos que tivemos com a guerra na metrópole e nas colónias.

Como Portugal, apesar de todos os seus recursos naturais, não é uma nação rica, por diversas causas históricas, e como não dispomos de meios tão adiantados ou tão eficazes como as outras para a reconstituição económica, a nossa situação, embora esteja muito longe de ser desesperada, é praticamente mais difícil do que a dos próprios países que tiveram prejuízos superiores a metade da sua fortuna.

A Delegação Portuguesa, segundo os mesmos telegramas, calculou em cêrca de 2.000 milhões de francos, ou sejam 500.000 a 600:000 contos, a nossa nova dívida resultante da guerra, concluindo daí e do que fica dito que Portugal ficou arruinado. É claro que êsse cálculo deve estar apenas referido à dívida criada com as despesas militares propriamente ditas. Como êlas ainda continuarão em parte; como

se lhes tem de acrescentar as outras enormes despesas públicas determinadas pela guerra e pelos seus efeitos ulteriores; e como para quasi tudo se teve e se tem de ir recorrendo directa ou indirectamente ao crédito, a *nova dívida* vai orçar por 1.000:000 contos, no fim de todas as liquidações, segundo todas as probabilidades.

Apenas um factor pôde e deve corrigir uma tal situação: é a participação justíssima de Portugal nas indemnisações que os vencidos houverem de pagar aos vencedores pelos prejuízos causados.

Para que nos seja feita essa justiça, tem trabalhado fortemente no seio da Conferência da Paz a delegação portuguesa, constando dos mesmos telegramas aludidos que ela teve de empregar ultimamente para esse fim os maiores esforços.

Estas reclamações não podem deixar de ser atendidas satisfatoriamente pelas Potências, esperando Portugal que na distribuição das indemnisações lhe caiba aquilo a que tem direito, proporcionalmente nas compensações por prejuízos.

De outra maneira, a nossa situação, depois de tão calamitosa guerra, seria económica e financeiramente peor do que a dos neutros mais danificados, ou semelhante à de um país vencido. As últimas notícias dão a entender, que, embora se nos oferecem dificuldades a este respeito na Conferência da Paz, as Potências acabaram por manifestar disposições mais conformes à justiça que Portugal tem direito a esperar neste momento solene da história.

Em todo caso no capítulo das indenisações o tratado da paz, seja elle qual fôr, ficará dependente ainda de muitos estudos e conclusões posteriores. Certamente só um pouco mais adiante se conhecerá definitivamente a quanto subirá a importância total das reparações a que ficaram sujeitos os vencidos e qual a parte que nisso caberá a cada uma das nações aliadas.

Uma coisa, porém, é desde já conhecida suficientemente. É a impossibilidade de serem pagos pelos vencidos todos os prejuízos causados, tão colossais foram elles, tão ruínosa foi para a Europa, ou talvez melhor, para o mundo, esta guerra assombrosa. Daquí a necessidade absoluta de serem feitos os esforços supremos de reconstituição financeira e económica pelos próprios vencedores.

Qual seria a situação económica e financeira de Portugal no começo de período da sua reorganização, pondo fora dos cálculos as indenisações que possamos receber?

Já vimos que, sendo de 3.000:000 a 3.500:000 contos a nossa ri-

queza nacional andar talvez por 1.500:000 contos a liquidação final dos prejus econmicos, que directa ou indirectamente nos tenham vindo da guerra. Consideradas as circunstâncias do atrazo do nosso país em diversos campos da actividade humana, bastaria a relação entre aquelas cifras para se compreender que temos de entregar-nos é um heroico trabalho de reconstrução nacional.

Mas essa necessidade avulta ainda diante dos olhos, quando se atenta na situação financeira prpriaamente dita.

Ponhamos de lado o *orçamento de guerra* de 1918-1919, que se resumiu num crédito global de 100.000 contos (tinha sido de 150.000 contos no ano anterior). Olhemos apenas para o orçamento dos serviços gerais e para o dos serviços autnomos em 1918-1919.

O primeiro sintetisa-se no quadro seguinte :

<i>Receitas</i>	
Ordinárias	78.317.630\$92
Extraordinárias	3.671.900\$00
	81.989.530\$92.
<i>Despesas</i>	
Ordinárias	79.618.018\$86
Extraordinárias	5.792.583\$09
	85.410.601\$95
<i>Déficit</i> oficial	3.421.071\$03

Mas o *déficit* , na verdade, maior nesse mesmo orçamento. Como nas receitas figuram 3.620 contos de empréstimos, le é de 7041 contos.

De outro lado, vem o orçamento dos serviços autnomos (Caixa Geral de Depósitos, Pôrto de Lisboa, Caminhos de Ferro do Estado, Correios e Telégrafos e Serviços de Florestas e Agrícolas). Tanto a despesa como a receita são aí de 24.084.699\$30. Mas como na receita se envolvem empréstimos de 7.804.710\$, segue-se que também aí há um *déficit* desta importância. O *déficit* total dos serviços gerais e autnomos eleva-se, pois, a 14.800 contos. Deve mesmo andar em volta de 20.000 contos, pelo menos, uma vez que por diversas circunstâncias econmicas e sociais se vão aumentando progressivamente em elevado gru as despesas, sem ter havido proporcional aumento de receitas.

Vimos acima que a dvida nova determinada directa ou indirectamente pela guerra já vai muito além de 500.000 contos, continuando

a subir sempre. Calculamos que no fim de tudo, compreendidos também os empréstimos de fomento que os efeitos da guerra vão exigindo e hão de ser ainda maiores amanhã, ela irá seguramente a cerca de 1.000:000 contos.

É fóra de dúvida que não poderemos reduzi-la toda a *dívida fundada* com amortizações e juros. Uma grande parte dela tem de continuar a ser quasi absolutamente gratuita pela circulação fiduciária e e juro baixo pela Caixa Geral de Depósitos, por não podermos suportar os encargos da consolidação total.

Mas para melhor avaliarmos a situação de relance, podemos figurar a hipótese de se tornar *fundada* toda essa dívida nova de 1.000.000 contos. Em tal caso o seu encargo anormal excederia 50.000 contos.

Juutando esta verba aos 20.000 contos de provável *déficit* actual, chegaríamos à necessidade de uma receita *nova* de 70.000 contos. Tal é a perspectiva, ainda que façamos entrar em linha de conta que uma parte da dívida, que aí figuramos consolidada no fim de todas as liquidações, já tem encargos no orçamento de despesa de 1918 e 1919.

No orçamento de 1913-1914, conforme a lei de 30 de junho de 1913 e decretos complementares, era de 78.810 contos a despesa e de 76.089 contos a receita. Mas no fim das liquidações que estamos a supor, tanto a receita como a despesa, em orçamento equilibrado, teria de ir pelo menos a 160.000 contos.

Quer isto dizer que, em relação ao orçamento anterior à guerra, a nossa despesa subiria ao dobro e teríamos necessidade de duplicar a nossa receita. É uma conclusão expressiva, que sendo tão pequeno e fraco o nosso organismo económico, por si só mostraria quão grande e extraordinário deve ser o nosso trabalho de reorganização nacional.

Um ponto especial nos deve merecer ainda a atenção. No orçamento de 1914 a dívida pública portuguesa, excluídos os títulos na posse da fazenda, era de 641.517 contos, sendo de 22.556 contos os encargos respectivos, Mas então na hipótese da consolidação aludida, ela subiria pelo menos a 1.600.000 contos, com o encargo anual de 75.000 contos pelo menos.

Este encargo seria mais de 3 vezes o de antes da guerra e igual a toda a receita ordinária de então. Equivale isto a dizer que nos seria preciso criar uma receita nova para todos os serviços do Estado que não sejam de dívida pública.

Certamente há *coeficientes* fundamentais de correcção a considerar nesses cálculos que deixamos delineados. Um dêles é que já entram no total da dívida os empréstimos de fomento que são inevitáveis. Outro é que uma parte dela pôde desaparecer com reparações de danos em aplicação do tratado de paz. Outro finalmente é que não se poderá nem deverá consolidar toda a dívida, ficando ainda uma boa parte em conta quási gratuita.

Mas seja como fôr, uma vez que não podemos contar senão com indemnizações pecuniárias limitadas, a situação financeira será sempre dominada pela necessidade de obtermos, com a maior rapidez possível, *sôbre o próprio orçamento de 1918-1919*, receitas novas de algumas dezenas de milhares de contos para fazer face:

- 1.º Aos encargos de empréstimos de guerra e do fomento;
- 2.º Às despesas públicas de reorganização e expansão económica que não devam ser cobertas com productos de empréstimos;
- 3.º Ao encarecimento de todos os serviços públicos e aos encargos de todas as reformas impostas pela solidariedade das classes sociais.

Será tudo isto possível? A nossa resposta é francamente afirmativa. Desde que o Estado e as classes productivas entrem finalmente com vigor no caminho da restauração financeira e económica, Portugal dispõe de todos os elementos necessários para chegar dentro de poucos anos ao equilibrio e prosperidade indispensáveis.

De tudo o que expuzémos acima resulta que *fundamentalmente* a nossa situação, ao cabo de todas as liquidações, será caracterizada pelos dois graves sintomas seguintes:

- 1.º A guerra trouxe-nos prejuizos directos e indirectos cujo valor se aproxima de metade do valor da nossa riqueza nacional;
- 2.º A nossa dívida total orçará por metade do valor dessa mesma riqueza.

Compreende-se que, se esta situação é melindrosa, está muitíssimo longe de ser desesperada. Uma entidade agrícola, industrial ou comercial que sofreu um prejuizo de 50 % dos seus valores, ou que deve tanto como metade de todos êles, tem ainda base para fazer rápidamente [a reconstrução. Para esta se realizar, basta que não haja opressão ou violência dos crédores, ou haja possibilidade de se obterem todos os créditos necessários, e que a empresa faça todas as applicações de intelligência, de vontade e de actividade que as circunstâncias lhe exigem.

Se isto é verdade em relação a uma entidade dessa natureza, por

maioria de razão o é quanto a uma nação inteira, que de mais a mais, no nosso caso, dispõe de todos os valores materiaes e moraes que lhe vêm dos seus territórios, das suas situações geográficas, do seu passado e desta mesma espantosa guerra em que também entrámos com tantos sacrificios.

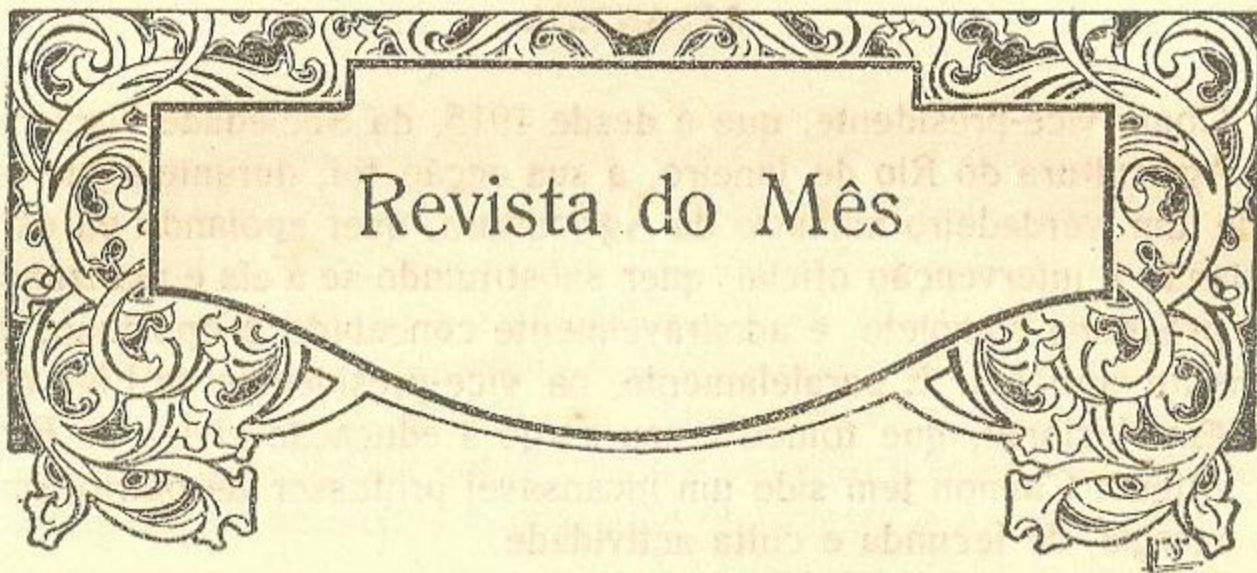
A condição essencial para tudo é acabarmos com as revoluções, com as desordens políticas e sociais, com as lutas intestinas de todas as espécies e entrarmos claramente num periodo de ordem, de paz, de reforma e de trabalho. Então disporemos necessariamente de todas as circunstâncias de crédito que nos serão precisas, quer lá fóra, quer principalmente cá dentro, onde estão os nossos meios fiduciários de salvação comum, que pódem ser empregados em proporções enormes, e quasi diríamos ilimitadas, uma vez que no emprego se veja a applicação da vontade dum país conscio dos seus destinos e confiante em si próprio.

Podemos na verdade reünir pelo crédito interno, quer pela circulação fiduciária, quer pelas emissões de título, algumas centenas de milhares de contos [para a reconstrução e para o fomento nos primeiros anos. Indo com isso para o campo dos melhoramentos e progressos dentro da ordem, podemos contar com o futuro e podemos criar progressivamente desde a primeira hora as novas receitas que forem absolutamente indispensáveis e que sejam possíveis sem prejuizo das próprias iniciativas económicas da agricultura, da indústria e do comércio.

Portugal tem tudo o que é preciso para continuar gloriosamente a sua história. Basta que haja de todos os lados a disposição honrosíssima para o esforço patriótico e solidário. E ela há-de formar-se agora rapidamente, depois de tantos males sofridos por todos.

Lisboa, 12-5-919.

DOMINGOS MENEZES DE JESUS.



Revista do Mês

Dr. Miguel Calmon

Ao aceitar o convite, que lhe dirigiu a Academia Brasileira, para vir a Lisboa inaugurar a cadeira de estudos brasileiros instituída na Faculdade de Letras da nossa Universidade, o eminente estadista e homem de ciência sr. dr. Miguel Calmon rendeu a Portugal uma alta homenagem e prestou às relações luso-brasileiras um serviço inapreciável.

Miguel Calmon du Pin de Almeida, portador do mesmo nome que tanto illustrou, nos mais prósperos dias do Império, o seu tio-avô Marquês de Abrantes, é uma das figuras mais brilhantes do moderno Brasil. Não tendo ainda quarenta anos, a sua vida pública constitui já hoje uma longa e ininterrupta série de triunfos e de bons serviços ao seu país. Depois de ter sido um professor notável na Escola Politécnica da Baía e um membro cultíssimo do Parlamento federal, foi chamado pelo falecido presidente Afonso Pena a fazer parte do seu governo, sendo-lhe confiada a pasta da Viação e Obras Públicas, Comércio, Agricultura e Indústria. Foi assim ministro aos vinte e oito anos: mas a ninguem teve de mencionar a sua tão precoce mocidade senão para a pôr em flagrante contraste com a maturidade e ponderação do seu espírito, a amplitude da sua cultura, a prontidão e multiplicidade das suas iniciativas, a sua capacidade de trabalho e a sua energia e decisão nos conselhos do governo.

Fóra do poder desde alguns anos, nem por isso Miguel Calmon tem deixado de ser um dos governantes isto é, um dos dirigentes e guias do Brasil nas suas mais elevadas formas de atividade. Em longas viagens de estudo na Europa e na Ásia rebusteceu-se a sua experiência e conhecimento dos mais arduos problemas económicos de que essencialmente depende o progresso do seu país.

Como vice-presidente, que é desde 1915, da Sociedade Nacional de Agricultura do Rio de Janeiro, a sua acção foi, durante a guerra, a de um verdadeiro ministro da Agricultura, quer apoiando ou estimulando a intervenção oficial, quer substituindo-se a ela e realizando um programa completo, e admiravelmente concebido e oportuno, de fomento agrícola. E paralelamente, na vice-presidência da Liga de Defesa Nacional, que tomou a seu cargo a educação cívica do Brasil, Miguel Calmon tem sido um incansável professor de patriotismo de energia, de fecunda e culta actividade.

Chamando a Miguel Calmon, com inteira justiça, um dos mais activos homens políticos do seu país, temos logo de acrescentar que não é na esterilidade das querellas de predomínio político que se consome o seu talento, mas bem ao contrário no estudo e solução das questões nacionais, no encaminhamento seguro do Brasil para os seus destinos de grande potência americana, de representante eminente da raça, da mentalidade e da tradição gloriosa de Portugal. Para cumprir com eficácia essa alta tarefa, Miguel Calmon tinha de ser, como é, um homem de profunda cultura e a quem todos os aspectos da civilização fossem familiares, alguém que incessantemente ensinar. E assim, além de homem de ciência, de economista teórico e prático, feito pelo estudo e pela observação, pelos livros e pelas viagens, é o Dr. Calmon um humanista e um letrado. Maneja a nossa língua com elegância rara, sentindo-se que a estudou carinhosamente em Bernardes, em Vieira, em Fr. Luís de Sousa e em Herculano. De Portugal e do Brasil mental, da nossa história e literatura, tudo conhece. O poema de Camões é para êle, como para nós, um evangelho nacional. E não sabemos de Brasileiro mais orgulhoso das suas origens portuguesas, nem mais convicto da esplendida lição e estímulo que o passado de Portugal oferece ao futuro do Brasil.

Felicitemo-nos, pois, com profundo alvoroço, de que o dr. Miguel Calmon tenha acedido a vir inaugurar o curso de estudos brasileiros na Universidade de Lisboa. Dos lábios eloquentes e persuasivos de tão eminente professor vão ter os estudantes portugueses, vamos ter todos nós, a verdadeira revelação do novo Brasil, de um Brasil que se dirige a passos decididos para a riqueza, para a felicidade, para todas as conquistas do progresso: de um Brasil para cujo crescimento e gloria ainda hoje, como sempre, contribuem com o seu esforço, com a sua tenacidade, com o seu sacrifício, tantos milhares de bons Portugueses.

A gentileza de Miguel Calmon, vindo até junto de nós com tão

simpática missão, terá em nós a repercussão que merece. Reconhecidos e gratos pela distinção que assim recebemos, acolhendo com eternecimento o hospede tão ilustre, saberemos também tirar partido da sua visita e das suas lições para reconstruir em novas bases todo o programa de entrelaçamento e aperfeiçoamento das relações entre Portugal e o Brasil, nações que, quanto mais e melhor se conhecerem, mais e melhor se convencerão de quanto precisam uma da outra e mutuamente se devem cooperação consciente e amizade útil.

CRÓNICA ARTÍSTICA

2.ª EXPOSIÇÃO DOS ALUNOS DA ESCOLA DE BELAS-ARTES

Exposição de estudantes, mas sem a intervenção dos professores. Temas escolares, provas de concurso, muitos auto-retratos, pinturas bíblicas, quadros religiosos e tudo o mais que a cada um lembrou.

Entre os novatos da pintura, dois afirmaram qualidades, Henrique Santos Júnior e Luís Varela Aldemira, ambos do 4.º ano.

Discípulo de Salgado, o primeiro, ao lado de vários retratos vulgares, mostrou-nos algumas manchas interessantes de paisagem, como os dois trechos de *Caneças*, *Sol de Agosto* e *O sol glorioso*.

Varela Aldemira, discípulo de Columbano, de cuja obra se mostra fanático, a ponto de pretender imitá-la em alguns inimitáveis assuntos, desenha bem. Verdadeiras pinturas a lápis, no género das do mestre insigne, os seus desenhos suplantavam os seus quadros, entre os quais o *Auto-retrato* se distinguia.

Graciosas algumas *pochades* de Luís Salvador Marques da Silva Junior e

Henrique Fernandes Tavares, outros dois quartanistas, discípulos de Salgado.

Há que apontar, lutuosamente, o nome do terceiranista Henrique Pimenta Diogo da Silva, discípulo de Carlos Reis, morto em França na jornada memorável de 9 de Abril. Homageando-o, reúniram os companheiros diversos trabalhos seus, executados alguns na rude faina da guerra.

Como escultores, expunham Leopoldo Neves de Almeida, António da Costa e Severo Portela, filho. Em numerosos trabalhos, o primeiro promete. O seu busto *Gigi* é mesmo mais que uma promessa. De António da Costa, havia um *Leão amoroso* assaz decorativo. Severo Portela, filho assinava um busto melancólico, *Triste*.

Das alunas, mostraram certa habili-dade como desenhadoras D. Elisa de Ornelas e D. Celeste Pitté.

Fraquinha a secção de arquitectura.

EXPOSIÇÃO DE ESCULTURA DE RAÚL XAVIER

Alguns trabalhos modestos dum moço escultor de pouco vôo. Um relêvo com

o retrato de Júlio de Castilho, dois com o de Luís Calado Nunes, um *Fauno atormentado*, uma amaneirada *Infância* uma *Obreira* banal, uma *India* menos vulgar, o *Desespêro*, ultra-vigoroso, um *Cefador* tratado com minúcia, e uma escura figurinha *Senectude*, vergada à tristeza dos que já viveram.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE JOÃO VAZ

Trabalhador que não repousa à sombra dos louros colhidos, João Vaz abriu, no Bobone, mais uma exposição, onde, a par de coisas confirmadoras da sua clássica maneira, outras há que significam novidade e mudança; não quanto ao processo, invariavelmente correcto, mas no que diz respeito ao assunto.

Pintor sereno das águas calmas, desta vez trouxe-nos João Vaz algumas águas agitadas, espumantes, bricalhonas. Nada de encapeloado ou tempestuoso. A mesma claridade amável dos seus mares de verão, mas tendo, em lugar do sorriso da água adormecida, o riso buliçoso, esperto, enrodilhado das ondas que bailam.

Assim o n.º 23, *Inverno*, em que o mar referve suave, o n.º 6, *Espraiar da onda*, onde a espuma se pulveriza, o n.º 2, *Beiramar*, um rosário de ondas enlaçando a penedia, o n.º 18, *Ponta de Sagres*, mais agitado, o n.º 20, *Mar largo*, encrespada lâmina de madrepérola, e o n.º 25, muito atraente, um *Estudo* de ondas a desabrochar, feito com singular carinho.

No n.º 21, *Sobre o Sado*, ha a nota tranqüila que João Vaz sempre gostou de cultivar, mas o n.º 10, *A Praia*, é uma deliciosa nota de sol, um pouco diversa de outras pálidas atmosferas do mestre.

Não podiam faltar os barcos, tão vedores de gratidão a êste artista fa-

miliarizadíssimo com catraios, chinchorros, faluas e fragatas. No n.º 3, *Tarde triste (Sado)*, lá estão dois acasalados; o n.º 29 chama-se *A Balieira*; no n.º 27, *Baixamar (Setubal)*, agrupam-se vários; pelo n.º 21, que já citei, correm velas brancas.

A registar ainda o n.º 4, *Sudoeste (Sado)*, um mar que o vento faz de chamalote, o n.º 1, *As Arribas*, pedaço de costa auri-verde, e o n.º 31, *Margem do Sado*, onde as rochas caminham para o amarelo algarvio.

De Espinho, há um *Puxar da rêde*, lembrando o espanto daquele antigo estrangeiro que disse que em Portugal até os bois lavram o mar.

Muito pitorescos o n.º 19, *Trafaria*, e o n.º 22, *Azenhas do mar*. Sentidos o *Cruzeiro da Arrábida* e *Os Pinheiros*.

Outro tema de que o autor tirou certo partido foi de *O Regato da Praia das Maças*, que, por estar aqui à mão de semear, os pintores andam explorando palmo a palmo. Não direi que baste de praias, que as há quasi inéditas. Basta, porém, de Maças!

João Vaz tem, também, no seu passado alguns felizes aspectos de monumentos. Foi mesmo dos primeiros a mostrar gosto por êsse género semi-documental. Juntou agora à sua coleção o n.º 17, *Claustro da Sé (Lisboa)*, e o n.º 9, *Entrada do Castelo (Tomar)*, dado sob um céu de nuvens brancas.

Como decorador, quis ainda mostrar-nos um grande painel, *Evocação romântica*, um pouco fora de moda.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA A ÓLEO DE CARLOS LOBO

É tão linda Coimbra, com o encanto especial da sua luz de sonho, com os seus óptimos monumentos, com o mistério íngreme das suas ruas e couraças, com a tanagrina graça das suas trica-

nas leves, com os estrangulados me-
neios do seu rio e as violentas jorna-
das dos seus barcos, que só admira não
ter ainda aparecido o pintor, mas um
pintor de raça, que escreva a tintas,
suaves como a terra de Inês, de Isabel
e de Constança, o poema raro e me-
lancólico, de amor e saúde entrete-
cido, que o sol e o luar declamam ou
segredam nos dias indizíveis e nas noi-
tes inefáveis da pérola florida do Mon-
dego.

Não se encaminha para ser êsse pin-
tor o Sr. Carlos Lôbo, que, na redac-
ção de *A Luta*, veio mostrar, corajosa-
mente, a modéstia dos seus recursos,
quer nos muitos quadros coimbrões,
que nos aspectos da Figueira, do Luso
ou do Caramulo.

A TORRE DE BELEM

A Associação dos Arqueólogos ini-
ciou um movimento para ver se, desta
feita, sempre se consegue tirar o gazó-
metro de ao pé da desditosa Tôrre de
S. Vicente de Belém; isto é, libertar a
princesinha esbelta do monstro negro.

Já, no seu *Portugal à vol-d'oiseau*,
a Rattazzi lamentava que se não pu-
desse pôr, sob rodoma, num museu
«êsse maravilhoso modêlozinho de ar-
quitectura e de bom gôsto». Ter-se-ia
evitado o enfarruscamento lastimoso do
primor, que a outra literata, Juliette
Adam, inspirou uma página agradável.

Infelizmente, a época vai mais de

molde ao triunfo iconoclasta dos dra-
ções do que à subtil vitória das donze-
las encarceradas. Escusado é dizer
que, como civilizados, estamos ao lado
dos que se propõem disputar a joia à
carvoeira, e que fazemos os votos mais
ardentes para que deixe de ser verdade
o aviso de Walter Crum Watson aos
leitores do seu livro sôbre *A Arquitec-
tura Portuguesa*, quando os previne
de que não peçam aos condutores dos
eléctricos para pararem na Tôrre de
Belém, «em que êles nunca ouviram
falar», mas sim na Fábrica do Gás.

Conviria, na verdade, injustificar as
duas frases de Ramalho Ortigão: «...
a Tôrre de Belém emparceira se com
a chaminé do mais vil e sórdido bar-
racão, a qual sacrílegamente a cuspi-
nha e ennodoa com salivadas dum fumo
espesso, gorduroso e indelével, como
se a incomparável jóia dêsse mármore,
que o sol português carinhosamente
sobredomara pelos afagos de três sé-
culos, houvesse sido tão subtilmente
cinzelado pelos artistas manuelinos
para escarrador de mariolas, por cima
do qual todavia ainda algumas vezes,
em dias de gala, se desfralda e tremula
o pavilhão das quinas, mascarrado de
carvão como um chéché de entrudo».

Conseguir-se há?

MANOEL SOUSA DE PINTO.

O MÊS LITERÁRIO

A DANÇA DAS HORAS, por GUILHERME DE ALMEIDA. — *S. Paulo. Brasil.*

Este poeta situa as suas emoções dentro de momentos de amor — rápidas fulgurações do instinto de beleza que em nós canta, para melhor enlaçar os corpos jovens, ansiosos de melodias e de plenitude. A mulher é o seu culto: consagra-lhe os seus poemas que encerram a sua vida. Acusa um fundo mórbido de modernidade ou seja o desejo de renovar os temas líricos dos velhos poetas, embora para isso haja de submeter os seus nervos a certas torturas. Sendo um sensual, não deixa transparecer o mais simples gesto de animalidade. Ama com uma leveza de teia de aranha. Os seus nervos têm ritmos de vida: finos, elegantes, quâs; impalpáveis. Sente se bem que a sua sensibilidade está já muito além daquela fase em que o homem, para conquistar o prazer, tem de fazer-se um pouco troglodita: Guilherme de Almeida faz da volúpia uma escala de perfeições — uma maneira requintadamente galante de encantar com a sua musa as mulheres que as experiências difíceis do nosso tempo andam modelando em espuma e sol. A edição de *A Dança das Horas* é um primor. Transcrevemos:

O IDÍLIO SUAVE

Chegas. Vens tão ligeira
e és tão ansiosamente esperada, que
nem te sentindo o passo e já te tendo
completamente em mim,
quando, toda Watteau, silenciosa, aparesces,
é como se não viesses.

Vens... E ficas tão perto
de mim, e tão diluída em minha solidão,
que eu me sinto sozinho e acho imenso
e vazio o salão...
E sem te ouvir nem ver, arde-me em
febre a face
como se eu te esperasse!

Partes. Mas é tão pouco
o que de ti se vai, que inda te vejo o
do seio, e o teu cabelo, e o teu vestido
e a carícia do olhar,
e a tua boca em flor a dizer-me doidices
como se não partisses!

VERBO DO MEU RISO, por MÁRIO SERRANO
edição do autor, depositada na *Renascença Portuguesa*.

O *Zaratustra* de Nietzsche continua a sua obra amarga, dura e bela, nas aspirações de alguns moços. Mário Serrano leu-o e reviveu-o, no seu espírito tormentoso, escrevendo o *Verbo do meu Riso*, em sete voragens. Quere-nos dar a perceber que, quando se ri, tem no coração sete espadas. Não o consegue porque, se assim fôsse, a sua dor seria mais simples e profunda. O que nele existe, sobretudo, é uma autêntica vocação de moralista que, bem cultivada e conduzida, há-de vir a ser qualquer coisa de notável. Aí vão algumas amostras

— «É bom declinar o nome a uma mulher que se deseja; ela julga-nos pelo seu som».

— «Há sorrisos que valem vidas. A morte é da vida o último sorriso».

— «A verdadeira alma das cousas passa quasi sempre despercebida. Os olhos vivem num perpétuo engano».

CASTELO DO AMOR, por MANUEL DE SOUSA PINTO, edição da *Portugal-Brasil L.^a* — Lisboa.

O conto é duma arte difficil, principalmente quando se queira fazer dêle uma cousa em si e não um esbôço de futuras composições. Manuel de Sousa Pinto, porém, acha-se bem à vontade dentro do género, chegando às vezes a criar pequenas maravilhas.

Se porventura se propusesse intensificar mais o seu talento de narrativista, não se prendendo tanto com o diálogo fútil, temos a certeza que viria a ser um mestre. As mulheres hão-de ler com carinho o *Castelo do Amor*, porque, sendo um livro de aparência ligeiro, encerra assim como elas um rico tesouro de lembranças affectuosas.

RIMAS, por EMÍLIO ERNESTO, edição da *Livraria Lisbonense*. — Lisboa.

Afigura-se-nos um poeta o autor dêste livro, convindo, todavia, acentuar que a sua sensibilidade se acha assaz atrasada. Sente como um coração de há quarenta anos. A emoção não é eterna, senão pelas suas renovações incessantes. O tempo passa sôbre ela como a luz sobre uma paisagem. Porque não há de Emílio Ernesto estugar o passo e aceitar a modernidade como uma lição sentimental de nervos?

ALDEIAS DA NOSSA BEIRA, por A. CAMPOS, edição da *Renascença Portuguesa*. — Pôrto.

Começa a criar-se, entre nós, a chamada literatura regional, dando-nos a visão clara, algumas vezes eloquente,

das paisagens e gentes da nossa provincia. O autor dêste livro tem belas qualidades para o género, porque, se exceptuarmos uma que outra página, em que se vê ainda uma certa presunção académica, a sua prosa viva, pitoresca, escorrida de redundâncias, presta-se admiravelmente ao impressionismo de imaginação e discricção. Nos seus contos não há o fundo bucólico que é de uso buscar para os sentimentos reaes: a terra tem o verdadeiro sabor da terra de que a natureza se serve para criação dos seus frutos; as pessoas possuem aquella verdade rude e também áspera que se acha inalteravelmente no viver monótono e vagaroso das nossas aldeias da Beira. A. Campos revela-se um escritor na posse da sua vocação.

AOS ESTUDANTES DO RIO DA PRATA, conferências de HÉLIO LÔBO. — Rio de Janeiro.

Hélio Lôbo falou aos estudantes de Montevideu e Buenos Aires como já antes falara aos de Harvard e Colúmbia. Na carta-liminar a Egberto Penido lê-se:

«Não ha sinão uma cousa que liga fundamentalmente os povos, e esta é o culto dos direitos próprios com o maior respeito dos alheios».

Todas as conferências confirmam e ilustram esta afirmação.

O seu autor, a quem agrada e seduz a fluência calma do período académico, mostra uma larga cultura histórica aliada a uma clara visão da linha de desenvolvimento dos factos e sucesos. Pertence ao número dos diplomatas felizes que o passado educa e prepara sagazmente para as previsões seguras. Raras vezes temos lido páginas em que se mantenha um tão justo equilibrio no julgamento de gerações cuja obra persiste de pé, mas exposta às contrariedades dos tempos.

Hélio Lôbo é um espírito de rara ponderação: desapaixona-se como crítico e apaixona-se como orador. Daqui resulta que a simples leitura das suas conferências produz êste duplo efeito: satisfaz o entendimento e seduz a imaginação.

IDEAS NOVAS; PROCESSOS NOVOS,
por JOÃO VERDADES, edição de
Guimarães & C.^a—Lisboa.

João Verdades é um jornalista dos poucos que, entre nós, se propõem semear ideas e conselhos, a fim de renovar a adormecida alma lusitana.

Busca, principalmente, orientar os leitores do *Seculo* da noite, afastando-os de maus hábitos enraizados, a fim de lhes inculcar o amor da sciência que, consoante a concepção materialista da vida, deve reger o homem e a sua acção. João Verdades aborda uma larga série de problemas aos quais dedica os seus nobres esforços de propagandista: o ensino nos seus vários graus, o Estado moderno, a modelagem psíquica, terapêutica cívica, o analfabetismo, o imposto, etc.

— «Cada homem de sciência, entre êles (os alemães), como cada operário, como cada soldado, sabe pouco, mas sabe bem aquilo que sabe».

Neste simples período manifesta João Verdades o horror que lhe causa o português especializado na enciclopédia, homem de sete-offícios, destrembelhando em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Faz muito bem em o zurzir. Nunca as mãos lhe doam.

Agostinho Fortes acompanha o livro dum prefácio conceituoso do qual extractamos o seguinte incitamento:

— «Trabalhem, instruamo-nos e sejamos nós mesmos os artífices da nossa obra, os preparadores da nossa felicidade».

POESÍES (1910-1915) } por J. M. LOPREZ - Picó
POESÍES (1915-1919) } *Societ. Catal.^a d'Edic.*

A leitura dêste poeta catalão encanta-nos como uma mensagem à nossa sensibilidade de portugueses, porque há nele alguma cousa do misticismo resignado, mas ao mesmo tempo doce e atraente, que tanto avulta nos nossos melhores líricos. A sua maneira de sentir revela uma tradição de raça que, persistindo através das idades, sabe variar-se com os momentos. Se dispussemos de espaço, bem quizeramos transcrever os formosíssimos *Poemes del Port i de la Ciutat*. Limitamo-nos à

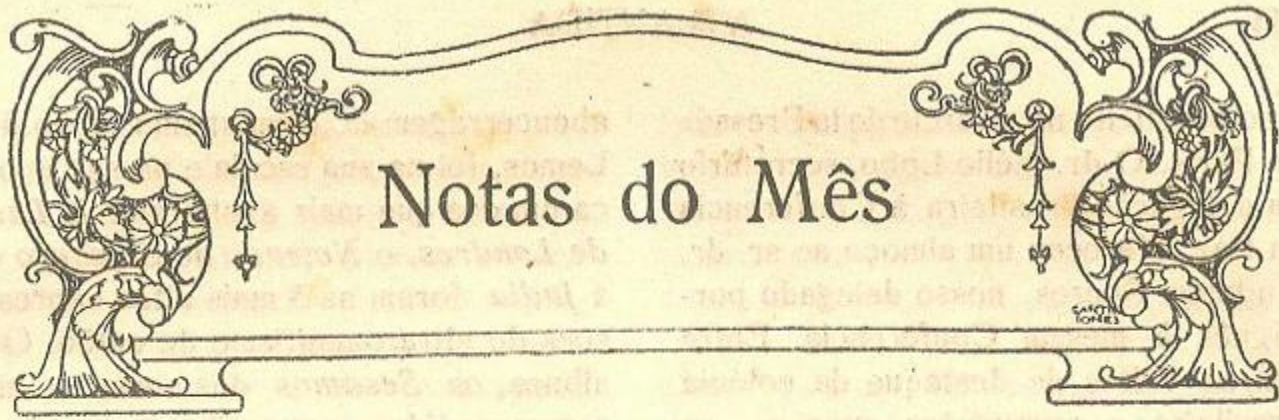
NAU VELERA

Tota esvelta amb les veles al sol
tota blanca amb les veles al vent,
tens el dolç moviment escaient
d'una noia: mig pas i mi vol.

Ni camines ni voles. Tan fina
jo t'he vist en la mar, i segura,
que eres bella com l'arquitectura
de la lleu visió femenina

que veiem avançar amb repós
sense perdre la gracia formal,
amb um ritme de vida immortal
afirmitant l'estructura del cos.

J. M.



Notas do Mês

GRAÇA ARANHA

Francis de Miomandre, cujo delicioso artigo crítico publicamos no último número da *Atlantida* dedica justas palavras de louvor ao nosso ilustre director em Paris, o eminente dr. Graça Aranha, a quem o governo francês tão justamente distinguiu honrando-o com a cruz de comendador da legião de honra. Associamo-nos, vivamente a elas, saudando no ilustre académico o extranho e forte romancista da «Chanaan» que ficará na literatura brasileira, como uma das mais altas afirmações estéticas, de par com uma das mais assinaladas manifestações de nativismo.

COMTE PROZOR

Todas as pessoas cultas decerto conhecem o nome de Comte Prozor, um dos nossos colaboradores da *Atlantida*. Ninguém ignora que êle foi o introductor da literatura slava no mundo latino e que, traductor de ebreu, foi também autor dum romance célebre *La Boheme Diplomatique*. O que talvez se não saiba é que êle foi ministro Plenipotenciário de Russia no Brasil e que tem um profundo interesse por todos os problemas que dizem respeito à América do Sul, de que sempre se occupou com notabilíssima competência. Isto dá uma auctoridade especial à série de artigos que vae publicar na *Atlantida*, artigos de doutrinação original e cheios de pontos de vista novos.

Polaco de origem, o Comte Prozor

consagra-se também ao renascimento da sua pátria, agora reconstituída.

A *Atlantida* agradece ao ilustre escritor a sua colaboração preciosa.

TENENTE-CORONEL LEITE DE CASTRO

Honra-se a *Atlantida* publicando o notavel artigo *O Exército Francês*, devido à pena deste ilustre oficial de artilharia brasileira. O papel de raro relevo que representou na guerra, desde 25 de julho a 16 de Dezembro de 1918 como adido ao 20 C. A., tendo tomado parte com denodo e invulgar competencia em todas as brilhantes acções deste regimento, é digno do maior registo.

Longe de nós traçarmos nestas magras linhas o esboço sequer do seu alto valor moral ou da sua assinalada competencia técnica.

Basta dizer que alia a uma notável cultura geral um grande conhecimento da sua arma e dos mais modernos aperfeiçoamentos do material, especialmente da artilharia pesada. A todos estes predicados ha a ajuntar uma nobre intelligencia e uma grande acuidade de observação, servidas por uma indomável energia e decisão.

Ao insigne militar os nossos melhores agradecimentos.

APPROXIMAÇÃO LUSO-BRASILEIRA

Os jornais franceses e portugueses dão-nos o relato duma simpática e significativa festa de confraternização

luso-brasileira no «Cercle de la Pressé» de Paris. O dr. Hélio Lobo, secretário da delegação brasileira à Conferencia da Paz, ofereceu um almoço ao sr. dr. Augusto Soares, nosso delegado português à mesma Conferencia. Entre outros vultos de destaque da colónia brasileira e portuguesa viam-se os nossos directores dr. João de Barros e João do Rio, consul Luís da Silveira, Carvalho Azevedo, director geral da «Americana» etc.

Foram affectuosíssimos os brindes trocados, todos eles altamente demonstrativos duma intensificação crescente das relações luso-brasileiros.

Associamo-nos do coração aos vivos desejos de quantos afincadamente trabalham para a efectivação de tão patriótica aspiração.

A «CASA DE PORTUGAL» EM PARIS

Acaba o Banco Nacional Ultramarino, de tomar de arrendamento para instalação da sua sucursal em Paris um magnifico prédio na rua Helder, 8, quasi à esquina do Boulevard des Capucines, que é como quem diz no centro de Paris.

Além dessa sucursal no rez-do-chão fica também o «Bureau de Renseignements da Sociedade de Propaganda» na sobre-loja, a Câmara de Comércio, e nos outros andares o Consulado e outras empresas.

Chama-lhe justamente a *Epoca* a «Casa de Portugal».

Tão levantada empresa vem, sem dúvida, trazer um largo incremento às relações franco-lusas, além de contribuir eficazmente para o desenvolvimento do turismo entre nós.

JOÃO DE LEMOS

Com a morte do poeta ultra-romântico da *Lua de Londres* em 1890, quando Camillo e Júlio Machado abandonavam, trágicamente a liça, caiu o último

abencerragem do romantismo. João de Lemos, foi na sua escola e na sua época um dos que mais avultaram. A *Lua de Londres*, o *Noivado do Sepúlcro* e a *Judia* foram as 3 mais altas expressões do ultraromantismo de então. Os albuns, os *Sesamos* dos corações incompreendidos, ora estilavam o rebucado de alteia de um solão, ora mostravam bordadas a missanga, trovas natalícias a hipotéticas Lauras, quando não expluiam lamentações fatídicas, livores agónicos de inferno, febreiras de romantismo histórico. Mas de todo o lodo dessa multidão, emergia a fina floração de meia-dúzia de poetas de tomo. João de Lemos, foi incontestadamente um deles. A sua feição marcadamente lamartiniana, o seu emanuelismo patriótico-religioso sagraram-no dentro da pleiade do *Trovador* cujo pontífice era Castillo, o bardo da *Primavera*, na expressão duma sextilha célebre. Em derredor dele, Couto Monteiro, Ayres de Gouveia, Serpa Pimentel, Alexandre Braga, Pinto Ribeiro, Pedro de Lima, Dias de Oliveira et *j'en passe* formavam uma como *tavola rondada*.

Volvido um século sobre o seu nascimento, a *Atlantida* não pode deixar passar em silencio essa data, embora a marque, obscuramente com esta pequena pedra.

TRANSPORTES MARÍTIMOS

A Associação Comercial de Loanda acaba de dirigir ao sr. ministro das Colónias uma exposição sobre a distribuição de vapores para aquela possessão, segundo o plano dos Transportes Marítimos. O pedido dos angolenses é de todo o ponto equitativo: a criação duma carreira privativa para Angola, com saída a 28 de cada mês, dos vapores indicados na exposição, a exemplo do que se estabeleceu para S. Tomé.

Um duplo benefício resulta de tão importante medida: o descongestionamento das cidades e a intensificação da produção agrícola, pelo aproveitamento e coordenação de tantas energias dispersas e quasi sempre mal utilizadas. O problema, pelo que respeita ao lado português foi há longos meses versado no Rio, com grande brilho de forma e elevação de ideias por Malheiro Dias.

OS FRETES

Um dos aspétos, talvez, mais graves, que reveste a questão do porto de Lisboa é a questão dos fretes. Ainda há pouco tivemos ocasião de o verificar na instância feita pela Associação Commercial de Lisboa junto do nosso ministro em Washington, com o fim de apoiando a louvavel iniciativa da Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria de New-York obter a baixa de fretes daquele país para o nosso.

Segundo recente comunicação da Direcção Geral dos Negócios Comerciais e Consulares feita áquella corporação, verifica-se o que, infelizmente, já previamos.

As autoridades americanas queixam-se da excessiva demora sofrida pelos navios americanos nos nossos portos, o que cria grandes obstáculos é efetivação daquela medida. Nêsse sentido a Associação Commercial procurou várias entidades officiais chamando-lhes a atenção para um problema de tanta monta.

UNIÃO LATINA

No grande anfiteatro da Sorbonne, sôb a presidência de Painlevé, secretariado por Barra e Bratiano, realizou-se uma significativa manifestação de confraternidade latina. Guilherme Ferrero, o grande historiador italiano, a cuja extremada gentileza a *Atlantida* deverá brevemente um notável artigo,

fez a apologia da unidade latina, o blóco que de futuro será um forte obstáculo à repetição da «hecatombe monstruosa». Paul Adam evocou o dourado e magnifico passado da civilização latina. Barra, finalmente fez o elogio caloroso da França. Falaram o eminente Epitácio Pessoa, pelo Brasil, João Chagas, em nome de Portugal e Braciano pela Romania.

UMA CADEIRA DE PORTUGUÊS EM PARIS

Philéas Lebesgue, que tão amorosamente se tem dedicado ao estudo e divulgação da nossa língua em França acaba de publicar em *L'Opinion Wallonne* um interessante trabalho, onde com um lúcido conhecimento de filologia portuguesa estuda nos escassos limites dum artigo a larga difusão no passado da língua portuguesa — «a língua geral». Estamos convencidos com Labesgue que o português é «um admiravel instrumento de aproximação celto-latina».

OLAVO BILAC

O n.º de abril do *Journal de L'université des Annales* dedica n'uma sentida carta do sr. Guimarães, nobres palavras de louvor à obra do «príncipe dos poetas brasileiros». Já esta revista que lhe deveu tantas provas de deferências lhe tributou palavras de quente admiração, em 1916, quando do banquete que lhe ofereceu, como lhe dedicou por ocasião da sua morte tristes palavras de magua.

Á piedosa homenagem consagrada neste comovido e formoso artigo, ao maravilhoso cinzelador do verso, ao parnasiano admirável das *Estrelas* e do *Caçador de Esmeraldas*, ao precioso Cellini da *Via-lactea* junta a *Atlantida* mais este obulo de saudade.

O CAFÉ BRASILEIRO NA AMÉRICA DO NORTE

O penultimo número do *Economista Português*, traçando uma interessante estatística do café brasileiro importado pelos Estados Unidos, marca ao Brasil no ano económico de 1918 4:761:694 sacas ou sejam 745:960.000 libras. Não deve de causar estranheza a diminuição de exportação brasileira, atendendo ao período anormal da guerra e conseqüentemente à dificuldade de transportes. Desaparecido esse obice essa exportação aumentará seguramente bastante no próximo ano. O Brasil é o maior exportador de café para os Estados Unidos. Segundo uma recente estatística, o seu consumo *per capita* que neste país em 1900 era de 9.81 libras (pêso) atingiu já em 1917 a cifra de 12.22.

EM ROMA: PAULO BARRETO E JOÃO DE BARROS.

Na benemérita e nunca bastante-encomiada tarefa de propaganda intelectual de Portugal e Brasil, João do Rio e João de Barros, dois fervorosos apóstolos *doublés* de escritores de raça, foram em Roma alvos das mais marcadas provas de simpatia. Na véspera do seu regresso a Paris, Souza Dantas, o ilustre ministro do Brasil naquela côrte, ofereceu-lhes sob a presidencia do Duque de Sforza um banquete em que a aristocrácia de sangue e do talento se derão mãos: Príncipe e princeza de Castagnedo, duqueza de Lourenzano, lady Marconi, o jornalista Marelllo, director da *Tribuna*, além de muitos outros diplomatas, políticos e homens de letras. Brindou-se entusiásticamente pela vitória dos aliados e pela participação luso-brasileira na guerra.

Aos nossos queridos directores, a quem foram dispensadas as mais expressivas demonstrações de carinho e admiração pelo seu incontestado talento e pela inquebrantável fé nos destinos de Portugal e Brasil um abraço de devotada admiração e leal camaradagem.

CINCO DE MAIO

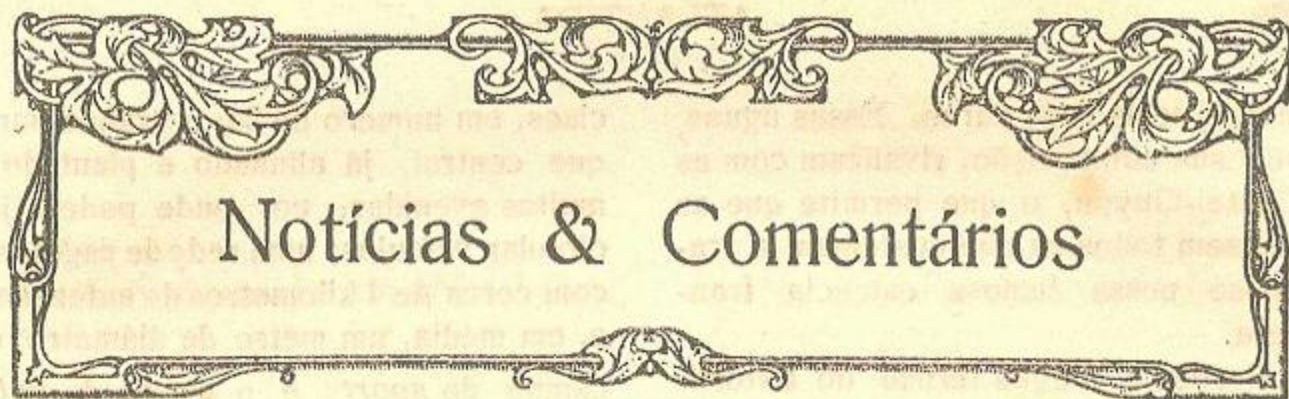
O Brasil tem neste dia a sua mais gloriosa data. Para o nosso irmão pela nobreza da raça, pela altivez de carácter, pelo sangue heróico, pela doçura acariciante da língua, por uma infinidade de factores étnicos e moraes — vae, nestas curtas linhas apagadas, a expressão de toda a nossa fervorosa admiração. A festa nacional do Brasil que nesta data passa, é também para nós um dia de gala e é de olhos fitos no alevantado exemplo deste irmão mais novo, que nós unguimos e fortalecemos para a luta.

PAVILHÃO DE IMPORTAÇÃO

Deu-nos há dias o *Século* a noticia de que a Associação Comercial do Pará projecta construir um pavilhão anexo ao seu Museu Comercial e destinado a servir de mostruário de productos dos paizes que maior comércio com o Brasil teem. Estados Unidos, França, Itália e Portugal. A quarta parte da despeza que caberia a cada país seria aproximadamente de 7 contos em ouro, da nossa moeda, de principio e 300:00 ouro em cada ano.

Os interessados ponderarão as vantagens de tal oferecimento, que estamos certos redundarão em beneficio para os 2 paizes amigos cada vez mais intimamente ligados pelo vínculo das mais amistosas e estreitas relações.

J. de F.



Notícias & Comentários

ESTORIL

Vai-se transformando pouco e pouco numa das melhores estações termais e de verão da Europa.

É fácil entoar em honra do Estoril os maiores louvores. Não custa nada render elogios os mais entusiásticos à arrojada empreza que tomou sôbre si o encargo de fundar, nêsse privilegiado recanto do litoral português, a pouco mais de meia hora de Lisboa, uma das mais belas, das mais reputadas e das mais luxuosas e mundanas estações de águas e de verão da Europa inteira. Mas para quê, se os factos falam por si e por si só se impõem? Efetivamente, o que era o Estoril antes da atual empreza, que está a proceder á sua transformação, tomar conta desse pequenino paraizo futuro? Não passava dum aprazível sítio de vilegiatura, debruçado sôbre o mar, com um estabelecimento termal mais que modesto e sem se vestir dos atrativos que chamem os estrangeiros, para gastarem, com prazer, o seu dinheiro.

E hoje? O Estoril, rico de paisagens, afagado pelo Oceano, tendo a emoldurar-o a serrania e as ondas, com a sua poesia, com os seus *cotages*, com os seus deliciosos ninhos de verdura, com tudo quanto a natureza ali quis colocar e o homem tem lentamente aproveitado, não é ainda o que deve ser, por não estarem, por ora, concluidos nem os

parques, nem os hotéis, nem os edificios que a Sociedade «Estoril», planejou e começou já a executar, contando ter tudo isso concluido muito mais cedo que se julga. Então sim, é que a mais encantadora estação de verão dos arredores de Lisboa, áquela a que maior futuro está reservado, ficará sem rival na nossa terra.

Entretanto, muito e muito ha já feito. E o que se vê já representa um tal esforço e revela uma tal tenacidade, que, avaliar-se o que ha de realizar-se ainda pelo que se realizou já, a ninguém podem ficar dúvidas sôbre o que será, daqui por pouco tempo, o novo Estoril. Pode haver quem julgue que a Empreza que tomou conta de tão grande empreendimento poz em prática já tudo o que constitue o seu programa. Nada menos exato. A guerra trouxe-lhe dificuldades enormes, que não poderam ser vencidas. Mas, mesmo apesar dêssas dificuldades, as obras projetadas estão já adeantadíssimas. O estabelecimento termal está em parte concluido e começou já êste ano a funcionar, dirigido por distintos clínicos especializados. Nêle se fará uso das águas minero-medicinaes ali existentes, de ha muito conhecidas e afa-

madras pelas suas curas. Essas águas, pela sua composição, rivalizam com as Chatel-Guyon, o que permite que as utilizem todos os que costumam ir tratar-se nessa famosa estancia franceza.

Pertence a água termal do Estoril, cujas virtudes estão comprovadas por muitos anos de uso e por inumeras curas, ao grupo das águas cloretadas sódicas. A sua captação fez-se irrepreensivelmente. A sua temperatura é de 33,5 graus centígrados, e as análises a que tem sido submetida accusam, por cada litro, 4,1269 gramas de cloretos, sendo 2,2614 de sódio, 0,0276 de sulfato de cálcio, 0,3110 de sulfato de magnésio e 0,0376 de ácido carbónico livre. De magnésio metal, encontraram-se 0,0762. As riquíssimas e excelentes águas do Estoril empregam-se desde tempos imemoriaes, o mais proficuamente que pode imaginar-se, nas doenças da pele, reumatismo e gota, e nas doenças das fossas nassaes e da garganta. Nas doenças do estómago com tricodoridia, a constipação, etc., e nas doenças do útero, a indicação das águas do Estoril é intuitiva.

Dispondo de tão grande riqueza, termal, da sua actividade e de capitaes avultadíssimos exclusivamente portugueses, a estancia do Estoril virá a ser magnífica, desde que o estabelecimento termal, o grande hôtél para mais de 500 hóspedes, o espléndido e vastíssimo casino, as duas filas de lojas, com galerias para estabelecimentos comer-

ciaes, em numero de 34; o grande parque central, já alinhado e plantado; muitas avenidas, por onde podem já circular veículos; uma rede de esgotos, com cerca de 4 kilometros de extensão, e, em média, um metro de diâmetro; o campo de *sports* e o campo de *golf* com 18 buracos e 5 kilometros de extensão, desde que tudo isso, que se encontra em via de conclusão, estando os respectivos trabalhos adeantadíssimos, fique pronto de todo.

A Empreza do Estoril não promete, desde já, comodidades que ainda não existem, em virtude de não terem obtido, por ora, realisação os planos soberbos da espléndida estancia em construção. Mas logo que tudo o que foi projectado e vae em mais de meio se conclua, o Estoril ficará sendo, a par duma das mais belas estações termaes e estações de verão da Europa, o verdadeiro centro do *turismo* em Portugal, por onde passarão todos os anos milhares de forasteiros e de onde irradiarão, para o resto do País, todos os que nos visitem. Além disso, para os portugueses, oferecerá comodidades excepcionaes, visto permitir-lhes em sua propria casa tratamentos que só lá fora se alcançavam noutros tempos.

Emprezas como a do Estoril honram o país em que se constituem. Eis por que todos devemos desejar que ela prospere, visto as suas prosperidades constituirem uma boa parte da prosperidade da nossa terra.

BANCO PORTUGUÊS E BRASILEIRO

DE COMO AVIVANDO UMA DATA HISTÓRICA
SE FAZ UMA DESCRIÇÃO SUCINTA DOS SEUS PROGRESSOS E DESENVOLVIMENTO

Numa escala ascensional, dia a dia demarcada pelos seus progressos, pelo desenvolvimento dos seus negócios, pela crescente ampliação das suas relações comerciais, impondo-se, firmando-se e expandindo-se, existe em Lisboa — o que decerto ninguém ignora — uma casa bancária, fundada com capitais brasileiros, com a qual não só a gente de negócios mantém uma estreita e confiada ligação, como ainda todos os que, neste marulhar constante dum trabalho activissimo, sem preocupações de crenças, de doutrinas ou de políticas, têm uma idea no cérebro e uma trajectória marcada na sua rotina. Referimo-nos ao Banco Português e Brasileiro, cuja prosperidade é evidente e não carece de desnecessários encómios, e aludimos, naturalmente, à estreiteza de relações que entre os seus dirigentes existe junto dos que, diariamente, na imprensa portuguesa, não esquecendo o seu papel de jornalistas, dedicam às causas públicas o interesse e o carinho que elles merecem. E se aqueles conhecem bem o valor da sua obra, estes, por um espirito requintado de cortesia, não quiseram, ao passar a data gloriosa do descobrimento do Brasil, deixar de, comemorando-a, lembrar a correlação que existe entre esse facto e a existência entre nós desta casa, tão intimamente ligada à vida amplíssima e larga do Brasil.

E o dever que outros já cumpriram, renovamo-lo nós aqui, nestas colunas,

incidentemente, fazendo em homenagem à nação amiga um pouco da história do Banco Português e Brasileiro, cujo passado é bem digno da atenção dum *reporter* que se interessa a valer pela vitalidade da sua terra. O Banco Português e Brasileiro foi fundado, patrioticamente, em 1891, por iniciativa do Barão de Alto Mearim, um português illustre, que tendo vivido largos anos no Brasil, mais tarde foi agraciado com o título de Conde, legítimamente conquistado pelas suas qualidades primorosas de fidalgo e pela sua rara e brilhante inteligência. Em fins do ano de 1891, pouco antes de se manifestar em Portugal a crise financeira, que quasi lançou o nosso país nos braços da bancarrota, havia sucedido outro tanto no Brasil, onde não só sossobram muitas casas bancárias, como algumas viram os seus capitais comprometidos. No momento do perigo o Barão de Alto Mearim foi chamado a ter mão nos negócios do Banco do Crédito Rial do Brasil, para onde fôra chamado, em face da ruína que ameaçava igualmente este estabelecimento, e de tal modo operou, tais foram as suas iniciativas e as suas previsões que, dentro de pouco tempo, o banco aparecia como resurgido da *débacle*, levando os seus accionistas, numa manifestação de gratidão, a propôr para o benemérito salvador dos seus interesses uma compensação monetária dos seus esforços, cuja quantia se elevava

à importância de oitocentos contos de reis.

Alto Mearim, num rasgo que mais fez avultar a nobreza do seu carácter, só se resignou a aceitar essa recompensa com a condição dela reverter, intacta, para o fundo do Liceu Literário Português, do Rio de Janeiro, de cujo estabelecimento fôra o fundador e de cuja direcção era ainda o presidente. Debelada a crise do Brasil surgiu, terrível, a portuguesa, reflexo daquela, em fins, como dissemos, do ano trágico de 1891. Pouco antes dêste facto, havia-se fundado entre nós o Banco Português e Brasileiro, com o capital de 5:000 contos, encontrando se feita àquela data já a chamada de dez por cento. A crise forçou a ficar por ali o capital, e, agravando-se, reduziu-o, impiedosamente, a quinhentos contos, precisamente na altura em que, pouco depois, pela morte do Conde de Alto Mearim, lhe faltava o espírito forte do seu iniciador e propulsor.

Durante alguns anos o banco sofreu as consequências dessa falta, que se antolhava irreparável, até que, em 1917, um facto curioso, revelador do que um certo provérbio português se justificava inteiramente, fez mudar a face das cousas.

O 3.º filho do falecido titular, Jaime Alto Mearim, seguindo as tradições e os processos honestos de seu pai, ocupando um lugar na direcção do Banco, rompia com todos os entraves e iniciava uma nova era de progressos para o Banco, chamando para o seu lado dois novos, cheios de audácia, inteligentes e arrojados: João Pires Correia, que fizera um tirocínio proveitoso, firmando os seus méritos financeiros, na casa Fonseca Santos & Viana, e Teófilo de Magalhães, gerente do Banco Economia Portuguesa, cuja competência estava igualmente corroborada nas provas que havia dado já. E, desde então, não mais deixaram de registrar-se os créditos e as prosperidades do Banco Português e Brasileiro, cujo capital sealargou notavelmente, atingindo hoje a importante cifra de 3:500 contos, tendo a cotação das suas acções ido, por duas vezes, acima do par.

Registando êste facto, fazemo-lo com tanto maior prazer, quanto é certo, neste momento de assombrada expectativa, nem todos terem a coragem bastante para arrostar de assombradamente com as ameaças de perigos que podem germinar nos cérebros dos lunáticos.

R.

NO PROXIMO NÚMERO:

COLABORAÇÃO DE

Camille Mauclair, Francis do Miomandre, G. Ferrero, Salomon Reinach, António Patrício, D. Manoel Cusio, Júlio Dantas, Júlio Brandão, Manoel de Sousa Pinto, João do Rio, etc.

E a nova secção *REVISTA DAS REVISTAS*.

Banque Française

Pour le Brésil

SIÈGE SOCIAL:

1--BOULEVARD DES CAPUCINES

PARIS

**Toutes les opérations
de Banque**

Banque Française & Italienne

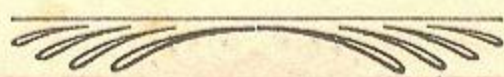
Pour l'Amérique du Sud



SIÈGE SOCIAL:

34, Avenue de l'Opera

PARIS



**Toutes les opérations
de Banque**

SUMÁRIO DO NÚMERO 37

<i>Aos nossos leitores</i>	R.
<i>A Nação</i>	Graça Aranha
<i>Lettres et arts de France</i>	Camille Mauclair
<i>A Liga das Nações</i>	Rodrigo Octávio
<i>Les Amantes</i>	Baronne A. de Brimont
<i>A mulher turca e o Paraíso de Mahomet</i>	João do Rio
<i>Uma aideia de riqueza</i>	Jaime de Magalhães Lima
<i>Na Bruma</i>	} António Patrício
<i>Brancura</i>	
<i>Importância das «Elites»</i>	Joaquim Manso
<i>Portugal na Grande Guerra – A batalha de La Lys</i>	Jaime Cortesão
<i>Chronique littéraire – Coup d'œil d'ensemble</i> ..	Francis de Moimandre
<i>O Porto de Lisboa</i>	Barros Queiroz

REVISTA DO MÊS

<i>O mês literário</i>	J. M.
<i>Crónica artística</i>	Manoel de Sousa Pinto
<i>Teatros</i>	B. e M.

NOTÍCIAS & COMENTARIOS

Capa de : Joaquim Lopes.

Desenhos de : Raul Lino e Alberto de Sousa.

Reprodução de : Joaquim Lopes.

BREVEMENTE:

A Aproximação Luso-Brasileira e a Paz

POR

JOÃO DE BARROS

Aillaud, Alves & C.^a

